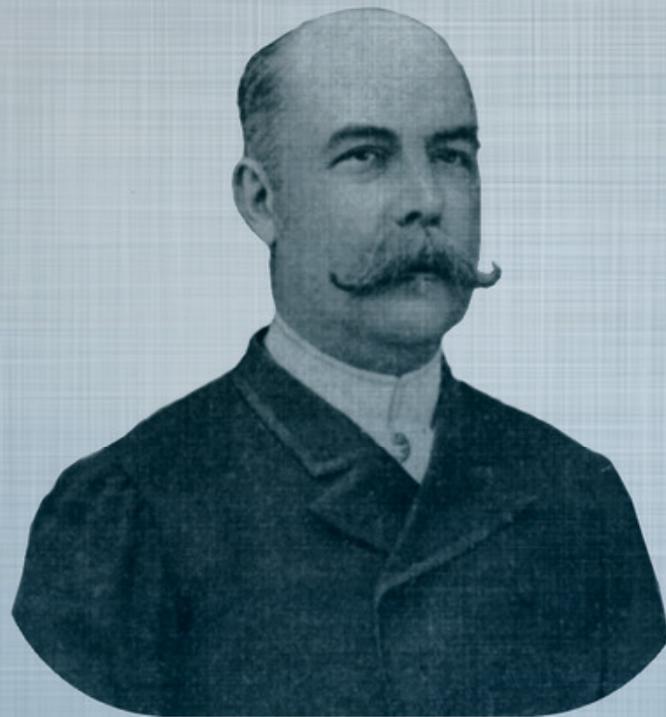


Prosa *Poeteiro* Verso  
Iba Mendes

# Literatura



Conde de Ficalho  
*Uma eleição perdida*



**Iba Mendes**  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)

# Conde de Ficalho

## *Uma eleição perdida*

---

Publicado originalmente 1888.

**Francisco Manuel de Melo Breyner  
(1837 – 1903)**

“Projeto Livro Livre”

**Livro 372**

---



Poeteiro Editor Digital  
São Paulo - 2014  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)



## Projeto Livro Livre

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras sob domínio público, como esta, do escritor português Conde de Ficalho: *“Uma eleição perdida”*.

É isso!

Iba Mendes  
[iba@ibamendes.com](mailto:iba@ibamendes.com)

## BIOGRAFIA

Era filho do marquês de Ficalho, Antônio de Melo Breyner Teles da Silva, e de D. Maria Luísa Braamcamp de Almeida Castelo Branco. Apesar de suceder seu pai no marquesado, nunca utilizou o título de marquês.

Matriculou-se na Escola Politécnica em 1855, e foi um dos estudantes mais distintos e premiados, concluindo brilhantemente o curso a 15 de julho de 1860. Através do decreto de 2 de janeiro de 1864 foi nomeado, mediante concurso prévio, para lecionar a cadeira de Botânica, naquela escola.

Casou em 1862 com D. Josefa de Meneses de Brito do Rio, dama de honor da rainha D. Maria Pia. Era filha de D. Pedro Pimentel de Meneses Brito do Rio, comendador da ordem de N. Sr.<sup>a</sup> da Conceição, senhor de vínculos na ilha Terceira, e de D. Maria Kruz.

Foi elevado a par do reino por carta régia de 29 de dezembro de 1881, sobre a qual prestou juramento e tomou posse na sessão da respectiva câmara de 4 de fevereiro de 1882. A data da concessão do título de conde é de 16 de junho de 1862.

Exerceu diversas comissões diplomáticas, e foi quem representou Portugal, como embaixador extraordinário, nas cerimônias da coroação do czar da Rússia em Junho de 1896. O seu nome foi várias vezes lembrado em diferentes situações políticas para ministro dos estrangeiros, mas nunca fez parte de ministério algum.

Era grã-cruz da ordem de Carlos III, de Espanha, e cavaleiro das seguintes ordens de Leopoldo da Bélgica, Leão dos Países Baixos, Águia Vermelha da Prússia, Legião de Honra de França, S. Maurício e S. Lázaro de Itália e Ernesto Pio de Saxe-Coburgo.

Os seus trabalhos literários e históricos são muito apreciados, chegando a colaborar em diversas publicações literárias e científicas. No antigo jornal *O Reporter* escreveu um curioso artigo, intitulado: *Quadro de costumes e paizagens alemtejanas*. Muito dedicado à história dos portugueses na Índia, pois quando faleceu estava a trabalhar numa obra, que parece ter ficado por concluir, acerca dos portugueses na Índia. Desta obra destacou-se uma monografia com o título de *Viagens de Pero da Covilhã* (1898). Escreveu ainda *Flóra dos Luziadas* (1880) por ocasião das festas do tricentenário de Camões; *Plantas uteis da Africa portugueza* (Lisboa, 1884), obra de muito valor para o estudo da flora medicinal; *Garcia da Orta e o seu tempo* (Lisboa, 1886), comentário aos *Colloquios* desse homem de ciência; *Colloquios dos simples e*

*drogas da Índia por Garcia da Orta (1891-1895). Os seus últimos trabalhos literários foram publicados na revista A Tradição, de Serpa, sob o título: Serpa sob o domínio dos sarracenos e Influencias mosarabes na linguagem dos pastores alentejanos.*

---

**Referência Bibliográfica:**

Portugal - Dicionário Histórico: Francisco Manuel de Melo Ficalho: [www.arqnet.pt](http://www.arqnet.pt). Transcrito por: Manuel Amaral

# ÍNDICE

UMA ELEIÇÃO PERDIDA.....	1
A CAÇADA DO MALHADEIRO.....	68
A MALUCA DA DOS CORVOS.....	74
A PESCA DO SÁVEL.....	82
OS CRAVOS.....	89
MAIS UMA.....	93

# UMA ELEIÇÃO PERDIDA

## CAPÍTULO 1

- José Duarte - leu alto o Castro, que tinha a cópia do caderno de recenseamento aberta diante de si.

A luz do candeeiro de petróleo, concentrada num círculo nítido pelo *abat-jour* de papel verde, iluminava fortemente a mesa, recortava sobre o pano escuro o quadrado branco do caderno, enebado nos ângulos pelos dedos, e punha toques vivos no tinteiro de latão bem areado, e na calva brilhante do Castro, inclinado sobre as colunas de letrinha miúda. O resto da sala, e as doze ou quinze pessoas, sentadas ao longo das paredes, ficavam numa penumbra vaga, onde de tempo a tempo luziam os pontos rubros dos cigarros, puxados em fumaças longas.

- Quem é esse José Duarte? - perguntou uma voz.

- E o sapateiro da Rua da Fonte.

- Ah! esse falo-lhe eu! é certo, marque-o lá... - disse um velho magro.

- Pudera... se o tem entalado por oito libras que lhe emprestou pelo Natal - observou em voz baixa um rapaz muito pálido de bigode preto, que escrevia na secretária da câmara.

- José Francisco Salgueiro - continuou o Castro.

- Falo-lhe eu - disse um grosso de suíças grisalhas. - Esse também é certo; lavra uma sorte na herdade de meu irmão Antônio, e não há de querer que lhe tirem a terra.

- Arrocho!!... - murmurou o amanuense da câmara, que decididamente tinha ideias subversivas...

- José Francisco Simões - ia continuando o Castro.

- Morreu há mais de dois anos - observou alguém.

- Então está seguro - disse uma voz no fundo da sala.

Duas ou três risadas altas acolheram esta graça um tanto fúnebre; mas o Castro, imperturbável, continuou a ler:

- José Francisco Tavares.

- Esse é todo deles!... é escusado falar-lhe.

- Quem é?

- É o feitor dos Carvalhos do Lendroal.

- Ah! sim, com esse não se faz nada!

- Já cá está uma cruz - disse o Castro; e leu:

-José Francisco Trigueiro.

- O sacristão, fala-lhe ali o nosso prior.

- Por eu lhe falar não seja a dúvida; mas olhem que ele já ma pregou mesmo à última hora na eleição da câmara - respondeu o prior, que se tinha levantado para acender o cigarro sobre o vidro do candeeiro.

O Castro interrompeu-se, enrolando também um cigarro; e um velhinho, já muito quebrado, aproveitou a ocasião para se despedir. Como o dono da casa o acompanhasse, ficaram um instante cá fora, no patamar da escada, enquanto o velho levantava a gola do capote, e puxava sobre as orelhas de pergaminho o barrete de seda preta.

- Vai-se hoje muito cedo, Sr. Cairão - disse o dono da casa amavelmente.

- Nada, não senhor, Sr. João Lopes, são as minhas horas... são as minhas horas respondeu o Cairão.

Prontos já a sair, com o capotinho azul abotoado em cima, e a bengala de castão de prata na mão, o Cairão acrescentou:

- Depois manda-me lá a lista dos eleitores que são meus criados ou meus seareiros.

- Esteja descansado, lá vai tudo em ordem; já disse ao Castro que tirasse a nota. E amanhã vem à estação?

- Vou, vou com toda a certeza. Sempre chega amanhã o nosso candidato?

- Chega amanhã sim senhor! Ainda hoje recebi uma parte confirmando-me a sua chegada. Vem aqui passar estes dois meses por conselho meu. Nós temos elementos poderosos, mas necessitamos congregá-los sem perda de tempo. Eles têm por si a autoridade, não recuam diante de meio algum; e nós devemos dar-lhes uma boa lição.

-Decerto... decerto. O Azevedo vai para a sua casa da Rua do Álamo, segundo ouvi?

- Vai! também por lembrança minha. É a antiga casa da sua família, e faz bom efeito na opinião vê-lo ali estabelecido.

A casa está muito mal preparada, como não pode deixar de estar uma casa desabitada há catorze anos...

- Já há catorze anos, como o tempo passa! - interrompeu o Cairão.

- Catorze anos seguros. Foi logo depois da morte da avó, a D. Margarida, que o rapaz partiu para Lisboa na companhia do tio, e que fecharam a casa... assim está ela! Mas enfim eu mandei-lhe fazer uns arranjos, tomei-lhe os criados, e o Dr. Azevedo não fica mal. Tinha-o hospedado aqui em minha casa com muitíssimo prazer; mas faz melhor efeito que vá para a sua própria casa, sendo, como é, um dos principais proprietários da localidade. Nestas coisas é necessário atender muito ao efeito.

- Decerto... decerto - disse o Cairão despedindo-se.

E desceu a escada, encostado ao corrimão, chamando o moço, que o esperava em baixo com a lanterna.

- Cuidado com os dois degraus de pedra da loja - gritou-lhe de cima o João Lopes.

Dentro, o Castro continuava a leitura; ia nos Manuéis.

## **CAPÍTULO 2**

Na tarde seguinte, o aspecto da estação era brilhante.

Em dias ordinários, a pequena casa caiada e o barracão das mercadorias, perdidos num país chato e feio, onde raras culturas zebravam de amarelo o verde-negro da charneca, tinham um ar muito abandonado, como se os pardais atrevidos, que piavam nuns eucaliptos magros e despenteados, fossem os seus

únicos habitantes. E, defronte, na erva alta de uma terra inculta, alguns fardos de cortiça, denegridos pela chuva, melancolicamente alinhados, pareciam irremediavelmente esquecidos, esperando o comboio de mercadorias do dia de juízo. À passagem dos trens, a estação mal acordava daquele sono; às vezes não desciam passageiros. O carregador, aborrecido e vagaroso, tirava do *break* volumes de encomendas, enquanto o chefe, um gordo de barba por fazer, conferia papelinhos amarelos com o condutor; e, lá fora, atada à cancela de ferro da passagem de nível, a mula velha do correio abanava as orelhas, sacudindo as moscas.

Mas, naquela tarde, a estação mudara completamente de aparência. O comendador João Lopes, o chefe do partido, veio na sua carruagem grande dos machos castanhos; o Galvão e o sobrinho na traquitana de cortinas; o Castro no carrinho, com o Loureiro da loja; e o João Gualberto, presidente da câmara transacta, a cavalo com todos os rapazes - o Moniz da botica, o amanuense da câmara e os outros. Um carro toldado transportou a *Civilização e Harmonia*, a filarmônica de feição oposicionista. E o Castro havia recrutado na vila uma ou duas dúzias de rapazitos, que, juntos aos criados de lavoura do Galvão e do Lopes, deviam representar as massas populares. O Lopes tinha mesmo - com uma louvável preocupação da cor local - mandado vir o seu rancho da monda, que andava ali perto nos tremeses da sua herdade do Freixo.

Esta parte mais popular da recepção estava pouco animada. As mondadeiras, não percebendo bem a que vinham, apertavam-se a um canto, como um rebanho de ovelhas assustadas; e ao pé das raparigas, os ganhões, com as grandes mantas riscadas a rastos, esperavam tranquilos, um tanto cépticos, numa indiferença fatalista de semitas. Mas enfim, o efeito geral era bom. O Castro multiplicava-se, alinhando a filarmônica, dispondo os grupos de ganhões, falando às moças pelos seus nomes.

Quando, à chegada do comboio, o Júlio de Azevedo, no seu fato de viagem verde-escuro, com o coco cinzento à banda, a luneta de um vidro só encaixada na órbita, e o bigodito atrevidamente retorcido, saltou sobre o asfalto, foi recebido ao som do hino da Carta, e dos vivas, levantados pelo Castro, e frouxamente correspondidos pelos ganhões. O comendador adiantando-se para ele, assegurou-o:... “da satisfação e justo orgulho com que os seus patrícios acolhiam um moço, que no alvorecer da vida era já a glória da terra, que lhe fora berço”.

Houve depois um momento de confusão, em que todos procuraram as carruagens e os cavalos, enquanto as mondadeiras e os ganhões dispersavam a pé, e os músicos trepavam para o carro, com os trombones mal limpos debaixo do braço. Afinal toda a linha de veículos e cavaleiros se pôs em movimento,

levando na frente a carruagem dos machos castanhos, com o João Lopes e o candidato.

- Temos perto de oito quilômetros a andar, Sr. Azevedo - dizia o comendador. - E por culpa dos engenheiros, que o caminho-de-ferro podia ter chegado mesmo aos farrejais da vila... coisas da nossa terra!

O trote dos machos deixava já atrás a charneca; e a estrada seguia por uns chaparrais arroteados de novo, onde o sol oblíquo da tarde dourava a baganha das aveias maduras. Na carruagem o comendador ia nomeando e explicando os sítios; e, numa volta, apontando para a direita, disse ao seu companheiro:

- A sua herdade da Gafeira, Sr. Azevedo.

Então, o rapaz debruçou-se, subitamente interessado. Em Lisboa, quando recebia as rendas em letras sobre Anjos e C.<sup>ª</sup>, ou sobre Mayer e Filhos, tinha apenas a impressão vaga de ser rico; mas agora, aquela encosta de montado, onde as sombras das azinheiras desciam muito longas, e os últimos raios de sol punham uma gaze alaranjada sobre a erva viçosa, deu-lhe a sensação forte e nova da propriedade, de uma coisa que era sua, de árvores e de terra que lhe pertenciam. Ao lado, o comendador continuava as suas explicações:

- Uma boa herdade, muito boa de pastagem no cedo; é talvez o melhor invernadouro do concelho. Mas boa, o que se pode chamar boa de lei, é a sua Pedra Negra...

E abrangendo num gesto vago todo o lado do nascente, como se lhe quisesse marcar onde ficavam, ele ia dando ao Azevedo uma miúda descrição das suas terras.

Os machos subiram a longa encosta a passo. Agora a carruagem chegava ao alto, donde se dominava o largo vale, com as manchas escuras dos olivais, apagados na luz morta do crepúsculo; e, em frente, o perfil da vila e as torres quadradas da matriz, negras no violeta do céu. O Júlio começava a reconhecer os sítios. A linha familiar da vila, uma ponte à esquerda sobre o ribeiro, o portão velho de uma horta, acordavam pouco a pouco no seu espírito as impressões de infância, que ali dormiam esquecidas havia tantos anos.

Afinal, a carruagem rodou sobre a calçada, atravessou a praça por entre os grupos de curiosos, e toda a comitiva, num grande ruído de escorregões de mulas e de guizeiras, parou à porta do comendador.

- Por aqui, Sr. Azevedo, por aqui se me faz favor - dizia o João Lopes entrando na loja, e virando à esquerda para uma casa grande ao rés-do-chão, onde estava

armada uma mesa de vinte talheres. - A primeira coisa necessária depois de uma jornada destas é uma sopa quente, por isso eu tomei a liberdade de o trazer diretamente a esta nossa casa.

Confidencialmente acrescentou:

- Peço-lhe desculpa de lhe não apresentar hoje minha esposa e minhas irmãs, mas estamos mais à vontade só com os amigos... e estas coisas da política não interessam às senhoras.

E como todos entrassem, parando à porta da sala, o comendador distribuiu os lugares:

- Galrão faz-me favor senta-se aí defronte; Sr. Azevedo à minha direita; João Gualberto aqui à esquerda; meus senhores, fazem obséquio, sem cerimônia.

As moças, muito limpas, com os lenços de chita cruzados sobre os peitos duros, começaram a servir a sopa, e estabeleceu-se um silêncio profundo; mas pouco a pouco a conversa animou-se. O comendador completava as apresentações, rapidamente feitas no barulho da estação:

- Sr. Azevedo, o Sr. Galrão, um antigo amigo de sua avó, e de todos da sua família.

- Decerto... decerto, um grande respeitador da Sr.<sup>a</sup> D. Margarida, que sempre me honrou com a sua amizade.

- Talvez se lembre ainda do nosso Moniz? - disse o comendador, indicando um rapaz gordo na extremidade da mesa.

Como o Júlio hesitasse, o Moniz explicou:

- Eu tive o gosto de andar no latim com V. Ex.<sup>a</sup> Então o Júlio lembrou-se, e numa inspiração de bom rapaz exclamou:

- É verdade... és tu Antônio!

E o Moniz, muito lisonjeado, levantou-se do seu lugar, e veio fazer *shake-hands* com o candidato em grandes expansões de velhos amigos.

As moças passavam travessas de frango ensopado e perus assados, indo de quando em quando à porta do fundo receber as ordens de uma autoridade invisível e suprema. Começavam a acender-se os cigarros - à espanhola. E,

depois do arroz-doce, todos falaram alto, principalmente da eleição. O Júlio foi então miudamente informado... “do estado das coisas, das influências em jogo”.

Soube que o José Carlos não trabalhava por estar mal com o cunhado, desde as partilhas que fizeram por morte da tia; e que o Sá devia três contos e quinhentos aos Carvalhos do Lendroal, que o apertariam para o pagamento se ele saísse a campo; soube que os eleitores da aldeia de S. Miguel só viriam à urna se lhes consertassem o telhado da igreja; e os da Corte Pequena se lhes aforassem o baldio; soube que o José Antônio tinha um lugar prometido na alfândega; e o Antônio José queria tomar uma empreitada na construção da estrada municipal. E desta ladainha de nomes próprios desconhecidos, destas coisas pequenas e vazias, elevava-se pouco a pouco como um grande tédio, que se misturava com o calor da casa, e com o cheiro forte da comida.

O Azevedo combateu a custo esta sensação de enjoo, fumando cigarros *laferme*, e bebendo golinhos de aguardente de erva-doce do comendador, que na verdade era excelente - parecia *anisette*.

### **CAPÍTULO 3**

Já passava da meia-noite, quando o Moniz e o Castro, com três ou quatro dos mais entusiastas, vieram acompanhar o candidato a casa, e se despediram dele à porta do palacete da Rua do Álamo.

Ao entrar na loja, grande, úmida, calçada de seixo miúdo, imperfeitamente alumiada pela moça, que levantava na mão um candeeiro de três bicos, o Júlio recebeu uma impressão fortíssima. Aquela casa era a sua, a velha casa dos Azevedos, onde tinham nascido e vivido todos os seus, onde ele próprio nascera e se criara. Mal se lembrava dos pais, mortos sendo ele ainda muito criança, mas conservava viva a memória da avó. Era já um rapazito crescido, quase um homenzinho, quando, entre as criadas que soluçavam, veio ajoelhar ao lado da cama, em que a velha senhora, serena e branca, expirava docemente. E parecia-lhe ainda sentir na testa o contacto dos seus beijos já frios, num último beijo em que ela pôs todo o seu amor, um amor mais que maternal. Parecia-lhe ainda ver aquela mesma loja, como estava na tarde do enterro, toda cheia de convidados; e ele, um rapazito pálido, vestido de luto, de pé no alto da escada, assistindo à saída do caixão, que descia por entre as capas pretas dos irmãos da Misericórdia e as luzes vermelhas das tochas. Dias depois, partia dali com o tio e tutor, o Dr. Manuel de Azevedo, então juiz da 3ª vara em Lisboa, que viera de propósito buscá-lo; e, naquele mesmo sítio em que agora ficara parado, grupavam-se os criados da casa, a velha Mariana, o João coxo que dava água, todos eles, todos chorando ao verem o menino subir para a antiga traquitana da família, que o levava para a estação... para tão longe! Lembrava-se bem da

longa viagem, metido a um canto do compartimento de primeira classe, sentindo as lágrimas a bailarem-lhe nos olhos. E do seu espanto de pequeno alentejano, que só vira as ribeiras quase secas, orladas de loendros floridos, quando ao chegar ao Barreiro entrou no vapor - o Sol caía para além de Almada, e a enorme superfície da água, rosada, espelhada, apenas vibrante, estendia-se até aos pés da grande cidade, refletindo as suas casarias resplandecentes.

Como eram dolorosas e doces ao mesmo tempo estas evocações das velhas coisas, ainda agora quase esquecidas! E as primeiras recordações pareciam suscitar todas as outras. Numa concentração súbita, viu a sua vida inteira. O tempo do colégio, e as visitas ao domingo a casa do Dr. Manuel de Azevedo na Rua da Emenda, uma casa tranquila e triste, sem crianças, onde a tia, pálida e loira, lhe dava um beijo distraído, e tocava piano na sala escura, com os *stores* descidos. Os anos da Universidade, deixando-lhe uma impressão confusa e já remota, de trabalho, de cantos de rouxinóis ao luar, e de fados corridos. Ali, o rapaz passava pouco a pouco a homem, afirmava a sua situação de estudante premiado, de membro influente de um cenáculo literário, de redator principal do *Facto*, um jornal positivista, bastante avançado e algum tanto ingênuo. Mas o tempo corria, e um dia achava-se bacharel formado em Direito, maior, independente e rico - muito mais rico mesmo do que tinha imaginado. Começava então a sua vida ociosa de Lisboa, com os quartos de *garçon à la chambre* às Chagas, com os jantares no Bragança, com a cadeira em S. Carlos, com a série dos amores fáceis, as Lolás e as Cármens, entremeadas de duas ou três portuguesas, uma modista de chapéus do Matos e Irmão, e a Adelaide do Príncipe Real. Destas nebulosas do amor destacava-se um pouco a sua grande aventura com a D. Sofia, a mulher do Mosqueira do banco; uma aventura esboçada no fim da estação de S. Carlos da cadeira para a frisa, desenrolada durante o Verão no terraço do Vítor, e prosaicamente rematada em um quarto com saleta, alugado aos meses na Rua dos Douradores. No fundo uma aventura tão banal como todas as outras, deixando-lhe a mesma impressão de vazio triste. E era tudo, toda a sua vida durante quatro ou cinco anos. Apenas uns restos de amor ao trabalho e à Arte, as correspondências semanais para o *Facto*, um livrito de contos e estudos da rua, publicado sob o título de *Asfalto e macadame*, o haviam preservado de cair absolutamente na irremediável chateza da reles vida elegante.

Parecia-lhe singular, que nestes últimos anos tão despreocupados e inúteis se não tivesse lembrado uma só vez de visitar a sua terra e a sua casa; e no entanto era assim. Deixara ao tio, mesmo depois de formado, todos os cuidados da administração; a sua vida ociosa retinha-o com o imperioso despotismo da monotonia; e as recordações da província iam-se lentamente apagando. Fora necessário que uma candidatura, oferecida pelo João Lopes e outros amigos do Manuel de Azevedo, o viesse arrancar aos seus hábitos; e só agora, ao cabo de catorze anos, entrava de novo na sua casa. Mas aos primeiros passos dados

naquela loja, toda a sua infância revivia, nítida, atual, como se nunca dali tivesse saído; e, por um fenômeno curioso, eram os acontecimentos da véspera, que pareciam recuar para um passado remoto, numa flutuação de coisa falsa, sonhada.

Parado na porta, o Júlio não via a moça, que continuava a erguer na mão o candeeiro, nem a outra criada, esperando em cima no patamar. E as duas, admiradas já daquela imobilidade, pensavam lá consigo: “...que o senhor era muito esquisito”. Quando afinal reparou nelas, teve um desejo irrefletido de as mandar embora, uma necessidade de ficar isolado, como um pudor dos seus sentimentos; e, tirando o candeeiro das mãos da moça, disse para as duas:

- Podem-se ir deitar, eu não preciso mais nada esta noite.

Então, só, com uma espécie de respeito religioso, começou a visitar a casa. Estava muito abandonada e velha. Dos vidros partidos, dos postigos desconjuntados e podres, vinham correntes fortes de ar, em que a luz do candeeiro, mal abrigada pela mão, vacilava, pondo nas paredes das salas caiadas clarões incertos, cortados de grandes sombras oscilantes. Em cima, os tetos de castanho, denegridos pelo tempo, esverdeados pela água que filtrava dos telhados, ficavam numa obscuridade indecisa. Os móveis antigos, tamboretas de couro mal de aprumo, contadores de pau-santo sem ferragens, encostavam-se às paredes, como abatidos pela idade, procurando um arrimo. E as manchas escuras dos grandes armários vazios, recortavam-se na cal branca, que se esfacelava em partes, deixando ver o reboco. Alguns ratos escaparam-se ao longo das paredes; e, numa das salas, dois ou três morcegos giravam no seu voo incerto e sem ruído.

Mas o Júlio não sentia este abandono; visões alegres, claras, da sua vida de criança, povoavam, iluminavam em volta dele aquele pardieiro. Os móveis, as paredes, eram como amigos velhos, vistos ao cabo de longos anos, que recordam o passado com circunstâncias pequeninas, muito definidas: cá estava o corrimão de pedra da escada, polido da mão rude dos ganadeiros que vinham ao avio, e que ele descera tantas vezes, a cavalo, deixando-se escorregar; com grandes sustos e muitos ralhos da velha criada Mariana; o armário alto donde furtava as peras, quando a Mariana descia à adega medir azeite para os pastores; e o outro armário mais pequeno, sempre fechado à chave, onde se guardava o doce, uma gila encandilada, e uns quartos de marmelo ressequidos com cravo de cabecinha, que a avó lhe dava sobre grandes fatias, nas merendas das tardes de Verão. Parecia-lhe então ver passar a avó, alta, magra, um pouco deitada para diante, com os cabelos brancos alisados sob o lenço de seda preta, o xale de lã cinzenta nos ombros, levando na mão o molho das chaves luzidias, que se chocavam num tinir fino. Que encanto eram para ele aquelas chaves! Como gostava de ver abrir as arcas, donde se tiravam os lençóis de linho, e as

toalhas de mesa de Guimarães, tendo um cheiro bom, de roupa bem lavada, seca ao sol pelas colinas aromáticas, sobre moitas de tomilho e rosmaninho! Ou então, nos dias de festa, o armário da prata, donde saíam as salvas grandes, com lavores maciços, um pouco denegridas!

Quantas coisas, ontem tão esquecidas... e agora vivas, nítidas, como se se estivessem passando naquele momento! Mais nítidas, talvez, porque a memória dá às vezes como umas provas fotográficas, que parecem mais definidas que a própria realidade.

E o futuro deputado, o céptico redator do *Facto*, sentiu um nó na garganta e os olhos rasos de lágrimas...

Sacudiu este enternecimento pouco digno, e foi em busca do seu quarto, onde havia um conforto relativo. O esteirão novo do Algarve, o travesseiro de folhas, a colcha de cetim, denunciavam os cuidados e a solicitude do comendador.

Já ali estava a sua bagagem. O Júlio abriu o *Gladstone bag*, dispôs sobre a pedra da cômoda a complicada coleção de frascos e escovas, e, depois de proceder minuciosamente à sua *toilette* noturna, procurou o romance começado, a caixa de *pheresly três fort*, acendeu o último cigarro, e estendeu-se na cama. Achava-se numa disposição feliz. A emoção de estar na velha casa da sua família dissipara a impressão desagradável da conferência eleitoral. Aos vinte e oito anos, com uma boa fortuna, um nome já feito, uma liberdade completa, e a porta aberta para a vida pública, parecia-lhe bom viver. Adormeceu, tendo visões vagas de triunfos oratórios, de ministérios derrotados e desfeitos a grandes golpes de eloquência.

## CAPÍTULO 4

Era tarde, quando ao outro dia o Júlio de Azevedo abriu a janela do seu quarto, e, assustando as lagartixas, que durante anos haviam gozado a posse tranquila da pedra da sacada, veio encostar-se à velha grade de ferro forjado, com um cigarro entre os dentes. Ao sair da atmosfera um pouco úmida do grande quarto ladrilhado, o ar daquela esplêndida manhã de Maio envolveu-o num banho tépido.

O Sol ia alto; e da cimalha da casa caía sobre a ruazita só, muito quieta, uma estreita faixa de sombra. Da sua janela elevada, o Júlio dominava os telhados das casas térreas fronteiras, e os seus terraços de ladrilho, orlados de craveiros, plantados em fundos de bilhas partidas; devassava mesmo os segredos dos pequenos quintais, que se estendiam por detrás das casas. Havia ali um cantinho de vida doméstica, surpreendida na sua intimidade tranquila e

abandonada: grupos de galinhas em boa camaradagem com porquitos ruivos; alguidares ainda cheios de água espumosa do sabão; roupa molhada, enxambrando ao sol presa de cordas, imóvel no ar parado, muito clara na luz intensa; e, num quintal um pouco maior do que os outros, como um toque de esmero nas ruas varridas, nos goiveiros amarelos, nas rosas vermelhas brilhando por entre as ramas das árvores. A vila por aquele lado alargava-se pouco, e o campo começava logo para além dos quintais, desenrolando-se em ondulações doces. Em frente, umas colinas baixas, vestidas do verde frio dos olivais, limitavam o horizonte; mas à direita, na queda do terreno, o vale abria-se em uma larga várzea de trigos altos, amadurecendo já num tom claro de espigas. E, ao longo do ribeiro, marcado pela linha de faias esguias, os laranjais e romeirais das hortas destacavam-se em manchas escuras, picadas de pequeninas casas brancas. Pela abertura do vale, a vista alongava-se aos tons dos planos distantes, esfumados, esbatidos, adelgaçados até à cor docemente azulada das últimas serras, fundidas quase no azul-claro do céu. Havia ainda na entoação fina dos verdes, na folhagem vibrante, uma frescura nova de primavera; mas os cevadais quase brancos, os trigos espigados, o fundo morno do ar, anunciavam já a proximidade do ardente verão alentejano.

O Júlio ficou ali muito tempo, embalado pela absoluta quietação. Na rua não passava gente; as andorinhas corriam, tocando quase as pedras da calçada no seu voo rasteiro, quebrado em voltas rápidas; ou vinham, com um pequenino grito alegre, pousar nos ninhos presos à cimalha. Ao fim da rua, por cima das árvores de um quintal, via-se um dos torreões das antigas muralhas da vila, e em volta os gaviões revoando, passando como pontos negros, apenas distintos, na limpidez clara do céu. Um grande silêncio abafava tudo; um destes silêncios mortos, pesados, de vila de província donde todos saíram para o trabalho, que deixava ouvir, lá ao longe, no vale, o bater da roupa nas pedras do ribeiro, e as vozes das lavadeiras bradando pelos filhos.

Todas estas coisas tão conhecidas, tão familiares, tão absolutamente iguais ao que tinha deixado, acordavam no espírito do Júlio os velhos tempos esquecidos; sentia reviver as suas impressões de infância nas formas, nos sons, até nos cheiros - naquele perfume bravo, muito alentejano, que subia das medas de estevas, empilhadas à porta do forno. E, quando as onze horas soaram lentamente na torre da matriz, ele teve a sensação fantástica de que o tempo só agora recomeçava a correr, de que tudo parara durante a sua ausência, de que a vilazita de província o esperara, imóvel e adormecida como a princesa de um conto de fadas.

Depois, pelos postigos abertos de uma das casas fronteiras, começou a sair o som das vozes de criança soletrando. Era um soletrar antigo, cantado, estranho à influência de João de Deus; mas as vozes puras das pequerruchas davam graça à cantilena, fundiam-se num chilrear alegre com o canto das andorinhas nos

ninhos da cimalha. E, de repente, aquela casa, em que agora reparava melhor, evocou no espírito do Júlio uma nova onda de recordações.

Aquela casa fora mais sua do que a sua própria. Morava ali nos antigos tempos o João Pascoal, o escrivão. Era um homem alto, malfeito, desgracioso, com os olhos úmidos, muito tímidos. Tinha uma única paixão - a dos pássaros. As horas que podia roubar às audiências, ao escrever monótono no papel selado, passava-as pelos valados e barrancos, armando. E o Júlio estava sempre em casa dele, ajudando-o a fazer gaiolas de cana, ou a consertar as redes das codornizes, vendo-o preparar grandes tachadas de visco.

Que boas tardes de Verão tinham passado juntos, quando ao sair da aula do padre Salgado vinha a casa deixar a *Selecta*, e pedir licença à avó para ir com o Pascoal! Com que seriedade o escrivão o iniciava nos segredos da arte, ensinando-o a distinguir os chamarizes dos tentilhões, fazendo-o escutar o canto dobrado dos chapins reais - os cheichapins, como ele dizia -, ou o prrrt... metálico dos trigueirões, pousados sempre nos mais altos raminhos das moitas! Que ansiedade quando a bandada dos pintassilgos se dirigia para as varas... eles deitados atrás de um valado, e o Pascoal pondo-lhe a mão no ombro, fazendo-o estar quieto... quieto... sem respirar! Que ferros, quando ao longe estalava a funda de um guarda de vinhas, e todo o bando fugia assustado! Que bons tempos!

O Pascoal fora sempre pobre e pouco considerado. Chamavam-lhe o *passarinheiro*. Era um sonhador, um poeta a seu modo. Ficava horas esquecidas escutando os melros nos balseiros, ou os papa-figos nos chaparraís, vendo as névoas brancas, leitosas, a levantarem-se dos barrancos, e a luz, coada pela folhagem verde, a acordar reflexos nos espelhos das péguias. Depois, chegava tarde, suado, mal arranjado para as audiências. Sujava os autos de visco. E - coisa mais grave - apesar de pobre, esquecia-se às vezes de receber o dinheiro dos órfãos e das viúvas, o que indignava algumas pessoas sérias, como um mau exemplo.

- Quer-se fazer generoso, e não tem onde cair morto, que tolo! - diziam.

Pobre Pascoal, que seria feito dele? Decerto já não morava na mesma casa, pois agora era ali a escola. Devia estar muito velho, se vivesse? E as filhas, deviam estar duas mulheres, a mais moça talvez casada? Lembravam-lhe agora as duas pequenas, com quem brincava, que tratava como irmãs; e parecia-lhe estranho, mal feito até, ter-se esquecido da sua existência tantos anos.

A mais velha, a Henriqueta, devia ter a idade dele. Era uma rapariguinha galante, com perfil fino, olhos grandes, e um esplêndido cabelo castanho; mas era contrafeita, coitadita. Os seus ombros desiguais, as suas mãos delgadas,

demasiado compridas, muito brancas com veiazitas azuis, e o seu sorriso triste, faziam pena. A Margarida - uma afilhada da avó - era pelo contrário uma criança linda, direitinha, de um trigueiro sadio, tendo uma alegria constante nos olhos pretos, e um cabelo crespo, vigoroso, escuro na sombra, mas cheio de reflexos vermelhos, quase ruivos, quando o sol o feria. Lembrava-se bem da amizade terna que tinha à pequenita. Na sua importância de homenzinho, julgava-se o seu protetor natural; e ela admirava-o muito - a sua superioridade de rapaz de treze anos, já crescido, as suas audácias, as suas invenções. Como ela ria, quando ele, trepado ao damasqueiro grandão no fundo do quintal, lhe lançava os damascos no regaço; enquanto a corcundita, muito séria, já maternal, ralhava com os dois! Decididamente queria vê-las hoje... agora mesmo... ia perguntar à criada se o Pascoal vivia, onde morava?... Mas nisto uma rapariga delgada apareceu em baixo no quintal grande das roseiras, que pertencia à escola; e começou a despregar das cordas a roupa já enxuta. Para tirar os alfinetes, levantava-se nos bicos dos pés, erguendo nos braços nus, curvando a cintura flexível; e o sol, caindo sobre ela, dourava-lhe ligeiramente a massa espessa dos cabelos escuros. Passados instantes, como se sentisse de longe o peso do olhar do Júlio, voltou-se, deu com ele na janela, corou e fugiu para dentro. Era a Margarida... com certeza... e quase a mesma, com os seus olhos alegres, com o seu cabelo crespo de criança! Então... ainda ali morava o Pascoal! E o Júlio, num primeiro impulso, desceu a escada, atravessou a rua sem chapéu, meteu o braço pelo postigo da porta, correu o ferrolho muito seu conhecido, e entrou na escola.

À sua entrada, quinze ou vinte pequenitas interromperam a leitura, contemplando-o pasmadas, com os olhos redondos de admiração; e, do estrado do fundo, a corcunda levantou-se, alegre, um pouco perturbada a princípio:

- O Sr. Júlio!

- A mana Henriqueta - disse o Júlio, usando instintivamente o antigo tratamento, e apertando nas duas mãos as mãos débeis da inválida.

- E o Pascoal? - perguntou.

- O pai está muito doente, entrevado! Mas venha vê-lo... ele vai ficar tão contente.

E levou-o pelo corredor ao quarto do fundo, que dava sobre o quintal, onde o escrivão, muito acabado, com o cabelo todo branco, estava sentado na cama.

- Ó pai, o Sr. Júlio - disse a Henriqueta.

- O menino Júlio!... o menino Júlio! E tão crescido... um homem! E não se esqueceu do pobre Pascoal, veio logo cá... - dizia o velho chorando, na facilidade banal das lágrimas, que dão a fraqueza e a doença.

Então o Júlio, querendo cortar aquele enternecimento, e reparando nas gaiolas penduradas das paredes, perguntou-lhe pelos pássaros.

- Ai! ainda se lembra! Eu já não vou armar, estou aqui preso na cama vai para cinco anos, com o reumático. Mas vai o Pedro... o Pedro, o filho do carpinteiro... há de ter ideia dele? E olhe o rapaz tem jeito, tem muito jeito...

Nisto entrava a Margarida, que tinha posto um lenço novo nos ombros, e tentado alisar o cabelo, tão rebelde como em criança.

- Sabes Margarida... - disse o Júlio, indo para ela; mas emendou-se, ao vê-la tão mudada, tão mulher: - Sabe, conheci-a logo, logo. De mim é que já se não lembrava?

- Então não havia de lembrar - respondeu a rapariga, corando. - O pai falava tantas vezes no Sr. Júlio, e mais agora, sabendo que o esperavam.

Ficaram ali de pé conversando, o velho em êxtase diante do seu menino, do seu grande valido, as raparigas voltando rápida e facilmente à velha intimidade de crianças. O Júlio fez mais perguntas; quis saber o que se tinha passado naqueles longos anos; e a Henriqueta então contou-lhe como tinham sofrido grandes privações, necessidades até, depois de o pai cair de cama, e ser obrigado a deixar o lugar. Venderam uma a uma as suas fazenditas, o olival da Fonte Fria, os três milheiros de vinha à Camada; só lhes restava aquela casa. Agora estavam um pouco melhor; a Henriqueta ensinava primeiras letras.

- Ao princípio não queriam mandar as pequenas, por eu... ser assim - dizia ela com o seu antigo sorriso triste. - Mas agora vêm muitas, e todos na vila são muito bons para mim.

A Margarida trabalhava para fora, cosia, engomava, fazia renda.

- Tem muita habilidade - acrescentava a Henriqueta com orgulho.

O tempo corria rapidamente. O Júlio achava-se em família, contente de ver o velho sorriso tranquilo e resignado da mana Henriqueta, e a pequenina Margarida, transformada naquela rapariga airosa, adoravelmente bonita no seu vestidinho pobre e no seu lenço vermelho. Conservava os fortes cabelos crespos, e o olhar alegre e claro de criança; mas, vendo-a bem, estava muito mudada, com o oval mais longo e afinado, com uma expressão nova, funda e

doce, nos seus esplêndidos olhos negros, levemente pisados em roda. E o rapaz ficou-se a olhar para ela, enlevado, voltando-lhe a ternura protetora dos tempos passados, sentindo já, como a Henriqueta, um orgulho de irmão mais velho.

O candidato esquecera-se completamente da hora, do comendador e da eleição, quando ouviram bater à porta. A Margarida foi lá fora correndo, e voltou a dizer: “...que a moça vinha chamar o Sr. Azevedo, porque o Sr. João Lopes e muitos senhores estavam defronte, no palácio, à sua procura”.

## **CAPÍTULO 5**

O candidato atravessou a rua, subiu os degraus da escada dois a dois, como nos bons tempos de rapaz de escola, e entrou na sala desculpando-se de se ter demorado um instante:

“tinha ido ali defronte, visitar o seu velho amigo Pascoal”.

- E muito o honra não olvidar as pessoas com quem tratou na infância, mormente sendo... enfim sendo pessoas de condição humilde, observou benignamente o comendador.

Estavam já ali, além do João Lopes, o Castro, o Moniz e mais alguns convidados do jantar da véspera, com três ou quatro novos amigos políticos. O Moniz apresentou particularmente um destes, um rapaz amarelo, apertado na sobrecasaca preta, com uma gravata de cetim azul bastante ensebada:

- O meu amigo José Mena.

- Tenho o maior prazer em conhecer pessoalmente a V. Ex<sup>a</sup> - disse o rapaz, estendendo a mão ao Júlio. - Tenho admirado muito os seus belíssimos artigos no *Facto*.

- O Mena também é escritor, é uma das ilustrações cá da nossa terra - explicou o Moniz.

- Pelo amor de Deus! - atalhou modestamente o Mena.

- Publiquei apenas alguns contitos insignificantes, muito singelos... um pouco vividos talvez... naquele gênero simples do Daudet.

- Ah!... no gênero do Daudet! - disse o Júlio numa surpresa profunda.

- E escrevo as crônicas literárias no jornal do distrito, no *Clarão do Sul*. É possível que V. Ex! as tenha notado?

- Li alguns números do jornal, mas não... não me lembro bem...

- E u na crônica não uso o meu nome, assino Sagaz.

- Ah!!

A entrada de novas visitas veio interrompê-los. O comendador fazia cerimoniosamente as apresentações; e os amigos políticos sentavam-se em roda, com os chapéus altos sobre os joelhos, enquanto o Júlio começava a notar com uma certa inquietação, que tinha poucas cadeiras, e algumas quebradas.

Mas a conversa tornou-se geral. O João Gualberto falou: “na situação desgraçada do país”. Então o Lopes, com as pernas abertas, as mãos nos joelhos, expôs as suas ideias:

- O que não pode continuar é esta desconsideração sistemática da propriedade. A agricultura, a nossa primeira indústria, descurada; salários cada vez mais caros; encargos pesadíssimos; o preço do gênero como todos nós, sabemos; nisto é que ninguém pensa. Porque afinal quem nos governa são empregados públicos... moços de inteligência, não há dúvida!... mas sem sisudez, sem terem interesses ligados à terra...,

- E que no fim de contas o que querem é comer, interrompeu o Castro mais positivo.

- Não digo tanto, Castro, não digo tanto!... Ainda que desgraçadamente parece, que alguns se têm locupletado à custa dos dinheiros públicos, O remédio, tenho-o eu dito muitas vezes, está em restituir à propriedade a sua legítima influência. A propriedade territorial é a verdadeira, é a única aristocracia dos nossos dias...

- Não devemos esquecer a aristocracia do talento, Sr. João Lopes - observou o Mena.

- Ora, sior Mena - atalhou o Castro sempre positivo. - Faz favor de me dizer o que paga a tal aristocracia do talento? Quem paga é a terra, e quem deve governar é quem paga... tudo o mais são histórias.

- Felizmente o nosso Azevedo reúne as duas aristocracias - disse o Moniz conciliador.

O Júlio tinha-se levantado para ir receber o velho Galvão, que entrava, coberto pelo capotinho apesar do calor; e lhe apresentou um homem gordo, de suíças

brancas, sem gravata, com os colarinhos altos, bem lavados, presos por dois botões de filigrana de ouro:

- Sr. Dr. Azevedo, o Sr. Francisco Dias, um antigo amigo de toda a sua família.

- Ora ainda bem que torno a ver um Azevedo nesta casa! - disse o lavrador, apertando fortemente a mão fina do candidato.

E começou a falar-lhe do pai, da avó, “uma santa senhora, uma dona de casa como já as não havia”; tudo isto num tom de amizade, de respeito sincero pelo nome e pela família dos Azevedos, que lisonjeou o rapaz, descansando-o da eloquência do comendador. Gostou do homem, achou o original, muito fino sob a sua bonomia rude.

Mas o Mena veio dizer-lhe ao ouvido, com a familiaridade de um confrade em letras:

- Um bom tipo, hem! V. Ex.<sup>a</sup> vai-se divertir muito com estes selvagens.

E o Júlio sorriu, pensando que o bom tipo, o tipo divertido e reles, era o Mena e não o lavrador.

As visitas demoravam-se, hesitando em se despedir. Mas, quando o Moniz e o Mena deram o exemplo, foi uma debandada geral. Agora ficavam unicamente o João Lopes, o Galrão e o Castro, de pé junto de uma das janelas. E sós, mais à vontade, o Lopes desenvolveu o plano de campanha:

- Passado amanhã vamos a S. Gens, por causa do João Máximo. O João Máximo está duvidoso.

- Ah! O João Máximo está duvidoso? - disse o Júlio para dizer alguma coisa.

- Está! O homem está retirado. Ficou descontente desde a última eleição... desde o caso que se deu com o Dr. Frágoso. Há de saber?

- Bem sei - respondeu o Júlio, que não sabia nada.

- Pois ficou; mas indo nós lá, estou certo que o levamos a campo. E pode dar-nos um bom contingente... ele tem ali muita influência!

- Não esqueça a carta para o visconde - insinuou o Castro.

- Ah! é verdade; fez bem em me lembrar, Castro. É necessário que o conselheiro Freitas escreva ao visconde.

- Eu mando pedir a meu tio que lhe fale, e estou certo que o Freitas manda imediatamente a carta.

- Pois é urgente. O visconde sempre pertenceu ao partido, mas tem antigas relações de amizade com este governador civil, e por ora não quis dar a cara. Escrevendo-lhe o conselheiro Freitas, que foi quem lhe deu o título, quando era ministro do Reino, estou certo que se decide...

Mas o comendador interrompeu-se, vendo o relógio; e, dirigindo-se de novo para o candidato, acrescentou amavelmente:

- Isto são horas das sopas, e o Sr. Azevedo vem jantar comigo.

- Eu não quero incomodar.

- Incômodo, nenhum! E depois o meu amigo hoje não tem remédio senão vir. Isto cá na sua casa está ainda tudo no ar... Vem, Sr. Galvão?

- Obrigado... obrigado, a minha esposa espera-me.

- Você vem, Castro, pode ser preciso tomar alguma nota depois do jantar.

E o comendador enfiou o braço no do Júlio, dando-lhe apenas tempo de pegar no chapéu e nas luvas, protestando contra qualquer mudança de *toilette*:

- Isto é sem cerimônia, meu caro amigo, não estamos na capital.

Se o Júlio se não tivesse esquecido um pouco da topografia da vila, teria notado que o comendador o levava por um caminho singularmente longo. Subiram toda a Rua do Álamo, e foram virar à Rua de S. José, direitos à Praça. O João Lopes levava-a fisgada. Queria atravessar a Praça e passar diante da loja do Faria, o baluarte dos contrários, em toda a sua glória, com o seu candidato pelo braço.

Quando desembocaram na Praça, viu imediatamente que não perdera o tempo. À porta da loja estava o Faria, um beirão atarracado, de barriga em bico, e barretinho de pala de seda preta. E, encostado à ombreira, o administrador de concelho, muito engoiado sob o chapéu alto, conversava com o Joaquim Carvalho, o mais moço dos do Lendroal, um rapaz forte, de chapéu à serrana, botas de montar, e jaqueta de alamares. Trocaram saudações corteses, mas frias:

- Sr. administrador... meus senhores.

- Sr. João Lopes.

E os três ficaram examinando criticamente o *veston* justo de quadradinhos e as calças escuras do Azevedo.

- Parece um palhaço! - disse o Joaquim Carvalho, que tinha visto em Lisboa os *clowns* da companhia do Dias.

## CAPÍTULO 6

Na véspera à noite, o Júlio apenas entrara na casa de jantar improvisada ao rés-do-chão; mas hoje, o comendador fê-lo subir a escada de ladrilho, escrupulosamente limpa e almagrada de fresco; e, atravessando uma pequena casa de espera, introduziu-o na sala.

Estava claríssima a sala do comendador, com o teto e as paredes bem caiadas, reluzindo numa brancura maculada. O sol daquela bonita tarde de Maio entrava largamente pelas duas janelas que davam sobre a Praça, e, passando através das cortinas transparentes, apanhadas nos pateres de folha doirada, caía em faixas oblíquas sobre o esteirão espanhol de esparto, amarelo e vermelho. Não havia ali tambores carunchosos, nem veneráveis e inválidos bufetes de pausanto, como no palacete da Rua do Álamo; pelo contrário, todos os móveis pareciam sair naquele momento do armazém. Um canapé e doze cadeiras, de mogno e reps verde, recentemente comprados na Rua Augusta, guarneciam as paredes em linhas regulares e simétricas. Ao fundo, por cima do canapé, estava suspenso um largo espelho, com a sua moldura doirada, nova, muito crua sobre o branco forte da cal. E, das paredes dos lados, encaixilhadas em madeira preta com filetes doirados, pendiam quatro litografias de Julien, *aux deux crayons*: uma pastorinha da Suíça com as tranças caídas; uma castelã da Idade Média; uma tirolesa, rechonchuda e alambicada; e uma contemporânea qualquer de M.<sup>lle</sup>, de Montpensier, largamente provida de caracóis. Entre as janelas, um piano; e, defronte, uma mesa de jogo - da Rua Augusta - fechada, tendo em cima dois castiçais de prata, assentes em tapetinhos de lã, ornados de contas de vidro. Diante do canapé, uma mesa oval - sempre da Rua Augusta - sobre a qual se via um candeeiro de petróleo de zinco esverdeado, um cestinho de prata arrendada contendo bilhetes-de-visita, um álbum de retratos, e um volume do Musée des jammilles. Tudo isto era nítido, correto, e absolutamente novo.

O Júlio apenas teve tempo de ver rapidamente estas coisas, porque a porta do fundo se abriu, dando passagem às duas velhas irmãs do João Lopes, seguidas por um padre moço, alto e magro. E, ao ver entrar as duas senhoras no antigo traje da província, as saias redondas e um pouco curtas, os xales de lã nos

ombros, os lenços de seda escura sobre os cabelos grisalhos, o rapaz teve uma emoção. Achou-as parecidas com a avó. Era o mesmo vestuário, era o mesmo ar sereno, bondoso, um pouco apagado mas digno, formado pela longa influência da vida tranquila, passada no conforto pálido da casa abastada. Ao vê-las, sentiu como um toque suave e doce das velhas ternuras, do aconchego tépido de umas saias de mulher em que se aninhava em pequeno. O sorriso, com que inventariara a sala do comendador, apagou-se; e foi com um respeito comovido que ele se curvou perante as duas senhoras.

Mas o João Lopes apresentou-lhe o padre, um antigo condiscípulo; e o Júlio lembrou-se logo de o ter visto na aula do padre Salgado, rapaz já feito, esgrouiado, muito pobre, com uma quinzena roçada de mangas curtas, que deixava ver os punhos da camisa esfiados, e os pulsos ossudos, vermelhos do frio: “Com que então tinha-se ordenado?”

- O nosso padre José está capelão da Misericórdia - explicou o João Lopes.

- Favores aqui do Sr. Provedor - acrescentou o padre curvando-se.

- Não tem que agradecer, padre, foi justiça... foi simples justiça.

Neste momento a porta abriu-se de novo, e uma senhora entrou majestosamente, apertada no vestido de xale preto.

- Permita-me que o apresente a minha esposa - disse o comendador: - Amália, o Sr. Dr. Azevedo.

- Muitíssimo prazer em o ver nesta casa - disse ela, estendendo corretamente a mão ao seu hóspede.

E, voltando-se para o João Lopes:

- Menino, o jantar está pronto.

Passaram para a casa de jantar, pegada com a sala, muito alegre também, iluminada por uma porta de vidros que dava sobre o terraço. À mesa, ao princípio, ficaram calados; mas o Júlio, em excelente disposição de espírito, pôs todos à sua vontade, falando dos antigos tempos, lembrando-se de tudo, dos nomes das pessoas, dos sítios onde ia passear. Interrogou diretamente o padre José, querendo notícias dos condiscípulos:... “o Moniz tinha-o visto já!... Mas o Chico Saraiva? E os dois Sequeiras, os filhos do capitão reformado? E o... aquele, um gordo... que nunca sabia a lição?”

- O Antônio Soares?

- Isso!

- Está prior na Corte.

- O quê, também se fez padre?!

- O rapaz, coitado, precisava de um modo de vida... o pai tinha-lhe dado cabo de tudo - explicou muito naturalmente o padre José.

Mas o que encantou sobretudo as duas velhas irmãs, foi o modo por que o rapaz falava da avó, com um respeito profundo, com uma saudade ainda viva. No dia seguinte, não se calavam em elogios ao Azevedo: “Tão bom rapaz”, diziam elas, “parece impossível que seja dos que escrevem nos papéis!” O comendador, porém, emendou-as, advertindo: “que entre os redatores havia pessoas muitíssimo sérias... que a imprensa era uma instituição útil, sendo regrada”.

E, na verdade, as duas santas senhoras faziam dos jornalistas uma ideia singular. Julgavam todos pelo José Mena, que - segundo afirmavam na vila - tinha roubado os resplendores de prata dos santos no oratório da mãe, para ir jogar a batota no bilhar do Caxinha, à esquina do Terreirinho.

Durante o jantar, e apesar da conversa, o Júlio observou dissimulada e curiosamente a sua vizinha do lado. Deu-lhe trinta e cinco... talvez quarenta anos. Em todo o caso era uma bela mulher, alta e forte sem ser gorda, com um busto amplo, muito apertado no vestido de *faille*, que reluzia como uma couraça. Quando se voltava para ele, nas atenções naturais de uma dona de casa, envolvia-o no olhar direto dos seus olhos verdes, a que os cabelos, muito pretos e lustrosos, e as sobrancelhas espessas davam uma expressão um pouco dura. Pareceu-lhe uma senhora muito decidida. Trinchou o peru assado com gestos corretos mostrando os anéis ricos de gosto duvidoso; e dava às duas moças que serviam, ordens curtas e claras, prontamente obedecidas.

Falou pouco ao jantar, como se os assuntos locais, que seduziam as duas cunhadas, fossem menos dignos da sua atenção; mas depois, quando serviu o café na sala, mostrou-se muito amável, pedindo ao Júlio que fumasse:

- Faz favor de se não prender, Sr. Azevedo, nós as senhoras estamos todas tão acostumadas.

E, como o Júlio colocasse a xícara do café sobre o piano, perguntou-lhe se tocava, dizendo-lhe que a música era a sua distração favorita, que passava ali horas e horas. O Júlio tocava também, de ouvido, bocados de valsas, e umas

peteneras e tangos, aprendidos em má companhia. Esta semelhança de talentos estabeleceu logo uma familiaridade. Falaram de S. Carlos e das últimas óperas. D. Amália ia todos os invernos passar uma temporada em Lisboa, e o teatro lírico era a sua paixão. Ao lembrar-se dos prazeres da capital, lamentou-o:

- Vai-se aborrecer muito nestes dois meses.

- Não me parece, minha senhora, e basta para me não aborrecer o ter a honra de ser recebido em casa de V. Ex.<sup>a</sup>

- É muito amável, Sr. Azevedo, mas vai... olhe que se vai aborrecer muito! Isto é uma terra impossível, sem passatempos de espécie alguma, sem convivência quase. É um desterro para as pessoas criadas de uma certa forma...

Lentamente, numa conversa cortada, fazia-lhe as suas confidências. Disse-lhe quantos anos tinha passado em Lisboa, no colégio da madama Santos, a Buenos Aires, uma senhora finíssima, de uma educação esmerada. Falou-lhe da sua terra, Setúbal, uma terra boa, e tão próxima da capital. Tinha conhecido ali o João Lopes, que estava a banhos. Havia uma grande diferença de idade entre os dois; mas a sua família toda desejava muito aquela união, e... o tempo das primeiras ilusões já tinha passado. Podia dizer que fora muito feliz. Nunca se arrependera de ter dado aquele passo; ninguém decerto seria mais atencioso, mais delicado do que o comendador:

-... mas tenho uma criação, um modo de pensar muito diverso das pessoas daqui. É muito triste não ser compreendida!... - terminava ela com um suspiro.

- V. Ex.<sup>a</sup> não tem filhos? - perguntou o candidato talvez indiscretamente.

- Ai não, Sr. Azevedo, e felizmente... filhos são cadilhos. O João Lopes desejou muito ter um herdeiro, mas hoje, coitado, nem pensa nisso.

Havia nesta última frase um desapego tão desdenhoso, que o Júlio involuntariamente levantou os olhos para o comendador. Viu-o sentado na extremidade da sala, conversando com o Castro e o padre José. De pernas abertas, por causa da barriga, a papeira caída sobre a gravata preta, tinha um ar lamentável de abatimento pomposo e gordo. O Júlio começava a interessar-se - neste interesse muito especial, despertado sempre pela mulher que parece fácil, ou simplesmente possível. E, muito amável, num principiozinho já de corte, insistiu para a ouvir. Ela então pôs-se ao piano, e, depois de uns acordes, cantou-lhe uma romance qualquer, muito conhecida.

A tarde caía. Lá fora havia um silêncio, cortado apenas pelo ruído dos carros de mulas, que atravessavam a Praça, voltando do trabalho. Na obscuridade que

invadia a sala, o João Lopes e o padre José escutavam sonolentemente; e, encostado ao piano, a luneta no olho, o Júlio via de vez em quando os olhos verdes de D. Amália voltarem-se para ele numa expressão exagerada.

A romance esfriou-o; achou-a mal cantada, com uma pronúncia detestável. Pareceu-lhe a cantora ridícula. Mas, apesar de tudo, quando recolheu a casa pensou muito na nuca forte e bem encabelada, no buço esfumado sobre os beiços vermelhos, e no olhar direto da mulher do comendador. - Que diabo quererá ela? - foi a sua última reflexão.

## **CAPÍTULO 7**

No dia m arcado, o João Lopes e o Azevedo foram a S. Gens, visitar o João Máximo; e ao outro dia à Corte, onde estava prior o Antonico Soares; e no dia seguinte a S. Miguel. Às noites j untavam-se na sala pequena à esquerda da casa de espera - a que o comendador chamava o seu escritório, apesar de nunca escrever. Ali, à luz do candeeiro de petróleo, o Castro lia o recenseamento; tomavam-se notas; faziam-se cálculos; vinham trazer notícias os galopins subalternos, o Chico barbeiro, e o Norberto, um oficial de diligências demitido, que esperava ser reintegrado quando o ministério caísse. Mas pouco a pouco os trabalhos afrouxaram. Por maior que fosse o zelo do João Lopes e do Castro, era impossível ficar dois meses inteiros na brecha. Depois, as coisas tomavam bom aspecto; o João Máximo decidiu-se; o visconde pronunciou-se; os governamentais andavam muito descoroçoados. Finalmente o candidato podia respirar.

la todas as noites a casa do comendador, mas, enquanto ao emprego do dia, conquistara uma independência relativa. Estava já regularmente instalado na sua velha casa. Uma das suas moças, a Josefa, saiu-se uma cozinheira de talento. Tinha-lhe chegado de Lisboa um caixote de livros; e, mesmo no seu quarto de dormir, improvisara uma grande mesa de trabalho, com o seu tinteiro, as suas penas válidas, e uma boa provisão de papel almaço. Ali, durante as horas de calor, redigia as correspondências para o *Facto*, ou os primeiros capítulos de um romance esboçado. E sentia-se em veia, escrevia umas páginas mais vivas, mais naturais do que tudo quanto tinha escrito até então. Afastado de todos os modelos, em contacto íntimo com a poesia penetrante e severa daquela natureza um pouco árida, o seu modo de dizer despia-se das fórmulas convencionais, tornava-se mais simples e mais vibrante, como se o animasse o ar fino, que entrava largamente pela janela, aberta de par em par, como se o iluminasse a luz forte, que inundava o vale.

Quando passeava no quarto, procurando uma frase, mascando nos dentes a ponta do cigarro apagado, sucedia-lhe ficar-se parado defronte da janela,

absorvido na contemplação daqueles campos vastos, alongados sem fim, onde as searas iam branqueando de dia para dia. As ceifas das cevadas temporãs começavam já. Pelas onze horas, as moças recolhiam do trabalho, andando depressa sob o sol pesado; e os ranchos de figuritas negras, graciosamente envoltas nos xales, animavam um momento a solidão das estradas, poeirentas e claras. Às vezes, de manhã, passavam vacadas, voltando das pastagens da serra - as reses vermelhas vinham lentamente, marcando o passo no aceno das cabeças finas, fazendo soar os chocalhos num ritmo demorado, que acentuava o largo silêncio tranquilo. Sentia-se o Verão chegar. Os trigos amadureciam. O trabalho misterioso da vida completava-se, pondo nas sementes o germe da vida futura. O ar vinha de longe, morno, em sopros leves, carregado das emanações aromáticas e bravas das grandes charneças fortemente aquecidas. E ele então experimentava o prazer puramente animal de viver, da retina que se banha de luz, dos pulmões que se enchem, dos contactos tépidos na pele; qualquer coisa como a beatitude refletida nos olhos mansos dos bois, ruminando ao sol, enterrados na erva até ao joelho.

E sempre, antes de recolher para dentro, deitava os olhos para o quintal das roseiras. Uma ou outra vez via a Margarida a despregar roupa no seu gesto gracioso, em bicos de pés, os braços erguidos. Trocavam de longe uma saudação e um sorriso; e ele vinha sentar-se à mesa de trabalho, com os olhos e o cérebro cheios de luz - talvez do sol, talvez do sorriso da rapariga.

Terminada a página, o Júlio demorava-se ainda numas voltas pelo quarto; e depois descia, dando-se a si próprio uma explicação... “ia fazer um bocado de companhia ao Pascoal, coitado!... ouvir-lhe repisar pela centésima vez as velhas histórias”.

Ao acabar da aula, a Henriqueta vinha sentar-se numa cadeirinha baixa, ao lado da cama do pai. Como o tempo ia quente, a janela abria-se, deixando ver um cantinho do quintal a ruazita fugindo entre linhas de alfazema, as roseiras altas, mal talhadas, batendo na ramagem clara das amendoeiras. Os prisioneiros do Pascoal chilreavam; e, lá fora, na sua gaiola de cana, dois melros ensaiavam assobios hesitantes, numa modulação fresca de primavera. Uma roseira-de-toucar orlava a janela, e os cachos compactos de rosinhas brancas, miúdas, caíam em festões. A Margarida, que ensaboava no quintal, vinha encostar-se ao parapeito da janela, pelo lado de fora, com os braços trigueiros, muito puros de forma, ainda úmidos do sabão. E ficava ali muito tempo, imóvel, os olhos pretos atentos; escutando o Júlio. O sol, refletido na parede do fundo, orlava-lhe os cabelos crespos de um contorno luminoso, deixando-lhe o rosto numa sombra vaga; e as rosinhas-de-toucar formavam-lhe em volta uma espécie de moldura de *vieux saxe*, fresca e virginal. Quando o Júlio tinha graça - o que lhe sucedia várias vezes -, Margarida descerrava os lábios num dos seus risos claros de

criança; e uma atmosfera viva e alegre de mocidade e primavera enchia o quarto do pobre paralítico.

Pouco a pouco as visitas amiudavam-se e prolongavam-se. O Júlio agora passava as manhãs no quarto do Pascoal. Às vezes, com um pretexto qualquer, voltava de tarde. As suas criadas já sabiam onde ele estava. Ali lhe vinham trazer os escritinhos urgentes do comendador; e as grandes bandejas de doces da D. Amália: "... com muitas recomendações da senhora", como dizia o moço dos recados. Ele sentia-se bem, à vontade, entre as duas raparigas muito singelas, e muito inteligentes na sua singeleza. Todas as vulgaridades da meia civilização que o feriam na casa do comendador, desapareciam ali, naquele interior primitivo. E, sem que o pressentisse a princípio, a paixão da Margarida retinha-o, envolvendo-o, penetrando-o, como o envolvia e o penetrava o ar fino daquelas manhãs límpidas de Primavera.

E era uma paixão! Logo nos primeiros dias, sem o saber e sem o querer, ele tomara posse do coração da rapariga, como de uma coisa naturalmente sua. Margarida tinha chegado aos vinte e dois anos sem um namoro, guardada pela vigilância da Henriqueta, pela vida quase clausurada, sobretudo pela timidez altiva. Arredada de uns pela sua situação humilde, de outros por um principiozinho de educação e pelos instintos finos, encerrara-se no retraimento doloroso da sua pobreza. O aparecimento do Júlio, superior a tudo quanto tinha visto e tinha sonhado, veio trazer uma funda perturbação à sua existência sossegada. Sentiu-se subitamente presa por aquela inteligência clara, elevada, ocupada de mil coisas que ela não percebia, mas começava a adivinhar na sua intuição subtil de mulher já namorada. E ao mesmo tempo que o Júlio a deslumbrava como um ente quase sobrenatural, tranquilizava-a pela familiaridade alegre e franca de antigo companheiro. Na fisionomia original do Azevedo, tão finamente insolente, quando em presença de estranhos encaixava o monóculo na órbita, havia sempre para ela o sorriso carinhoso e bom de um irmão mais velho. E ela achava-se bem na sua inferioridade, na sua admiração sem limites de mulher submissa.

Tudo nele a seduzia, a finura do seu espírito, como os requintes absolutamente desconhecidos da sua elegância. Para a pobre rapariga, que só vira a jaqueta domingueira do Pedro carpinteiro, ou, à porta da igreja nos dias de festa, as gravatas vistosas do Mena e do Moniz, houve uma revelação nos *vestons* de flanela branca do Júlio, nas suas meias azuis com estrelinhas vermelhas, nas suas mãos bem cuidadas, nos anéis sólidos, tendo as esmeraldas e os rubis fundamentalmente cravados no ouro fosco. Todos os pequenos objetos da elegância masculina a surpreendiam: a pérola do alfinete; a cigarreira de prata, onde os *phereslies* descansavam em simetria no fundo doirado; as firmas de cor nos lenços perfumados, que ela admirava muito com os seus conhecimentos práticos de costureira.

Então, diante dele, achava-se ignorante e rude, nos seus vestidinhos de chita, na vulgaridade das suas mãos bonitas, mas um pouco avermelhadas e grossas do sabão. Julgava-se duramente, muito humilde, muito distante dele, apenas digna de ser sua criada, uma das suas moças, como eram a Josefa, ou a Bárbara. Mas depois lembrava-lhe a camaradagem de outros tempos. Via nele a antiga imagem do rapaz enérgico e forte, que protegia a sua fraqueza de pequenita de oito anos. Feria-a assim com todo o vigor de uma impressão nova, e com toda a suavidade de uma recordação de infância. E, docemente, confiada, deixava-se ir sem resistência para aquele amor, que era como a continuação natural de uma amizade inocente. Com um atrevimento puro de criança fixava nele largos espaços os olhos meigos, sem fugir aos seus olhares.

Mas, às vezes, sentia-se perturbada, numas revelações súbitas, quase brutais, da intensidade da sua paixão. Um dia que estava fazendo renda, o Júlio veio ver a obra, passando-lhe o braço à roda da cintura. Assim, muito perto dela, a sua respiração agitava-lhe levemente os cabelinhos da nuca; e ela julgou desfalecer, uma onda rosada tingiu-lhe o pescoço e as faces, e, na pele até à raiz dos cabelos, correu-lhe um arrepio doce, de uma doçura tão funda que era dolorosa. Ao mais leve contacto percebia que era toda dele, o corpo como a alma. E, vagamente, sabia que a um aceno lhe teria caído nos braços, rendida antes de combater, sem defesa possível.

O Júlio, porém, estava a mil léguas de pensar em uma sedução. Se lhe ocorresse tal ideia decerto a teria repellido sem hesitar - a casa do seu velho Pascoal era sagrada para ele. Mas, na verdade, nem mesmo resistiu à tentação, porque não tinha consciência do amor pela rapariga. E, se lhe tivessem dito, que ele gostava da Margarida, teria dado uma gargalhada. Que disparate! Era amigo das duas irmãs... da Margarida como da corcunditata. Isso era! muito amigo dela... nada mais.

Somente, quando passava algumas horas sem a ver faltava-lhe o que quer que fosse.

## **CAPÍTULO 8**

O s dias e as semanas passavam, e - contra o que prognosticara a D. Amália - o Júlio não se aborrecia.

Uma única coisa lhe bulia às vezes com os nervos, e era exatamente a que o trouxera ali - a eleição. O ingênuo redator do *Facto* trazia sobre eleições ideias um tanto falsas; sonhara comícios, movimentos de opinião, vontades populares energicamente manifestadas; e vinha cair em umas transações mesquinhas de

pequeninos favores e de ressalvas de recrutamento. Como entendia pouquíssimo destes manejos, sentia-se inútil nas complicações da sua própria eleição. Via que o não consultavam; percebia que o tinham mandado vir unicamente para o mostrar, como um objeto de luxo, uma espécie de coche de respeito, um cavalo do estado de S. Jorge bem encapazonado. Esta situação um pouco singular não o incomodava, divertia-o até, vendo-lhe bem todo o lado cômico; mas outras coisas mais positivas repugnavam-lhe. Ele viera naturalmente com a intenção firme de não dever a sua eleição ao dinheiro. Não se lhe dava de gastar alguns centos de mil ré is em despesas indispensáveis; mas coisa que cheirasse a compra não queria - positivamente não queria. Ninguém lhe falou em gastar um real. Não lhe era difícil, porém, perceber que o comendador gastava por ele, e gastava bastante. Isto no fim de contas vinha a dar no mesmo; simplesmente, era mais econômico e... mais reles. E, sempre que demorava nesta ideia, sempre que uma alusão qualquer a despertava no seu espírito, ficava mal à vontade, aborrecido, envergonhado quase.

Uma tarde, já luzes acesas, entrando ao passar na botica, encontrou o Moniz todo paramentado, de colarinhos altos, um botão de rosa do fraque preto - era o dia da recepção íntima do comendador. O Mena, pelo contrário, pareceu-lhe particularmente sujo, com a barba de três dias, e a pele amarela muito lustrosa. O comendador nunca o convidava para casa, apesar de ele pertencer ao partido - isto irritava-o. Afetava então maior desalinho, um desprezo do mundo, u ma superioridade de homem de letras.

Enquanto o Moniz se inundava de água-de-colônia, e dizia ao Josezinho, o praticante, que podia fechar mais cedo, o Júlio ficou vendo a partida de damas do João Gualberto com o prior - dois jogadores de fama. O Mena, entre portas, assobiava; e, de repente, voltando-se:

- Então o João Máximo sempre entalou o Lopes com a fiança?

- Parece que sim - respondeu o João Gualberto secamente, sem levantar os olhos do tabuleiro.

- Estava claro que o tal sujeito não dava os votos de graça! - acrescentou o Mena no seu tom azedo de homem amarelo.

O Júlio não fez reflexões, e a conversa caiu. Mas depois, quando saíram todos para a Praça, deu o braço ao Moniz, obrigando-o a ficar para trás, perguntando-lhe: "que história era aquela da fiança?"

- Homem, é simplicíssima! - respondeu o Moniz. - É uma dívida de novecentos mil réis que o João Máximo aí tinha, de que lhe não queriam renovar a obrigação, e de que o Lopes ficou agora por fiador.

- Para que o outro lhe desse os votos de S. Gens?
- Provavelmente.
- Que diabo... isso é extremamente desagradável!
- Desagradável, o quê?
- Desagradável que o Lopes esteja assim a gastar dinheiro na minha eleição.
- Deixa lá, que tens tu com isso? Estás muito enganado se cuidas que o Lopes te faz deputado pelos teus belos olhos... É para conservar a sua influência... para ser o reizinho cá da terra. Ora essa! se quer custe que lhe custe... Olha, deixa-o gastar, e vem daí para casa dele... a D. Carolina já passou há que tempos com as sobrinhas.

Esta filosofia prática do Moniz não quadrava completamente ao Azevedo, que subiu a escada do comendador muito contrariado.

Logo na casa de espera, vendo os xales das senhoras sobre as cadeiras, e os chapéus pendurados, o Moniz exclamou:

- Olá! temos enchente!

E, ao entrarem, ficaram parados, para não interromper. As duas sobrinhas da D. Carolina tocavam a quatro mãos um *pot-pourri* da *Traviata*; e, junto do piano, o amanuense da câmara, sério e pálido, passando de vez em quando os dedos no bigode preto, voltava a folha. Isto desagradou ao Moniz, que namorava a mais velha.

Encostado à ombreira da porta, escutando o piano por polidez, mas sem o ouvir, o Júlio via distraidamente as senhoras, sentadas em fila ao longo da parede, nas cadeiras de *reps* verde. Conhecia-as todas: a velha esposa do Galrão e a filha, uma rapariga dos seus trinta e tantos anos, seca e magra, de uma magreza ácida de solteira; a prima D. Joana, na sua apatia mole, entre as duas irmãs do Lopes; a D. Carolina, uma viúva ossuda e rica, de buço preto, sempre afogueada; a D. Plácida, a mulher do cirurgião, pequenina, muito puxada, fresca ainda nos seus quarenta anos. Abanavam-se lentamente num abatimento doce, tendo nas fisionomias apagadas um ar tranquilo, como uma resignação à monotonia indefinida e vaga da vida. E, mais no fundo, no canapé por baixo do espelho, o Júlio via as meninas, duas ou três, direitas nos vestidinhos malfeitos, deixando escorregar os olhares sonsos até ao grupo dos homens compacto na porta da casa de jantar.

Quando entrou, o Júlio abaixou de longe a cabeça à D. Amália; e, ao terminar o pot-pourri num murmúrio de aplausos, atravessou a sala para lhe falar.

- Vem hoje muito tarde! - disse-lhe ela, envolvendo-o todo nos olhos verdes, pondo nesta simples frase uma queixa imperiosa.

- Demorei-me um bocado na botica do Moniz - respondeu ele quase secamente.

A sua *flirtation* com a D. Amália continuava, mas frouxa, sem um passo decisivo, cortada de hesitações, de escrúpulos, de faltas de pachorra; e demais, naquela noite estava nervoso, pensando ainda nos novecentos mil réis do João Máximo.

Mentindo à sua reputação já bem estabelecida de amabilidade com as senhoras, passou um pouco desdenhoso, com a luneta caída, indo juntar-se ao grupo dos homens, que fumavam no terraço. Teve um momento a intenção de se explicar com o Lopes sobre aquela secantíssima questão do dinheiro; mas francamente a ocasião era mal escolhida. E não tinha mesmo tempo de lhe falar; todas as senhoras estavam de pé, entrando para a casa de jantar. Era a hora do chá, que se costumava servir ali à roda da mesa. E neste movimento forçado, elas animaram-se um pouco, em conversas mais íntimas, mas lentas, no tom discreto de pessoas bem-educadas. Junto da mesa, a D. Amália fazia as honras na sua solicitude vigilante de boa dona de casa.

- Os merendeiros que estão frescos, Prima Joana!... mais uma chávena, Sr. Cairão?... com pouco açúcar, não é verdade, Sr. Azevedo?...

De pé, a um lado, os homens graves conversavam, sorvendo devagar pequeninos goles do chá muito quente. Vinham os assuntos mil vezes repisados: os olivais que estavam bonitos com muita flor; os trigos que não engrandeciam, queimados por aqueles calores de Maio; toda uma vida de esperanças e decepções. E, naquelas queixas de lavradores, sentia-se passar o amor à terra" o amor vivo e entranhado a uma ingrata, que pagava tão mal aos seus apaixonados. Pouco a pouco caíram na eterna questão do trabalho; falaram dos criados que se não podiam sofrer, uma súcia de bêbedos, sem respeito aos amos, sem zelo pelas casas onde serviam; mas os jornaleiros eram piores" mais insolentes, e depois os salários subiam de dia para dia. O Galrão perguntou:

- A como traz os homens esta semana?

Então o Lopes teve um gesto de desolação, como se o mundo acabasse:

- Não me fale nisso... a catorze vinténs!... e olhe que não pegam no trabalho senão com uma e duas horas de sol.

- Eu não sei onde isto há de ir parar! - disse o padre José, remexendo lentamente o açúcar no fundo da xícara.

Calaram-se, meditando aquela reflexão profunda; e, na pausa da conversa, o Júlio, que escutava distraído, ouviu distintamente atrás de si a sobrinha de D. Carolina dizer em voz baixa:

- Passas amanhã?

- Às duas horas - respondeu o Moniz.

Mas no ruído abafado, comedido, das conversações lentas, as vozes das senhoras levantaram-se agora, mais altas, num entusiasmo, que os atraiu a todos para junto da mesa; tratava-se de uma proposta do João Gualberto, acolhida com muito favor. Habitualmente, depois do chá, a D. Amália organizava uma partida de loto, ali mesmo em volta da mesa grande; e o João Gualberto acabava de propor o monte, baratinho, uma brincadeira, para divertir as senhoras. Teve um sucesso; todas aplaudiram, num desejo de ganho, numa tentação aguda do fruto proibido. A prima D. Joana, saindo da sua apatia, exclamou:

- É mais divertido, não é prima Amália?

O próprio comendador sorriu com benevolência, explicando ao Dr. Azevedo: “que o jogo era um vício funesto, mas assim em família podia considerar-se um divertimento aprazível”. Apenas o Castro protestou tacitamente... não se divertia com aquelas coisas. Esgueirou-se para o escritório, a tomar certas notas sobre uns diabos de uns eleitores de S. Miguel, que lhe não pareciam seguros.

Todos rodeavam a mesa; e, mal se levantaram as bandejas, o João Gualberto instalou-se para talhar, pondo diante de si quatro libras e uns cassoquinhos em prata, dizendo amavelmente:

- Vinte mil réis para quem os quiser!

D. Carolina estava já sentada ao pé do banqueiro; a mulher do cirurgião do outro lado. A D. Amália chamou o candidato para junto de si:

- Venha fazer uma vaca, Sr. Azevedo, mas eu é que administro, que o senhor é um perdulário. Dê-me cá dez tostões.

O princípio da cartada foi fatal para os pontos; o João Gualberto ganhava de todos os lados. A D. Carolina, já muito excitada, estendia nos dedos uma moeda de dois tostões, dizendo:

- Cerco à sena... mas espere lá, o que é que está morto em baixo?

- Deve estar morto o valete da cor... mas se a Sr.<sup>a</sup> D. Carolina quer não se mata nada - respondeu o João Gualberto, que carteava finamente, com muito bons ditos.

- Ora muito obrigada ao seu favor!... bem, está morto o valete de ouros, então cerco à sena.

- Jogo - disse pausadamente o João Gualberto; e voltou na palma o valete de paus.

Apertado pela ferosa D. Carolina, o Júlio arredou-se um pouco para trás, pondo o braço sobre as costas da cadeira da D. Amália, assistindo à sua administração prudente e hábil dos dinheiros da vaca. Via-lhe o perfil perdido, a nuca forte, redonda, muito branca sob o nó preto dos cabelos duros. Pareceu-lhe bonita assim, na sua elegância sólida, as costas largas, o peito oscilando no ritmo da respiração descansada. Quando se encostava para trás, a abertura em bico do vestido descobria-lhe o princípio do sulco fundo entre os seios, perdendo-se em baixo na sombra tépida e provocante. Sentia-a muito perto de si, roçando-lhe no braço em contactos demorados talvez intencionais, envolvendo-lhe as pernas nas pregas do vestido azul, num calor penetrante de saias. De toda ela partia a emanção quente de uma mulher robusta, com o sangue vigoroso, muito desejável na perfeição outoniça da sua beleza. Esta vizinhança excitou-o, deu-lhe um momento a necessidade puramente animal de a apertar, de lhe pôr um beijo mordido na nuca branca, ali mesmo, diante de todos...

Mas a sua imaginação indômita e caprichosa fugiu-lhe para longe dali. Tudo em volta dele se apagava pouco a pouco. A D. Amália, o João Gualberto carteando, as senhoras à roda da mesa, a fila dos homens de pé, estendendo os braços para receberem os tostões, sumiam-se gradualmente sem contornos já e sem forma, como se os cobrisse o véu de gaze de uma mágica - daqueles véus que se vão multiplicando, espessando, obscurecendo, até se tornarem opacos num cinzeiro negro de nuvens carregadas. E agora, nesta obscuridade, criada pela fantasia, uma janela abriu-se. Dava sobre um fundo luminoso e claro, todo cheio de sol, de folhagem viçosa e de flores. Em torno pendiam cachos de rosas-de-toucar, miudinhas, brancas, apenas tintas de carmim diluído. E ao parapeito da janela veio encostar-se pelo lado de fora uma rapariga. Tinha o oval fino, sob os cabelos escuros tocados de reflexos quentes, os olhos negros e alegres, os beijos entreabertos deixando ver o esmalte brilhante dos dentes pequeninos. E

ficou ali, fitando-o e sorrindo... Passado um instante, a sua expressão mudou; os olhos negros, levemente pisados em roda, tornaram-se sérios na concentração íntima de um sentimento absorvente. E aqueles olhos negros eram transparentes, apesar da sua negrura; via-se através deles, como em algumas noites escuras se vê a profundidade infinita do céu. E do fundo, muito do fundo da sua transparência, vinha uma corrente de amor, intensa e doce. Na criação desordenada do sonho, ele sentia aquela corrente, como se fosse material e palpável. Sentia-a na testa e no cabelo, semelhante ao sopro de um leque brando, agitado de manso... E a expressão mudou de novo; o círculo escuro em volta dos olhos negros marcou-se mais, e eles tomaram a tristeza magoada de uma queixa humilde e muito submissa; mas esta expressão dorida e queixosa não lhes apagou o amor, como se coisa alguma neste mundo nem no outro fosse capaz de o apagar...

Em volta da mesa houve um movimento, e o Júlio acordou sobressaltado - o João Gualberto acabava de ir à glória, e a sua vaca com a D. Amália ganhava sete mil e oitocentos.

Todos se levantaram para sair: era um escândalo... mais de meia-noite!

O Galrão já tinha partido com a esposa e a filha. A prima D. Joana, embrulhando-se muito, saiu também, acompanhada da moça e de um criado de cacete, porque era uma senhora muito tímida. Os outros desceram a escada em rancho, n uma conversa animada, debicando ainda com o João Gualberto sobre a perda dos vinte mil réis.

- É um porquinho de menos na vara - disse o Castro, que acabava de sair do escritório com a tal lista dos eleitores de S. Miguel.

E já na rua a conversa continuava:

- Que noite tão linda!

- Faz um luar que parece dia - observou o padre José.

- Ó D. Carolina, sempre é bom abafar-se, que está úmido - disse a D. Amália da janela.

- Ai não, menina, até está calma.

- Boas noites!

- Boas noites!

Foram deixar a D. Plácida e a filha em casa logo ali na Rua de S. José, e a D. Carolina mais adiante à esquina da Rua dos Ferreiros. O João Gualberto, o Castro e o padre José seguiram conversando; e o Júlio, sozinho, tomou a travessa do Fosso ao longo das muralhas... veio devagar pelas ruas desertas da vila adormecida, fumando maquinalmente, todo cheio de sensações novas e complicadas.

Antes de bater ao portão ficou um bocado olhando para a janela da Margarida. Tudo estava fechado e quieto. O luar iluminava cruamente as paredes caídas da escola, enquanto a sua casa parecia mais alta, toda na sombra, recortada em negro sobre o cinzento-claro do céu sem estrelas. À volta não havia nem um ruído, nem um movimento; apenas as corujas brancas passavam em cima no seu voo fofo, absolutamente silencioso.

## **CAPÍTULO 9**

Como era singular tudo aquilo! Aquela revelação justamente ali à mesa do monte! Aquela interposição de uma imagem entre ele... e um desejo banal!

O rapaz passeava no quarto, ruminando estas coisas, dando voltas à roda de uma ideia, sempre a mesma, insistente e teimosa. Grupava uma um todos os acontecimentos das últimas semanas, pequeninos, insignificantes, um gesto, um olhar, uma entoação mais vibrante na voz, coisas vagas, despercebidas no momento; mas que, agrupadas agora, lhe mostravam o amor da Margarida tão claro, como aquele sol claro de Maio. O seu primeiro sentimento foi uma alegria intensa e irrefletida, um desejo vivo de a ter junto de si, de lhe tomar as duas mãos, de ficar longamente com os olhos mergulhados na transparência dos seus olhos negros. Mas nesta mesma alegria percebeu de repente, que ele... gostava também da Margarida; e no seu espírito formulou-se uma pergunta, que ficou sem resposta: Para quê? Para ter com ela uma aventura semelhante às outras?... para lhe pegar e largá-la, como teria feito à sua moça, a Bárbara, uma rapariga desembaraçada e instruída, que decerto se não incomodaria muito com o caso? Isto era simplesmente impossível; nem o queria, nem mesmo... o desejava. Ele não podia tocar na Margarida, na velha companheira, na filha do Pascoal, na afilhada da avó! Então... para quê? Esbarrava nesta pergunta, como em um muro sem porta. Sim... para quê? E, gradualmente, diante desta embaraçosa interrogação, veio-lhe uma reação de juízo. Começou a formar planos sensatos, todos cheios de prudência e de razão. A eleição estava à porta; logo em seguida partia para Lisboa; e até lá tudo ficaria assim. Mais tarde, a paixoneta da Margarida passava facilmente... se acaso a tinha. Para se sossegar, diminuía-lhe a importância... teria inventado talvez... exagerado decerto. Chegou a pensar no futuro da rapariga, bem estabelecida, tranquila e honestamente casada. Mas esta ideia do casamento... com outro, deu-lhe um

arrepio; repugnou-lhe violentamente. Não... casada não... assim tranquila e honesta como estava. Era isso, nem podia ser outra coisa! No entanto não alterava os seus hábitos... mesmo por prudência, para se não reparar. E na verdade não tinha nada que alterar, pois se no fundo não havia nada!

Justamente era a hora da sua visita ao Pascoal, e desceu a escada, mais lentamente talvez do que costumava. Achou o velho melhor nesse dia, animado, muito entretido a mudar de gaiola uns verdilhões que o Pedro lhe trouxera na véspera. No quarto ao lado, com a porta aberta, a Margarida engomava, atenta ao trabalho, encanudando habilmente uma saia complicada da D. Carolina.

- Viva! - disse o rapaz da porta, num tom que julgou perfeitamente natural.

- Muitos bons dias, Sr. Júlio. Então divertiu-se muito ontem? - perguntou ela levantando os olhos da tábua.

- Nem muito, nem pouco... uma coisa. Porque pergunta isso?

- Porque veio muito tarde.

- Como sabe? Eu olhei para cá, e estava tudo fechado.

Mas ela demorou-se a responder, pondo o ferro nas brasas para tomar outro; e, direita, aproximando o novo ferro da face, experimentando-lhe o calor:

- Ouvi-o bater ao portão a sua pancada do costume, e dali a um instantinho deu uma hora.

- Ah! então o que fazia a menina acordada àquelas horas? - perguntou ainda o Júlio, forçando-se a brincar.

- Eu... não sei... não podia dormir.

Calaram-se. Ambos eles sentiam instintivamente que o som das suas vozes os a traiçava, que as palavras não significavam nada, que tinham outra coisa a dizer, a verdadeira coisa, a que estava lá dentro. Margarida foi a primeira a cortar o silêncio:

- É verdade, e a sua rosa!

Pagava-lhe o foro diário de uma rosa para o *veston*; e era sempre uma longa escolha no quintal, de botão em botão, a que o Júlio assistia sem querer intervir. Naquele dia escolheu-lhe uma rosita vermelha, meia aberta, e veio enfiar-lha na

casa, muito unida com ele, séria, tendo apertado entre os beijos o alfinete com que a devia pregar. Quando terminou, recuou um passo para admirar a sua obra, levantando para ele um olhar tão franco e tão claro, que o rapaz ficou indeciso. Sentiu-se penetrado pela paz íntima da sua expressão. Pareceu-lhe um olhar de irmã. Decididamente... talvez se tivesse enganado. Era melhor assim.

E, pouco a pouco, nos dias seguintes, recaiu na sua segurança. Julgava de novo, que era unicamente muito amigo da Margarida. Uma coisa contribuía para o iludir - a sua tranquilidade junto dela, aquele efeito tantas vezes repetido do seu olhar franco e claro. Longe, tinha-a sempre no pensamento, sentia-se inquieto e impaciente como um verdadeiro namorado; mas ao entrar na escola ficava bem, contente de a ter ali, de a ver trabalhar, de a ouvir no quintal, cantando a meia voz a moda nova da vila. E não desejava outra coisa, não se violentava para a respeitar - respeitava-a pelo simples instinto do seu amor naturalmente casto. Não lhe reparava no pé bonito e fino, no tom quente do braço trigueiro, nos peitos pequeninos, direitos sob as pregas do lenço. Não, não gostava dela assim - gostava dela de outro modo, do que via no fundo dos seus olhos negros, da alegria do seu sorriso, do seu modo de falar doce e grave, um pouco cantado à alentejana. Tinha às vezes a necessidade quase irresistível de a puxar para si, pondo-lhe um beijo longo e apertado na testa, à raiz dos cabelos - nada mais. O desejo masculino e rude que sentira tantas vezes sem uma parcela de amor, que sentia junto da D. Amália, apesar de a achar ridícula, de quem teria nojo uma hora depois, nunca o sentiu ao pé da Margarida. A sua virilidade diluía-se na intensidade da sua ternura.

E julgando o seu amor menos forte, exatamente porque era mais fundo, adormecia numa segurança toda fictícia, sem ver o que se passava dentro de si, sem ver mesmo o que se passava em volta.

E era necessário ser cego para o não ver. A história do Azevedo com a Margaridinha do Pascoal andava na boca de todos. Uma personagem da importância do candidato não podia dar um passo, sem que dezenas de olhos curiosos o seguissem; e a frequência das suas visitas a casa do velho escrivão foi notada, logo desde os primeiros dias. Naturalmente todos acertaram com o motivo; e naturalmente também ninguém acreditou na inocência do idílio.

Alguns acharam aquilo malfeito. Os adversários pensaram mesmo em levantar a questão. Na loja do Faria chegou-se a falar em “sedução de menores”. Mas um advertiu logo dali: “que era uma asneira, que a rapariga tinha vinte e dois anos já feitos”. Isto calou-os. E, como a especulação política fosse impossível, o zelo pela moralidade esfriou.

De resto, a opinião geral não os seguia, muito indiferente, favorável mesmo ao Azevedo, numa deferência pelos que estão de cima. Quando na loja do Loureiro

se discutiu o caso, todos se desinteressaram, achando desculpas: “Que diacho, o Azevedo era um rapaz solteiro, tratava de arranjar a sua vida conforme podia... e a rapariga lá lhe encontraria também as suas conveniências.”

O velho Peres, o antigo juiz ordinário, bom latinista e muito devasso, teve um dito feliz, recordando-se a propósito do seu Terêncio.

- *Homo sum: humani nihil a me...* - disse ele, não terminando a citação, numa meia palavra de bom entendedor.

Na roda, sem perceberem bem, ficaram convencidos, celebrando o dito, penetrados de respeito pelo texto latino.

Unicamente o Cairão, tocado pela esposa, se mostrou um pouco inquieto. Chegou a consultar o Lopes; mas este tranquilizou-o:

- Olhe, Sr. Cairão, eu não sei o que há, nem quero saber. Em todo o caso não me parece coisa de circunstância... sim, não anda nisso envolvida uma família das nossas relações. É uma rapaziada!... E nós quando éramos rapazes não fizemos também o que pudemos?

- Lá isso é verdade... e mesmo agora, hem!... e mesmo agora! - disse o Cairão, com as rugas apanhadas num sorrisinho brejeiro.

Olharam um para o outro satisfeitos, remoçados até por aquela aventura, numa alegria de velhos gastos, que folgavam na taberna. E nunca mais falaram no assunto - era uma questão liquidada.

A opinião feminina... essa foi contrária à Margarida, absolvendo o sedutor. Achavam-lhe simplesmente mau gosto. Uma das moças do Azevedo, a Bárbara, rapariga de muitas posses e nada má, resumiu-a no fim de uma conversa com a Rita do forno:

- Até parece impossível, com uma lesma daquelas!

Nisto é que todas se matavam: “o que encontraria o Azevedo naquela lesminha, naquela santinha de pau carunchoso?”

Mas algumas senhoras protestaram com mais aspereza. Uma manhã, à missa das dez" quando as Pascoais vieram ajoelhar ao pé da capela do Santíssimo, a D. Plácida, a amiga íntima da D. Amália, puxou ostensivamente a filha para o lado, arredando-a daquele contacto impuro. A Margarida não percebeu; mas a corcunda viu o gesto, e, muito pálida, abaixou os olhos sobre o livrinho de missa.

Efetivamente a Margarida não percebia. Vivia, como o Júlio, nas regiões aéreas. Concentrava-se no gozo íntimo de uma coisa que ela sabia sem ninguém lhe ter dito, por um saber lá de dentro, todo instintivo. Repetia mil vezes consigo: “Ele gosta de mim”; e a felicidade que lhe davam estas palavras transbordava, enchendo-lhe os olhos de lágrimas. No entanto, ambos iam dando que falar às más e às boas línguas da vila.

O Júlio agora vinha todas as manhãs, e voltava todas as tardes - naquelas tardes intermináveis de Junho. Entrava ao cair do dia, quando o Sol se ia escondendo atrás das últimas serras numa cor sanguinolenta de incêndio. Nesta hora, morta para o trabalho, as duas raparigas, ao largar da agulha, andavam no quintal, ocupadas nos arranjos da casa. E o Júlio sentava-se também cá fora, ao pé da janela do velho. Uma ou duas vezes estranhou a Henriqueta. Pareceu-lhe constrangida, hesitante, como desejosa de lhe falar. Achou-a mesmo mais pálida, com o perfil mais afilado. Coitada... talvez estivesse mais doente? Mas sempre ativa, girando de um lado para o outro no seu passinho desigual, entretida com os pássaros do pai, mudando a água dos bebedouros; e, quando se aproximava dele, sempre com o mesmo sorriso triste e bom.

Algumas tardes vinha por ali o Pedro carpinteiro: “dar notícias ao sior Pascoal da passarada”. Era um grande amigo do Azevedo, andava sempre a desafiá-lo para irem às perdizes, ao reclamo; tinha dois perdigões como não havia outros na vila, nem dali muito longe:

- Ó sior doutor, ontem à tarde ali ós carrascais da Mãe-d'Água era uma praga. Abalei daqui já depois das três horas, e ainda matei quatro.

- Homem, é tempo de defeso - objetava-lhe o Júlio.

- Ora, isso o que monta?... Ninguém repara.

A conversa esgotava-se, e ficavam muito tempo em silêncio. O Pedro, sentado no fundo de um cesto, inclinava-se para diante na sua fisionomia parada e paciente de homem do povo, enrolando lentamente o cigarro nos dedos duros.

Ficava ali como ficaria noutra parte, numa tranquilidade de animal, habituado a todas as massadas. E o Júlio caía num sonhar vago, tocado daquele adormecimento contagioso.

Mas a Margarida voltava do terraço do fundo, de regar os goivos, corada, levemente despenteada do trabalho, sacudindo os pingos de água da saia; e, sentando-se no ângulo do alegrete, voltava para ele os olhos negros, calada também, embebida na quietação da hora.

Sob as árvores, as sombras cresciam, mais negras e mais úmidas. Na obscuridade nascente, as formas veladas perdiam as proporções; a ruazita das alfazemas alongava-se; todo o quintal parecia maior, sem limites definidos. E defronte, do outro lado da rua, o Júlio via a sua casa, a janela do seu quarto aberta, a fachada cinzenta, um pouco vermelha ainda nos últimos clarões do céu. Vista assim de baixo, a velha casa dos Azevedos, com as grades negras de ferro batido, e, nas ombreiras de pedra, as manchas amareladas e redondas dos líquenes mortos, tinha um ar severo, dominando o quintalzinho plebeu do alto da sua aristocracia.

O Júlio às vezes julgava ler uma censura naqueles muros denegridos; mas desviava os olhos, procurando o perfil da sua Margarida, indeciso já na luz quase extinta. Sentia-se preso no amor da rapariga; sentia-se enredado também na doçura neutra daquela existência, para que o atraía o seu sangue apático de provinciano, para que o preparavam as fortes impressões da sua primeira mocidade.

Numa preguiça invencível ia-se demorando até ser já escuro. A Henriqueta acendia a luz no quarto do Pascoal; e cá fora, a aragem fresca da noite levantava-se, passando nas folhas finas das amendoeiras, que tremiam num sussurro de gozo, consoladas depois do longo dia abrasador.

## **CAPÍTULO 10**

Mas, de repente, esta tranquilidade alterou-se. A campanha eleitoral tomava uma feição nova. Os ministeriais, que pareciam batidos, acordaram numa febre de trabalho. Do governo civil vieram ordens terminantes, ameaças de transferência e demissões, promessas de empregos, autorização até, segundo diziam, para gastar muito dinheiro. E o candidato do governo - um tenente-coronel de engenheiros - chegou também, indo alojar-se no Lendroal, em casa dos Carvalhos, a quatro quilômetros da vila. Foi então um sem-cessar de mensageiros. De manhã, de tarde, altas horas da noite, os moços do Lendroal nas éguas do monte, nas mulas da lavoura, vinham trazer recados ao administrador, ou atravessavam a vila, levando cartas para a capital do distrito. Este ruído de bestas pelas ruas irritava o comendador, e punha o Castro num contínuo sobressalto.

Tinham, porém, dias de triunfo e de vingança, quando os criados do visconde chegavam da sua quinta de S. Marcos, onde ele agora estava. Vinha às vezes o feitor, um homem sério, já grisalho, na égua ruça do amo. Mas quem sobre todos fazia efeito era o perreiro, o Joaquim Poças, um mulato alto do Sado, de jaqueta de peles, espingarda de dois canos atravessada, montado no seu cavalo

preto, que marchava em passo espanhol, com um grande barulho nas calçadas, deixando a perder de vista as mulas do Lendroal. O comendador chegava então à janela da Praça, gritando aos seus criados: “que recolhessem o cavalo, que lhe deitassem ração”; e ao Joaquim Poças:

- Suba, Joaquim, suba!... Você vai tomar alguma coisa, enquanto eu respondo à carta do Sr. Visconde.

Tudo isto azedava os ânimos. Da botica do Moniz, os amigos do Júlio olhavam, desconfiados e irônicos, para as entradas e saídas na loja do Faria, ao outro canto da Praça.

Mesmo as relações pessoais estavam quase cortadas. Apenas o João Gualberto, partidário fiel mas de gênio fácil, parava algumas vezes à porta do Faria e trocava uma chalaça com o administrador, apertando a mão ao Joaquim Carvalho, um companheiro de caçadas. E o Castro não via aquilo com bons olhos, resmungava:

- É uma asneira do João Gualberto estar-lhes a dar confiança.

O Júlio, sem querer, andava mais envolvido na eleição. Duas, três vezes por dia, ia ver a Margarida; mas ficava menos tempo com ela, achava-se mais preso, mais rodeado. O Chico barbeiro e o Norberto vinham procurá-lo a casa; traziam notícias das manobras; alegavam serviços, contando as boas partidas que tinham feito ao Faria. E os eleitores, dependentes da casa dos Azevedos, apareciam também, obsequiosos, no seu ar cauteloso e fino de homens do campo - ofereciam o seu préstimo, fazendo jus a favores futuros.

Emaranhado numa série de intriguinhas, o rapaz aborrecia-se, voltava às ideias do princípio. Queria fazer uma reunião popular, dizer àquela gente o que era uma eleição, explicar-lhes os seus direitos, mostrar-lhes que iam votar contra um governo imoral e estúpido. O candidato ministerial tinha chegado... Pois bem! Que viesse à reunião defender-se. E, lembrando-se dos seus triunfos nas assembleias acadêmicas, o Azevedo sentia um desejo vivo de controvérsias. Então, o comendador dissuadiu-o, demonstrou... “ao seu jovem amigo, que tudo aquilo podia ser muito bom em países adiantados, onde o povo tinha ilustração... ali não... ganhavam mais no trabalhinho de sapa... além disso a eleição estava segura”.

O Castro foi mais positivo, num grande desdém pela palavra:

- Parolas, Sr. Azevedo! Isso com eles não pega! Olhe, prometa-lhes o senhor dividir em sortes a sua herdade de Vale de Pegas; arranja mais vinte votos em S. Miguel, e ainda, em cima ganha dinheiro.

E, conhecendo os negócios do candidato a fundo, muito melhor do que ele próprio, o Castro fazia-lhe as contas:

- Vale de Pegas anda arrendada em trezentos mil réis: se a der ao quarto tira dali dez moios de trigo e cinco ou seis de cevada, uns anos por outros... e fica-lhe a pastagem livre...

O Júlio, nervoso, sem ânimo para lutar, cedia, prometia dividir a herdade, caía indiretamente nas compras de votos, que tanto lhe repugnavam. E agora, mais de perto, via também as pressões, com que se não podia conformar. Não sabia apertar as cordas nas gargantas. Chegou a trabalhar contra si.

Um domingo, ao sair para a missa, encontrou na escada uma mulher ainda bonita, com um belo olhar direito, e os cabelos pretos apenas riscados de fios de prata.

- Eu vinha falar a sua eicelência por via dos votos - disse-lhe ela, no ar desembaraçado das alentejanas do povo.

- Ah! por causa dos votos! - respondeu o Júlio, a quem esta palavra "votos" fazia mal aos nervos.

- Sua eicelência já me não conhece..... já se não lembra da gente... inda nem ali foi abaixo à sua horta. Eu sou a Prazeres, a sua hortaloa da horta dos Frades.

- A Prazeres! - exclamou o Júlio. - Lembro-me perfeitamente!

E lembrava-se; na sua memória tenaz passou num momento a visão da horta: a linha das faias brancas e o canavial ao fundo; a mancha vermelha do romeiral em flor; o porquinho louro, grunhindo debaixo da figueira, preso à estaca por um pé. A Prazeres, casada então de fresco e uma linda moça, fora a sua primeira paixão - aos treze anos. Quando artificialmente podia convencer o Pascoal, lá iam os dois parar à horta; e não dormia de noite, meditando planos complicados e perversos para dar um beijo na horteloa, atrás do canavial. Os planos falharam sempre, e deles nunca teve conhecimento, nem a Prazeres, nem ninguém.

- Ora a Prazeres! - repetiu o Júlio, muito alegre de a ver. - E você ainda está na horta?

- Pois stou, mailo meu Bento e os rapazitos. E hoje vinha cá falar ó senhor por via do voto do meu homem.

- O seu homem vota em mim naturalmente.

- Pois stá bem. O Sr. Lopes mandou dizer à gente, que lhe havêramos de dar o voto, quando não que nos tiravam a horta, prá dar ao Zé da Rita, que a quer. Mais a gente conhece a razão; somos rendeiros cá da casa vai pra dezesseis anos, e o meu homem disse logo, que o seu voto haveria de ser cá prá casa. De todo ó modo sempre ficamos desgraçados.

- Sempre ficam desgraçados!?

- Stá bém que ficamos. Bem vê sua eicelência que a horta é piquinina, e a gente ali só não se podia governar, jamais com quatro filhos. Como o meu homem tinha a parelha, pediu umas terras ao Sr. Cravalho, na herdade dele que fica aí pegada com os Coutos. Assim é que nos temos governado, com o que sameamos nas terras do Sr. Cravalho, e alguma coisa que dá a horta. De maneiras, que as semanas passadas o Sr. Lopes mandou-nos aquele recado; e ante o Sr. Cravalho foi estar com o meu homem, e disse-lhe, que lhe haveria de dar o voto pràs outros, ou que o deitava fora das terras. Já vê sua eicelência que sempre ficamos sem as terras, ou sem a horta... sim... de todo o modo sempre ficamos sem o nosso governo.

A Prazeres contou a sua história serenamente, sem lamúrias, num despreendimento fidalgo dos interesses materiais; mas o Júlio escutou-a em espinhos. Que diacho de história tão desagradável... uma complicação de horta, e de terras, e de hortelões desgraçados por causa dele! Depois, o belo olhar claro da Prazeres lembrava-lhe a sua antiga paixão.

Via a rapariga de outros tempos, forte, de lenço vermelho atado na cabeça, dando a travia ao bácoro com os braços nus - uns braços que o faziam tremer todo. Daquele primeiro acordar da imaginação e da carne ficava-lhe uma ternura vaga, uma amizade pela mulher. Mentalmente mandava a eleição, e o Carvalho, e o Lopes para... sítios muito distantes; e, de repente, numa inspiração:

- Olhe, Prazeres, diga ao seu homem que dê o voto aos Carvalhos, percebe. E quanto a tirarem-lhe a horta... isso é comigo, pode ficar sossegada.

Safava-se já, sem a querer ouvir mais; mas de baixo chamou-a:

- Ouça lá... vocês não falem nisto, é escusado que o Sr. Lopes, ou o Sr. Castro o saibam.

Subiu a rua, em direção à freguesia, muito satisfeito com aquela solução; contente de ter deixado a Prazeres tranquila; numa alegria de estudante ao

lembrar-se do voto, roubado ao Lopes, e ao Castro. Apressou o passo, porque era tarde.

Em Lisboa tinha deixado havia muito tempo de ir à missa, esquecido nas sonolências preguiçosas das manhãs de domingo, almoçando depois do meio-dia para ir de tarde aos touros; mas ali, na sua terra, cumpria regularmente o preceito católico. Não para fazer efeito; nem ele se lembrava de tal; nem, no nosso céptico Alentejo, uma missa de mais ou de menos era coisa que pesasse na balança de um candidato. Ia naturalmente... porque tinha ido em pequeno com a avó, à mesma igreja, à mesma hora. Reatava o fio daquele hábito, como reatara o fio de tantos outros. Logo no primeiro domingo, ao ouvir o repique bem conhecido, anunciando a missa das onze, pegou no chapéu e saiu, sem mesmo pensar no que fazia.

Mas nesta manhã chegou tarde, demorado pela conversa com a Prazeres; e, fendendo o grupo dos homens de trabalho, apinhados junto do guarda-vento, foi encostar-se à pilastra do primeiro andar, à esquerda.

A missa estava começada, e ele ficou ali, de pé, numa distração pouco devota, deixando a vista errar ao acaso pela igreja, grande, de uma nudez fria - aquele frio especial do estilo jesuítico. Via, no corpo da igreja mal cheio, os grupos disseminados das mulheres do povo, ajoelhadas com os xales pretos postos alto, quase pela cabeça, em linhas rígidas de freiras; mais adiante, junto da teia de pau-santo, os chapelinhos floridos de cinco ou seis senhoras, dando uma nota moderna, discordante ali, de meia civilização; lá ao fim, no altar-mor, o prior lendo a epístola, numa casula verde debotada, a pequenina coroa muito nítida nos cabelos duros; e por cima, sobre as luzes trêmulas da banqueta, a talha doirada do trono, denegrada em tons roçados de cobre velho. Em volta, reparava agora nas capelas dos lados, onde, na penumbra funda, se entreviam formas indecisas - o branco sujo de um manto de imagem, a lividez doentia de um Cristo preso à coluna. E, nos azulejos azuis e brancos que revestiam as paredes, examinava curiosamente as figuras dos santos, esguias, em roupagens duras, tendo gestos falsos e sem vida de autómatos. Com as janelas do coro fechadas, tudo isto se velava de sombra, todas as cores se apagavam em entoações discretas e mortas. Apenas, lá adiante, um raio claro de sol caía de uma fresta, marcado na poeira visível - como uma cutilada de luz na obscuridade azul.

Sentia uma tristeza pairando. Pensava naquela religião, viva e aguda quando se levantou a igreja, e se pintaram os azulejos, e se esculpiu a talha; adormecida hoje, caindo numa tradição, seguida como um simples hábito por todos os que ali estavam, desde o prior até ele próprio. E pouco a pouco deixava-se penetrar por esta tristeza - a tristeza das coisas que se vão sem serem substituídas...

Subitamente, porém, uma leve emoção varreu como um sopro as suas meditações nebulosas. No vaguear distraído dos olhos reconheceu as duas irmãs, ajoelhadas do outro lado da igreja, muito atrás das senhoras elegantes; e o coração bateu-lhe ao ver a Margarida, direita e graciosa no xalinho castanho, o modesto lenço de seda carmesim sobre os cabelos escuros. Foi uma surpresa. Não as esperava ali; elas iam habitualmente à Misericórdia, às dez horas, ouvir a missa do padre José. Mas não teve tempo de fazer reflexões; o prior despachava as últimas rezas, cortando atalhos pelo latim, e todos saíam já, num arrastar lento de pés.

Cá fora, na luz deslumbrante do adro, o Júlio encontrou um grupo de rapazes conhecidos: o sobrinho do Galrão; o Moniz, esperando a D. Carolina e a namorada; o próprio Mena, que apesar de não ouvir missa por causa dos seus princípios, vinha por ali ver as moças. Demorou-se um pouco com eles; e, quando as Pascoais saíram, foi-lhes falar muito naturalmente, apertando-lhes a mão, retendo um instantinho a da Margarida na rua. Despediu-se delas muito alegre, dizendo alto:

- Até logo.

Mas, ao voltar para o grupo, feriu-o um riso parvo, insolente, estampado na cara dos três rapazes. Teve uma destas impressões frias, súbitas, irrefletidas de cólera; e, a voz baixa, o olhar direto sob as sobrancelhas apertadas:

- O que estão os senhores a rir?

O ar do Azevedo era tão agressivo, que o sobrinho do Galrão bateu prudentemente em retirada; e o Mena, disfarçando, se afastou dois passos. Unicamente o Moniz resistiu ao choque, fiado na intimidade maior, naquele tu que lhes ficara do latim. Meteu no caso a bulha, querendo brincar:

- Anda lá, maganão, que não perdes o teu tempo... parabéns, a rapariga é boa deveras!

- Que tolice, ou que infâmia é essa? - perguntou-lhe o Júlio entre os dentes.

- Homem, não te zangues... ninguém te pede que te confesses! - respondeu-lhe ainda o Moniz, já muito comprometido.

O primeiro impulso do Júlio foi retalhar-lhe a cara com a bengala; mas, num resto de sangue-frio, percebeu que não remediava nada com isso; e voltou-lhe as costas, violentamente agitado. Via tudo, absolutamente tudo. Como um relâmpago no campo nos mostra na décima parte de um segundo os mais

pequenos acidentes do terreno, aquele riso de três parvos mostrava-lhe agora tudo quanto se dizia e se pensava em volta dela.

No caminho para casa, e já depois, fechado no quarto, revolia todos os indícios que tão estupidamente lhe escapavam até àquele momento - todas as meias palavras, todos os sorrisos significativos. Dava agora o verdadeiro sentido à luz fria e dura que vira brilhar nos olhos da D. Amália, nas duas ou três vezes em que inocentemente tinha falado da rapariga diante dela. Lembrava-se também da expressão constrangida e aflita da pobre mana Henriqueta. Todos então sabiam, todos falavam daquilo! E numa revolta - que ele julgava ser a revolta da sua justiça, mas era no fundo a revolta do seu amor - sentiu um desejo louco de ir pelas ruas, gritar àquela vila imbecil: “que se enganava, que ele nunca tinha roçado os beiços pelo cabelo da Margarida”.

Mas, no instante seguinte, viu a inutilidade dos seus protestos: caiu numa desanimação. Achava-se desarmado diante da calúnia intangível. Ainda quando ele corresse a pontapés o Moniz e o Mena, e todos os Menas, a calúnia ficaria de pé, avivada mesmo pelo escândalo. E tanto menos a podia destruir, quanto era plausível... tinha uma razão de ser. Acusava-se agora de imprudência, de estupidez. No seu egoísmo bruto, só porque lhe era agradável passar longas horas junto dela, tinha-se esquecido do que podiam dizer, tinha-a dado em pasto às más-línguas de uma terra pequena. A consequência ali estava. Quando partisse para Lisboa, eleito deputado, triunfante e tranquilo, deixaria atrás de si um rasto de lama - uma pobre rapariga perdida de reputação, e tendo para a defender uma irmã corcunda e um pai paralítico. E era irremediável isto!

Lentamente - o mundo exercendo mais uma vez o seu mister habitual de Galeoto -, uma ideia germinou no espírito do rapaz, indecisa e confusa a princípio, sem que ele próprio a quisesse formular claramente. Sim... era irremediável... se todos o acreditavam... se todos o diziam... porque não viria a ser?... porque não seria a sua Margarida realmente sua? Ele então, delicada, muito delicadamente, poderia melhorar a sua situação, instalá-la numa casa boa, rodeá-la de bem-estar, de luxo mesmo - aquele luxo de província, que no fim de contas se pode ter com tão pouco. Não renunciava à sua vida livre de rapaz solteiro, às suas novas e ainda pouco arraigadas ambições políticas, aos seus hábitos sobretudo. Não... nem era necessário... continuava a viver em Lisboa, independente, tal qual como antes. Somente, viria ali passar meses, muitos meses, com ela. Isto convinha-lhe mesmo; administrava a sua casa; podia talvez montar uma lavoura, quando terminassem os arrendamentos das suas herdades. Esta ocupação sorria-lhe. Afinal estava cansado da sua antiga existência, inútil e ociosa. E quanto a ela, havia de a cercar de tanto carinho, de tantas atenções, de tanto respeito, que a imporia ao respeito de todos!

E um momento deteve-se com satisfação neste plano. Via diante de si uma vida tranquila, quase regular; a Margarida junto dele para sempre, feliz e...

Mas, no fundo do seu espírito ou do seu coração, alguma coisa se insurgia contra todos os seus planos, deixando-o mal consigo.

## **CAPÍTULO 11**

E, ao outro dia de manhã, o Azevedo permanecia nas mesmas dúvidas, na mesma irritação surda.

Na véspera à tarde, muitas horas depois da cena do adro, tinha descido como costumava a casa das vizinhas. Encontrou a Margarida como sempre, naquele seu enlevo submisso, concentrada na sua paixão, feliz de o ver, esquecida de si e dos outros. A Henriqueta fez-lhe o efeito de estar mais triste, mais inquieta; ou porque realmente fosse assim, ou porque ele agora a observasse melhor. E tinha ali ficado até ser noite, no seu quintalinho querido, que lhe pareceu muito diferente. Ainda lá estavam a ruazita das alfazemas alongando-se na sombra, e as amendoeiras recortando a folhagem fina e negra no clarão vermelho do sol-posto; mas a paz exterior das coisas tinha fugido, dispersada e desfeita pela agitação interna do espírito. Saiu dali sem fixar uma ideia; voltava agora para lá no mesmo estado, impelido unicamente pelo desejo imperioso de ver a rapariga.

Quando correu o ferrolho da porta, e entrou na casa de fora, viu a Henriqueta sozinha, sentada à banca de pinho da aula, apesar de não ser ainda a hora da lição. Estava-o evidentemente esperando. Veio logo ao seu encontro, ao mesmo tempo hesitante e decidida, como quem obedece a uma resolução penosa, longamente meditada. E, sem rodeios, sem mesmo lhe dar os bons-dias, naquela coragem precipitada dos tímidos, perguntou-lhe numa voz baixa, um pouco trêmula:

- É nosso amigo... não é verdade?

- Se sou seu amigo, mana Henriqueta... Que pergunta!

- É que eu queria-lhe pedir uma coisa. Há muitos dias que lhe quero pedir isto, sem ter ânimo... e tenho feito mal... mas custava-me tanto! Queria-lhe pedir que viesse cá menos...

A um gesto involuntário do Júlio, a Henriqueta pôs-lhe no braço a sua mão de doente, branca e fraca, num toque doce, apenas perceptível; e levantando para ele os olhos, já cheios de lágrimas:

- Eu bem sei que não faz mal nenhum... mas é para sossego da... de nós todos. E não lhe peço que deixe de cá vir...

Bem vê, daqui a pouco vai-se embora para Lisboa, e nestes dias que faltam vem menos vezes... sim?

Como o Júlio hesitasse, calado, ela acrescentou ainda, cada vez mais pálida:

- Lembre-se que foi criado conosco, como se fôssemos suas Irmãs.

- Tem razão, mana Henriqueta! - disse o Júlio; e saiu.

Tinha razão... ele não devia, não podia ir ali. Mas ao encontrar-se na rua experimentou uma sensação de isolamento doloroso, como se o tivessem transportado subitamente para uma terra distante, desconhecida e hostil. Só, sem ter para onde ir, viu bem o lugar que no seu coração, nos seus hábitos, na sua vida inteira, tinha tomado aquela casita pobre, onde agora não podia voltar. Sem ânimo de entrar na sua casa, receoso da solidão do seu quarto, subiu a rua, dirigindo-se para o centro da vila. Sentia a necessidade de um conselho, de um desabafo. Se ao menos tivesse ali um amigo - um destes amigos, que nós ouvem pacientemente, com um bom sorriso de simpatia nos lábios, enquanto nós, num passeio nervoso pelo quarto, vamos contando tudo, dizendo tudo, como se pensássemos alto! Mas que podia ele dizer àquela gente dali, que lhe profanara o amor nas suas suposições materiais e brutas? E, pensando bem, lembrou-se que em Lisboa estaria no mesmo isolamento. Não tinha um único amigo a quem falasse naquilo. Os amigos de S. Carlos, de rosa na casaca, o cérebro vazio sob o cabelo correto, a quem ele contava a rir as aventuras com a Adelaide, a quem mesmo nuns momentos de condenável vaidade - tinha deixado entrever algumas das peripécias da sua ligação com a D. Sofia, a esses não podia falar na Margarida. Este sentimento novo escondia-se nos retraimentos de um pudor, absolutamente novo também.

Sentindo-se infeliz, o candidato vitorioso ia subindo a rua sem destino, sob o Sol a prumo, brutalmente reverbado na calçada e no branco violento das paredes. Respondia um pouco desconfiado às saudações das pessoas que encontrava; julgava ver nas caras de todos, aquele riso parvo do Moniz e do Mena; parecia-lhe que atrás dele deviam dizer: "Ali vai o Azevedo com quem está a Margarida do Pascoal."

No seu desejo de ver alguém, de fazer alguma coisa, fosse o que fosse, tendo horror a entrar na botica, ocorreu-lhe ir procurar o Castro - esse ao menos só lhe falaria na eleição.

E, quando o encontrou, sugeriu-lhe um plano, uma expedição, a primeira coisa que lhe veio à cabeça: “Talvez fosse bom irem à Corte, falarem com o prior, o padre Soares, saberem o que por lá se passava?” O Castro caiu das nuvens ao notar-lhe este excesso de zelo; mas não era homem que deitasse água na fervura de ninguém, muito menos em uma fervura eleitoral. Combinaram logo jantar cedo para ir de tarde. Iam no carrinho - a estrada municipal de macadame já chegava mesmo à aldeia.

E às cinco horas, sob um sol de chumbo, lá se foram pela planície enorme, sem uma árvore, ao trote choutado do cavalo lazão. O Júlio sentiu uma espécie de prazer naquela viagem desagradável, através de uma desolação amarela e seca; a erva seca nas valetas da estrada; as searas de trigo, sem fim, ainda de pé, oscilando lentamente num ruído seco de palha já morta; os restolhos das cevadas quase brancos, feios e hirtos como uma barba de oito dias; e, ao longe na estrada, a poeirada seca, levantando-se num destes pés-de-vento, súbitos e sem razão de ser, das tardes quentes.

Voltaram já de noite. O rapaz ao menos tinha gasto a tarde, e trazia os nervos aplacados pelo cansaço físico, a cabeça azamboada do sol, os rins moídos das molas infernais do carrinho. Apesar de ser tarde, quase dez horas, vestiu-se e saiu para ir a casa do Lopes. Conservava ainda o receio do seu quarto, do isolamento, de se achar face a face consigo mesmo.

Encontrou o comendador na casa de jantar, só com as duas irmãs e o padre José, sabendo já da expedição à Corte e desejoso de notícias. As notícias eram excelentes; os eleitores, teimosos a princípio no tal aforamento do baldio, cediam todos, levados principalmente pelo prior e pelo Cairão, que tinha ali perto o seu assento de lavoura. Deviam obter na Corte uma votação quase a flux...

Mas, enquanto relatava o emprego da sua tarde, a D. Amália apareceu na porta da sala, que estava às escuras, dizendo-lhe num tom de repreensão amável:

- Ditosos olhos que o vêem, Sr. Azevedo!

Efetivamente ele não fora muito assíduo nos últimos dias; e, voltando-se agora numa surpresa:

- Ah! V. Ex: estava aí!

- Estive ali um bocado na janela da Praça. É o único sítio onde corre ar.

O Júlio tinha-se dirigido naturalmente para ela, e penetraram juntos na escuridão da sala, cortada pela fisga de luz que vinha da casa de jantar. A

situação do candidato junto da D. Amália era singular e levemente embaraçosa. Logo desde os primeiros dias ele lhe notara os requebros, mais do que isso, um destes desejos claramente manifestados de mulher já madura. Esta descoberta deu-lhe uma vibraçõzinha agradável na vaidade e nos sentidos; e uma ou duas vezes experimentou uma tentação mais forte, como umas veleidades de se deixar conquistar. Reteve-o a princípio a consideração que tinha pelo comendador, tão serviçal, empenhando o seu tempo e o seu dinheiro e m o fazer deputado. Reteve-o sobretudo o lado vulgar da aventura, o sorriso involuntário que lhe despertavam as pretensões senhoris da D. Amália. E ultimamente, com a vontade e o coração presos noutra parte, deixara de pensar nela. Mas isto colocava-o em uma atitude de resistência, em uma situação de defesa, sempre difícil e um pouco ridícula mesmo da parte de um homem.

- Então foi hoje à Corte? - perguntou-lhe ela agora, encostando-se à grade da sacada sobre a Praça.

- Sim, minha senhora. Com um sol medonho... por uma estrada medonha! - respondeu o Júlio, exagerando comicamente o adjetivo.

- Coitado! - disse ela numa lamentação irônica. - Não se aflija, o fim do seu desterro está por dias...

- Não há desterrros j unto de V. Ex.<sup>a</sup> - atalhou o rapaz na sua amabilidade antiga.  
- E depois, não estou nada fixado sobre o fim disto, que chama o meu desterro. Ainda não sei quando irei para Lisboa. Em todo o caso, se vencermos a eleição, volto logo depois das câmaras fechadas; e conto passar aqui muitos meses. Tenho mesmo umas ideias de não renovar o arrendamento da Pedra Negra, e de me fazer lavrador. Já vê que estou um provinciano completo.

Sem querer, o Júlio respondia mais às suas preocupações íntimas que às perguntas da D. Amália. Na obsessão da ideia fixa, falava alto daquele seu plano incerto, tão indeciso ainda, de ficar ali, de não abandonar a sua Margarida. Talvez a mulher do comendador pressentisse isso, talvez a imagem importuna da rapariga passasse de relance no seu espírito; mas não se denunciou. E vendo, ou querendo ver nas palavras de Júlio coisas muito diversas, perguntou-lhe numa voz toda cheia de intenções:

- Isso... é sério?

- Perfeitamente sério - respondeu ele simplesmente.

Ficaram algum tempo calados, encostados à grade ombro a ombro, as mãos quase unidas sobre o apoio de ferro, olhando, sem a ver, para a Praça escura e deserta. Do outro lado, nas casarias altas, vagamente destacadas em negro no

céu estrelado, não havia uma luz, um sinal de vida. Apenas à esquerda, o petróleo brilhante da botica do Moniz projetava sobre a calçada uma faixa clara. E defronte, para além da loja do Faria já fechada, mesmo à esquina do Terreirinho, via-se um clarão baço na porta envidraçada do bilhar do Caxinha. De vez em quando soava o choque de uma carambola; um momento, as vozes dos parceiros levantaram-se mais altas, numa disputa. Depois o silêncio caiu de novo em volta deles. E, neste silêncio, a obscuridade da Praça e da sala rodeava-os, isolando-os numa cumplicidade. D. Amália disse baixo, como na explosão involuntária da poesia interior:

- Que céu tão bonito!

E, direita agora, olhando para cima, as mãos apoiadas sobre o ferro, os peitos salientes:

- Como as estrelas brilham esta noite! Sobretudo aquela, ali, não vê, Sr. Azevedo?

- É Vega, minha senhora - disse o Júlio que, apesar de formado em Direito, tinha seus laivos de astronomia popular.

- Se eu amasse alguém que estivesse longe - continuou ela - havíamos de escolher esta estrela, para todas as noites a contemplarmos à mesma hora. Nunca olhou assim para uma estrela?

- Francamente nunca! - respondeu o rapaz com um leve sorriso, que se perdeu na obscuridade.

Mas a D. Amália cortou a conversa numa frase inesperada, que deixava pairar a suspeita da culpa sobre as suas inocentes relações:

- Vamos para dentro, Sr. Azevedo... podem reparar.

Dava meia-noite quando o Júlio se encontrou na rua, entregue de novo às agitações do seu espírito, esquecido da D. Amália. Veio lentamente, sem vontade de entrar em casa; e quando chegou à porta ficou-se a olhar para a casita pobre da sua Margarida, donde o expulsavam a mana Henriqueta e... o dever. Mas, na claridade frouxa das estrelas, pareceu-lhe ver uma das janelas meia aberta. Teve a intuição de quem ali estava, e, atravessando rapidamente a rua, perguntou baixo:

- É você, Margarida?

Uma forma indecisa recuou um pouco para a escuridão interior; mas ele, conhecendo-a, perguntou ainda:

- Que é... sucedeu alguma coisa?

- Não... nada... eu não podia dormir. Porque não veio hoje cá em todo o dia? - disse ela numa queixa muito humilde.

O Júlio tomou-lhe a mão, murmurando umas desculpas confusas:... “gente que o tinha procurado de manhã... aquela maçada de ter de ir à Corte”.

Lentamente puxava-a para si; e ela, cedendo mais ao impulso interior que à sua pressão, encostou-se ao parapeito, um pouco debruçada. Muito perto agora um do outro, tinham os olhos confundidos, as mãos apertadas e trêmulas; e de repente sem uma palavra de amor que não era precisa, colaram as bocas num beijo interminável. Ao contacto úmido dos seus beijos entreabertos, sentindo-a abandonar-se, desfalecida e entregue, o amor do Júlio - ainda agora casto e quase ideal - completou-se subitamente num desejo ardentíssimo. Queria-a toda... toda! Queria-a na vibração das mais íntimas fibras. Queria-a, sim, num desejo ainda cheio de ternura, purificado pela identificação com a paixão interior, num desejo, que era como a aspiração infinitamente doce e infinitamente intensa para a união absoluta de dois seres, almas e sentidos; mas que... nem por isso o dominava menos rude, menos imperiosamente...

O parapeito da janela era baixo, o Júlio apoiou as mãos em cima para o galgar de um pulo, e... nesse instante teve uma singular reminiscência teatral. Viu-se como o Fausto, à janela da casa *casta e pura*, apertando nos braços a Margarida. Esta lembrança estranha, cortando a violência da sensação, salvou-o de uma ação má. Ouviu atrás de si o riso de Mefistófeles, e não lhe quis dar razão. Pegou com as duas mãos na cabeça da rapariga, puxou-a mais para si; e dando-lhe um beijo muito longo na testa, à raiz do cabelo - naquele sítio tanto tempo desejado - fugiu para casa.

## **CAPÍTULO 12**

Durante três dias, o Júlio cumpriu religiosamente a promessa tácita, feita à mana Henriqueta. Durante três dias não entrou uma só vez na escola; e quando, na primeira noite, ao recolher a casa, viu aberto aquele postigo, junto do qual experimentara a mais doce comoção da sua vida, teve a coragem extraordinária de se não aproximar. Nas noites seguintes, a janela estava fechada, e tudo quieto e silencioso, como de costume.

Nestes três dias, o rapaz atravessou todas as fases, que vão da irritabilidade violenta à prostração desconsolada. No compartimento mortal das horas tentou trabalhar. Pegou de novo no seu romance, bastante adiantado nas primeiras semanas de estada ali. Releu os capítulos já escritos, em que ele contava a entrada de um provinciano na vida de Lisboa um advogadoito pobre do Norte, lançado de repente na roda literária das redações, e na baixa cozinha política. Ao mesmo tempo, um deslumbramento e uma desilusão. Um assunto bom - tendo apenas o defeito de ser inspirado diretamente por algumas páginas das *Illusions Perdues* de Balzac - e que ele tratara com uma certa força. Mas quando agora quis prosseguir, o trabalho recusou-se, a frase não vinha, a tinta não corria, pegada aos bicos da pena. Rasgou nervosamente meia dúzia de folhas mal escritas, e não continuou.

O romance vivido desviava-o do romance inventado.

Na tarde do quarto dia, vestido já para a recepção semanal do comendador, parou com a sua consciência. Não lhe era possível viver assim. Tinha feito muito mais do que podiam esperar; mesmo a mana Henriqueta não lhe pedira tanto. Não queria passar nem mais uma hora sem ver a sua Margarida, sem lhe ouvir a voz, sem ao menos lhe apertar a mão. E, cheio de emoções diversas, o coração a bater, desceu a escada e foi direito ao quarto do Pascoal. O escrivão teve uma grande alegria ao vê-lo, achando logo o motivo da sua ausência: “Estava claro, o menino tinha tido muito que fazer, por força, nas vésperas da eleição.”

Uma única coisa preocupava agora o Pascoal, e era estar ali pregado na cama, não lhe poder dar o voto. Pois todos haviam de dar o voto ao seu menino, menos ele! Não se conformava com isto. Pensava até em pedir ao Pedro carpinteiro e a outro que o levassem à igreja numa cadeira, numa escada, fosse como fosse. O Júlio, sorrindo, consolou-o, explicando-lhe que o seu voto não havia de fazer falta, contando-lhe com muita pachorra o estado próspero da campanha eleitoral. Enquanto falava com o velho, examinou atentamente a mana Henriqueta, que, tranquila e triste, cosia na sua cadeira baixa, e o acolhera à entrada com um olhar agradecido, mas muito desconsolado. E só dali a pouco, quando a Margarida apareceu, ele penetrou bem o olhar na Henriqueta - o olhar desconsolado de um médico, que tivesse aplicado um remédio heróico já fora de tempo. A Margarida estava muito mudada; lembrou-lhe a singular visão que ele tivera junto da mesa do monte. Parecia sair de uma doença, pálida, as olheiras cavadas, os olhos maiores, como dilatados pelo sofrimento.

E na verdade tinha sofrido muito naqueles três dias; tanto mais, quanto não percebia nada do que se passava. Havia tempo já que o seu enlevo alegre e descuidado se desvanecera. Tinha revolvido longamente um problema doloroso

na sua cabecinha ignorante, mas inteligente. Sabia que não tinha nada, absolutamente nada a esperar do seu amor. Vivia no presente, procurando afastar do espírito um futuro, que não existia para ela. De um momento para o outro o seu Júlio iria para Lisboa, esquecendo-a... talvez? deixando-a em todo o caso ali, só, entregue às suas recordações, à sua paixão, que, longe como perto, devia durar sempre! Estava preparada para isso. Pertencia à raça das mulheres que aceitam facilmente a dedicação e a dor, como sendo o seu destino natural na vida. Resignava-se a vê-lo partir; mas isto que sucedia... não podia perceber! Ignorando o que diziam deles na vila, ignorando a intervenção da irmã, não podia penetrar o mistério do seu súbito abandono. Pois ele estava ali, defronte, e não a queria ver... porquê? Porque não gostava dela... então que significavam a sua voz e o seu olhar dos tempos felizes?... Que significava aquele beijo, que ela sentia ainda nos beijos, de dia e de noite?... E o outro beijo, talvez melhor e mais doce, que lhe dera longamente na testa, ao despedir-se?... Não percebia... e a sua dor avivava-se na picada irritante desta dúvida... porquê?... Porquê? Que lhe fiz eu?...

A o vê-lo de novo, ali, junto da cama do pai, Margarida ficou indecisa, tímida, mais pálida ainda. Todos - exceto o pobre velho - sentiam como um peso a angústia das situações difíceis. E era singular, ver como aqueles três entes, que se adoravam, permaneciam assim, mudos, constrangidos, afastados por uma desconfiança. De todos, o Júlio era talvez o que estava menos à vontade; acusava-se do sofrimento tão visível da rapariga; via bem que a doce e tranquila intimidade tinha fugido para não voltar; parecia-lhe agora aquela entrevista, antes tão desejada, mil vezes mais penosa que a ausência. E, passado pouco tempo, não podendo dominar-se, arrancou-se dali com uma desculpa qualquer, que o velho aceitou logo:

- Vá, vá, pois está claro, o menino deve ter muito que fazer!

Instintivamente, a Margarida veio acompanhá-lo alguns passos pelo corredor. Não trocaram uma palavra; mas, junto da porta, ele passou-lhe o braço à roda da cintura, teve-a um instante encostada ao peito, sentindo-a chorar devagarinho. Baixou a cabeça para lhe dar um beijo; e, sem lhe procurar a boca, bebeu-lhe nos olhos o sabor amargo das lágrimas.

O escritório do comendador estava completamente cheio.

Faltavam apenas dez dias para a eleição, e naquela noite havia reunião magna de influentes, apuramento de resultados, uma espécie de revista das tropas aliadas. Logo da porta, através do fumo denso dos cigarros, o Azevedo reconheceu nos grupos o velho Galvão, o Loureiro, o João Gualberto, o Francisco Dias, o Moniz, que lhe veio imediatamente falar, um pouco embaraçado depois daquela cena do adro. Estava ali também o Mena, convidado pelo comendador

em seguida a um artigo laudatório no *Clarão*. À mesa, o Castro, positivo e metódico, não falava a ninguém, classificando uns papéis que ia numerando a lápis. E, num ângulo, o padre José e o prior conversavam com o padre Soares, chegado naquele instante da Corte, ainda de esporas, todo empoeirado do caminho. Tinham vindo mais emissários: o feitor do visconde, com uma carta do amo, em que se desculpava de não comparecer pessoalmente por estar de cama; e o irmão do João Máximo, valentão de aldeia, na sua barba loira inculta. Entre os grupos, o Lopes circulava, radiante, numa auréola de glória - a eleição estava segura, seguríssima, arqui-segura!

E todos, muito alto, faziam as contas.

Ganhavam nas duas assembleias da vila. Não seria por muitos votos, porque o Faria e o administrador tinham feito nos últimos dias um trabalho dos diabos, usando e abusando de todas as tricas, de todas as prepotências - uma pouca-vergonha. Mas ganhavam com certeza; o Chico barbeiro e o Norberto cortavam a cabeça se se perdesse em qualquer das duas assembleias.

Em S. Miguel ficavam em minoria. Não lhe podiam valer, era o centro da influência dos Carvalhos.

A votação da Corte compensava, porém, esta diferença e muito mais. Ali, o padre Soares e o Galrão tinham tudo a postos; e da aldeia de S. Marcos - que vinha votar à Corte - o visconde trazia a sua gente arregimentada, sem lhe faltar um só homem. Restava S. Gens, muito importante, onde o Lopes dispunha de grande influência pessoal, e, aliado agora com o João Máximo, devia obter uma votação quase unânime.

Tudo isto somado, apurado, feitos todos os cortes, todo os descontos, deixando margem para todas as eventualidades, dava quatrocentos votos de maioria, perfeitamente seguros. Não havia que sair desta conta. Apenas o Castro, depois de classificados e numerados os papéis, levantou um grito de prudência:

- Em todo o caso, meus senhores, é necessário que ninguém se descuide. Olhem que eles ainda trabalham como uns danados... e lá têm as suas esperanças. Eu não sei o que há... mas há coisa!

Os outros riam: "O Castro era o demônio, a eleição estava ganha, ganhíssima!" E, na certeza do resultado, felicitavam o Azevedo, cheios de deferência, considerando-o já o representante do círculo. O Lopes especialmente contemplava-o com orgulho, com um amor de literato pela sua obra - era o seu deputado, feito contra o Faria e os Carvalhos, contra o administrador, o governador civil e o ministro do Reino: "Apre! haviam de ver se se brincava com ele!" Mas todos o queriam um pouco para si - todos o tinham feito. Em roda do

candidato havia como um murmúrio contínuo de adulações, enquanto o comendador, pomposo e grave na sua jubilação íntima, lhe prognosticava "... situações eminentes, a que ele tinha incontestavelmente direito pelos seus dotes, pela sua respeitabilidade de grande proprietário".

Pouco a pouco, o Júlio animou-se, no ruído das conversas, na excitação daquela atmosfera de batalha e vitória. A eleição, de que se desinteressara quase nos últimos dias, embebido em outro e mais fundo sentimento, ocupava-o agora todo - a sua ambição voltava. Parecia-lhe de novo invejável aquele lugar de deputado, que o podia levar a tudo. No triunfo do momento, na visão de triunfos futuros e maiores, esqueceu completamente as lágrimas da Margarida. Sentia uma impressão de vaidade satisfeita ao ver-se rodeado, cheio de importância, a primeira pessoa, em volta de quem tudo gravitava, de quem todos dependiam. Porque alguns, sem perderem tempo, tomaram-no logo ali de parte, falando-lhe nas suas pretensões: "...querendo ele era uma coisa feita... os deputados da oposição gozavam de mais influência que os da maioria... todos sabiam isso". O próprio Mena, que ainda na véspera, irritado pelos seus ares arrogantes no adro, lhe chamara na ausência "uma besta", enfiou-lhe o braço, familiar e subserviente, dizendo-lhe ao ouvido:

- Olhe lá, Azevedo, não me deixe ficar enterrado nesta pelintrice desta terra. Em sendo tempo, eu me farei lembrar.

E mesmo o Galrão e o padre Soares, entalando-o a um canto, chegaram a submeter-lhe o plano de um discurso, uma interpelação ao Governo: "A diretriz da estrada de primeira classe, que devia passar à parte de cima da Corte, e agora desviavam para os lados de S. Miguel, contra toda a justiça, contra os interesses mais evidentes e mais sagrados daqueles povos..."

Nesta confusão de cálculos, de apartes, de recomendações, o tempo correu rapidamente. Davam já dez horas, e alguns começavam a sair. No momento das despedidas, o escritório tomava uma aparência pitoresca e bélica, ares de quartel-general. Os que partiam para longe, e se não tornavam a ver até à hora da batalha, recebiam as últimas instruções, os últimos apertos-de-mão. Tinham a gravidade decidida de oficiais, que vão ocupar os seus postos de combate. O padre Soares ficava naquela noite em casa do padre José, mas saía logo de madrugada para a Corte. O feitor do visconde ia já para S. Marcos, tinha a égua aparelhada à porta. E o irmão do João Máximo também seguia dali para S. Gens - só o tempo de ir buscar o cavalo à estalagem.

- Vê lá se te saem ao caminho - disse-lhe o João Gualberto rindo.

- Isso sim!... Ainda lhes não nasceram os dentes com que me hão de morder! - respondeu o valentão, cheio de desprezo.

Os que habitavam na vila, desciam também a escada aos grupos, conversando, sem mesmo se lembrarem de entrar na sala. Mas o Júlio não podia esquivar-se polidamente a ir cumprimentar as senhoras.

Encontrou-as muito abandonadas, sós com o Moniz e o amanuense da câmara, jogando em volta da mesa um loto desanimado. No seu golpe de vista pronto, a D. Amália viu-o entrar; chamou-o com um sorriso, fazendo-lhe um lugarzinho muito apertado entre ela e a prima Joana. O jogo continuou. A Luisinha, a sobrinha mais velha da D. Carolina, tirava os números, sentada junto do Moniz, com os olhos sonsos mas brilhantes. E defronte, o amanuense da câmara, m ais pálido do que o costume, passava melancolicamente os dedos no bigode preto. No silêncio sonolento, a voz fina da Luisinha deixava cair os números:

- Vinte e seis... quarenta e oito... quinze...

D. Amália, desinteressando-se d o loto, começou a falar baixo com o vizinho:

- Já sei que tudo corre às mil maravilhas, não imagina o prazer que sinto com isso. Olhe, que me há de mandar dizer quando fala na Câmara... vou de propósito a Lisboa para o ouvir.

O coro de adulações do escritório continuava ali; mas mais íntimo e mais quente. A voz reprimida da D. Amália dava a estas palavras simples a significação de uma carícia lenta.

E, requebrando-se, envolvia-o de lado no olhar verde, filtrado pelas pestanas unidas. O rapaz ouvia-a confusamente, atordoado do ruído e do fumo do escritório, ficando-lhe na cabeça fragmentos das conversas políticas. Não lhe voltara ainda a visão nítida da Margarida em lágrimas; mas sentia-se outra vez preso de uma sensação dolorosa - uma destas dores surdas que nos atormentam, mesmo sem disso termos consciência. Abandonado, inerte, os nervos lassos depois daquelas horas de excitação, não reparava bem no que se passava em volta. Mas num movimento involuntário - muito apertado entre as duas senhoras - encostou de leve o joelho ao da D. Amália; e, com uma surpresa que o despertou, sentiu-a responder demorada, energicamente, à sua pressão casual.

- Quinei! - disse do outro lado da mesa a D. Carolina.

Todos fixaram os olhos no cartão. Verificavam-se os números; não se sabia bem se o oitenta e sete já tinha saído.

E, neste instante de atenção que lhes criou um isolamento, D. Amália disse-lhe ao ouvido:

- Venha comigo.

Levantou-se, vagarosa e serena, dirigindo-se para a porta de vidros, aberta sobre o terraço. Ao passar, disse na sua voz pausada:

- Luisinha, eu não jogo agora. Acho isto aqui abafadíssimo!

Da porta do terraço chamou o Júlio, que hesitava:

- Está uma noite estrelada, lindíssima! Venha ver, Sr. Azevedo.

Quando o rapaz saiu para a escuridão exterior, atravessada em diagonal pela faixa de luz da porta, ela tomou-lhe as duas mãos com força, os braços hirtos num espreguiçamento, dizendo-lhe baixo, de muito perto:

- Era então certo que me amava... eu tinha-o adivinhado há tanto tempo!

Atônito, perturbado momentaneamente numa surpresa dos sentidos, o Júlio murmurou algumas palavras incoerentes. E ficaram ali, quase defronte da porta, no risco de serem surpreendidos, as mãos enlaçadas. Ele via-a vagamente, alta e forte num vestido claro; ouvia-lhe a respiração curta, passando entre os dentes cerrados. Num movimento poético, ela levantou os olhos para o céu, dizendo:

- Vê a nossa estrela?

- É verdade, a nossa estrela! - repetiu o Júlio tolamente.

Mas a D. Amália recobrou com presteza o sangue-frio; e, na sua voz habitual, imperativa e decidida:

- Precisamos ter muita prudência... Devemos voltar para dentro... amanhã lhe direi como nos podemos ver a sós.

Quando entraram, o comendador, que tinha chegado naquele instante do escritório com o João Gualberto e o Castro, veio a o seu encontro. Radiante ainda, envolvendo-os a ambos no mesmo olhar de proteção admirativa e terna, disse para a mulher:

- Ah! estavas aí fora com o nosso deputado!

- Estivemos ali um bocadinho a tomar ar - respondeu ela tranquilamente.

## CAPÍTULO 13

Pelas três horas da tarde, o moço de recados do Lopes trouxe ao Azevedo um escritinho da Sr.<sup>a</sup> D. Amália - um escrito muito simples, que todos podiam ler. Dizia-lhe apenas que tinha ajustado com a D. Carolina irem dar um passeio de tarde; mas à noite estaria em casa só, e esperava lhe fosse fazer companhia. Sublinhava a palavra “só”, sem a explicar. Simples como era, este escrito veio avivar todos os remorsos do Júlio.

Porque ele agora sentia remorsos de se ter deixado envolver, um instante que fosse, naquela estúpida aventura; remorsos mesmo das horas em que se esquecera da Margarida, ocupado da eleição, no ruído de lisonjas banais e interesseiras. Numa reação inevitável, recaía mais profundamente na contemplação exclusiva e doce do seu amor; e ao mesmo tempo na angústia irritante das suas dúvidas. Mais do que nunca, estava decidido a pôr um termo àquela situação, a calar por uma vez todas as calúnias; somente... não sabia bem como. E esta ridícula aventura com a D. Amália vinha complicar tudo! Um momento pensou, que não podia recuar - a honra masculina não o permitia. Lembrou-se mesmo com um sorriso daquele sábio José, que ainda se não levantou na opinião pública, e sobretudo na opinião feminina, da prudência com que se houve em uma ocasião semelhante. Mas logo em seguida esta ideia repugnou-lhe. No egoísmo a dois do seu amor chegou a ser injusto com a pobre D. Amália. Desconhecia o que podia haver de verdadeiro, naquilo que duramente chamava “um capricho de velha”. Se fosse preciso acabava tudo numa explicação clara... Extremamente difícil e desagradável a tal explicação... mas, que remédio?

E pouco a pouco esqueceu-se do singular acontecimento da véspera; a sua imaginação fugiu-lhe para outro lado. Voltou-lhe aquela visão constante de dois olhos negros, magoados e cheios de lágrimas por causa dele. Numa esperança vaga, num impulso irrefletido, foi à janela para ao menos ver a escola por fora. Os postigos verdes estavam cerrados; o quinta linho, deserto, inundado de sol. A humildade daquela casita pobre prendeu-o. Porque no seu amor complexo, feito da antiga amizade de criança, de funda ternura, de desejos ardentes, entrava inconscientemente outro elemento, subtil e mal definido... Sabia que não tinha satisfações a dar ao seu velho Pascoal, nem à Henriqueta, nem à Margarida, pois... por isso mesmo! Ele, que se revoltaria contra uma exigência, rendia-se à submissão absoluta. Sem habilidade, na simpleza inocente da sua índole e da sua paixão, a Margarida usara da maior arma de uma mulher, diante de certos homens - a dependência. Tinha, perante a força, o encanto doce da fraqueza. Apelava para o sentimento tão viril da proteção. E todos em volta dela, na sua indiferença ou na sua hostilidade, se haviam feito

involuntariamente seus cúmplices. A pouca importância dada às suas relações supostas com a Margarida, a naturalidade com que admitiam que ele tivesse seduzido uma pobre rapariga sem defesa, indignavam o Júlio. Tomava o partido dela contra todos, e... contra si.

Neste estado violento, passeando no quarto, acendendo cigarros que deixava apagar em seguida, passou a manhã toda. Jantou só, em silêncio, servido pela Bárbara, que o rodeava outra vez de atenções significativas, desde que ele deixara de andar “metido com a lesma da vizinha”. Quando acabou, veio encostar-se à velha grade de ferro forjado, com um novo cigarro entre os dentes.

E ali, apoiado à grade, olhando para o vale, recordou-se daquela esplêndida manhã dos princípios de Maio, em que se encostara naquele mesmo lugar, e vira pela primeira vez a Margarida despregando a roupa no quintal em bicos de pés. Dois meses apenas... nem tanto... e como tudo estava mudado fora dele e dentro dele! Lembrava-se bem do vale ainda fresco; os olivais em flor; o trigo espigando, num verde-claro, lavado de branco; a folhagem nova das faias, fina e trêmula na aragem ligeira. Dois meses apenas!... E agora o Verão tinha passado sobre aqueles campos como um incêndio. Na várzea ceifada, amarela e feia, os restolhos deixavam ver por baixo a terra ardida, reduzida a pó, toda gretada do calor. Os olivais sem brilho pareciam cobertos de cinzas. As faias mesmo envelheciam, picadas já de folhas mortas. Todo o campo, árido, sequioso, prostrado sob o Sol chamejante, se estendia sem viço e sem vida até às últimas serras, roxas agora na luz da tarde. E por cima, no azul do céu, duvidoso e quente, encastelavam-se umas nuvens brancas, compactas, duras, como feitas de algodão-em-rama, que anunciavam trovoadas distantes. Dois meses apenas!... Lembrava-se bem da sua emoção ligeira e fresca, ao reconhecer na rapariga delgada e graciosa, a Margaridinha dos tempos passados, a antiga companheira de infância. E agora esta emoção convertera-se em um amor profundo, aquecido nas dúvidas, amadurecido na luta interior, regado já de lágrimas...

Envolvido nos seus pensamentos, o rapaz olhava distraidamente em volta, e viu com surpresa abrir-se a porta da escola. As duas irmãs saíam, caso raro, em traje de passeio, nos seus xales escuros, os lencinhos na cabeça. Num movimento involuntário, como se sentisse culpado, recuou um passo, e ficou escondido, observando-as. A Margarida levantou para a sacada os olhos, que lhe pareceram muito tristes, e desceu a rua devagarinho, esperando pela irmã. Viraram ambas no fim da rua a uma travessinha, que dava em baixo para os farrejais de fora da vila. O Júlio hesitou um instante, e decidiu segui-las; queria falar à rapariga, mesmo diante da Henriqueta, dizer-lhe... não sabia o quê, qualquer coisa, contanto que o sangue voltasse às suas faces pálidas, a alegria aos seus olhos negros!

Mas quando ia a retirar-se da janela para sair, reparou no João Lopes, que vinha do outro lado, rua abaixo, num passo rápido, nada habitual. Mandou internamente aquele maçador para o inferno; e, com o fim de lhe abreviar a visita, veio esperá-lo ao alto da escada. O comendador entrou esbaforido, excitado, muito fora da sua costumada pompa e gravidade. Sem poder falar na falta de respiração, deixou-se cair sobre a primeira cadeira que encontrou, tão alterado, num ar de caso tão estranho, que o Júlio - tocado de uma inquietação - lhe perguntou quase sem querer:

- Há alguma coisa de novo?... alguma coisa que lhe dê cuidado?

- Se há alguma coisa de novo? - respondeu o Lopes numa ironia concentrada e feroz. - Há uma traição e uma infâmia!

Ficou um instante calado, e, achando um termo mais forte, repetiu:

- Há uma pouca-vergonha, é o que há!

A consciência mal segura do Júlio disse-lhe que o marido da D. Amália sabia tudo. Não podia perceber como, mas evidentemente sabia tudo. Viu num relance todas as complicações desagradáveis da sua situação. Serenou-se, porém, num esforço de vontade; e, tendo umas reminiscências românticas, murmurou as palavras sacramentais:

- Eu... eu estou às suas ordens, Sr. João Lopes.

- Bem sei meu querido amigo... bem sei, mas não há de ser preciso. A coisa é comigo, e só comigo.

- Então, por Deus, explique-me o que é!? - exclamou o rapaz, na manifestação involuntária e muito comprometedora da sua surpresa.

- O que é? E o João Máximo que se passou. Que patife!

Fazem-lhe a ponte que ele queria no rio Crez, e dá-lhes os votos todos. Mas que pouca-vergonha de governo!... Já aí está o engenheiro para ir lá pôr as bandeiras, chegou esta manhã. O Castro bem dizia que havia coisa. Que grande patifaria!... Manda-nos ontem cá o irmão para nos deitar poeira os olhos... e já tinha tudo combinado...

O comendador passeava na sala, agitado, falando alto:

- Que isto não nos faz diferença nenhuma. Temos a eleição aqui... fechada na mão. Ainda que ele lhes desse os votos todos de S. Gens, nós tínhamos a eleição. Mas não dá... que eu para lá vou... Quero ver aquele patife cara a cara!

Na distensão dos nervos, o Júlio sentia-se agora penetrado de simpatia pelo comendador, cheio de remorsos, agradecido aos seus serviços, ao calor que ele tomava na sua causa; e num oferecimento muito espontâneo:

- Vamos ambos.

- Não, Azevedo, não! Francamente não me ajudava. Vou com o Castro, e ficamos lá esta noite no meu monte da Ferraria. Venho de manhã, mas volto outra vez de tarde se for preciso. O senhor João Máximo há de saber com quem se meteu! Que patife!... Nem você Azevedo pode calcular toda a patifaria que há nisto.

Mas o Júlio lembrou-se dos famosos novecentos mil réis, a que o comendador delicadamente não aludia.

- Aí vem o Castro - disse este, sentindo rodar uma carruagem. Desceram a escada juntos. Em baixo, o Castro deitou a cabeça fora da portinhola, dizendo ao Júlio:

- Então... que me diz a uma destas?

O comendador perguntava ao cocheiro, o Jerônimo, se vinha o alforje, e o embrulho das mantas, e a condessa, e a maleta. Tudo pronto, ao despedir-se, apertando a mão ao Azevedo:

- É verdade, a Sr: D. Amália disse-me que lhe tinha escrito, e que lá o esperava à noite sem falta. Até amanhã.

De dentro da carruagem, o comendador gritou ao cocheiro:

- Ó Jerônimo prá Ferraria, e toca!

O rapaz ficou um instante parado na porta, vendo a carruagem descer a rua ao trote dos machos castanhos. Pensava no João Lopes, que ia passar a noite em um monte, tratando da sua eleição... e na D. Amália, que o esperava em casa, só.

## **CAPÍTULO 14**

O Júlio tinha perdido um tempo precioso a conversar com o João Lopes - as duas irmãs deviam ir já longe, mesmo naquele passinho demorado da Henriqueta.

Quando desembocou da travessa para o campo, ficou um momento em dúvida, sem saber a direção que devia tomar. Mas lembrou-se, que elas, em pequenas, iam bastantes vezes à horta da D. Margarida - a horta chamada dos Frades, onde estava a Prazeres, e que era agora sua. Podiam muito bem ter ido para lá - ficava perto, do outro lado do ribeiro. Ele nunca mais para ali fora desde os tempos de rapaz de escola; mas conhecia o caminho a palmos. Tomou à direita, na estrema de um farrejal, um carreirito estreito, entre chupa-méis já secos e cardos em flor. Na encosta descoberta, voltada ao poente, o Sol da tarde ainda caía pesado, num calor abafadiço de trovoadas. Em cima, na matriz, ouviu dar seis horas.

Depois de atravessar o ribeiro sobre a velha ponte de um só arco, achou-se em uma das estradas, que desciam da vila. Orientou-se. Virando à esquerda, a horta dos Frades devia ficar logo ali em baixo, a terceira ou a quarta. A estrada, uma simples carreteira fundamente cortada das rodas, acompanhava a margem do ribeiro, apertada de um lado pelos valados de pitas das hortas, do outro pelas balsas de silvados, que trepavam aos troncos das faias. O Júlio seguiu-a devagar, procurando encontrar na poeira a marca dos pés das raparigas. Esta pesquisa interessava-o; dava-lhe a sensação do caçador que segue uma pista.

E, pouco a pouco, o sentimento angustioso de dúvida que o oprimia, desvaneceu-se; voltavam-lhe todas as alegrias de rapaz, toda a elasticidade de espírito dos dias passados. Esqueceu-se da D. Amália, do comendador e da eleição, sentindo-se de novo criança. Não tinha tomado uma resolução; não sabia o que ia dizer à sua Margarida sabia só que ia em busca dela. Isto bastava-lhe. O simples fato de ter saído do seu quarto, onde se agitava ao acaso como um urso na jaula, dava-lhe a excitação do sangue em movimento. Depois, a estradinha assombrada, que ia conhecendo pedra a pedra, árvore a árvore, recordava-lhe a sua vida de estudantinho de latim, as longas excursões aos pássaros com o Pascoal, o inocentíssimo namoro à Prazeres. Sorria, pensando naquela infantil paixão; e mergulhava-se mais na sua nova paixão, tão diferente, tão séria e tão funda! De vez em quando, julgava distinguir no pó da estrada a marca estreita do pé da Margarida. Devia ser!... ali adiante... dentro em pouco alcançava-a... via-a... falava-lhe!... E isto enchia-o de um contentamento intenso e louco. Parecia-lhe que toda natureza em volta celebrava o seu amor, que as árvores e as ervas estavam contentes como ele. Ao lado, o ribeiro cantava alegremente nas pedras. Por cima, as folhas das faias tremiam, num sussurro leve e festivo.

Em uma volta, viu lá o portão velho da horta dos Frades. Conheceu-o logo. E, quando o empurrou e entrou, ficou surpreendido ao encontrar tudo sem uma alteração: as faias e o canavial ao fundo; as tabuadas do romeiral, com a meia dúzia de laranjeiras grandes por detrás; mesmo, debaixo da figueira, um porquinho louro, absolutamente igual ao antigo. Não se tinha enganado; diante da porta da casa, as duas irmãs estavam sentadas com a Prazeres. Esta viu-o entrar, e levantou-se, dizendo numa surpresa alegre:

- Olha, o Sr. Azevedo!

O Júlio caminhou para elas, sorrindo, perguntando:

- Então, que passeios são estes?

E a Margarida, corada ao vê-lo, muito pálida em seguida, foi a primeira a responder:

- Ora... uma lembrança da Henriqueta. Diz que havíamos de sair esta tarde, porque eu andava assim... amarela, sem vontade de comer.

A Prazeres foi-lhe buscar uma cadeira; e o Júlio sentou-se junto delas conversando, olhando longamente para a rapariga. Achou-a abatida ainda, um pouco animada agora de o ver, de perceber que ele tinha vindo em sua procura. Revivia na sua presença, como ali em baixo, nos canteiros da horta, as plantas murchas iam revivendo na água corrente da rega. Um momento fitou-o também, avidamente, para se certificar de que o tinha outra vez junto de si. Os seus olhos encontraram-se, e eles sentiram como uma impressão física de ternura interior, os beijos trêmulos, as pálpebras pesadas. Mas o Júlio queria-lhe falar; e, reparando numas roseiras de todo o ano, que estavam mais longe, junto do tanque, disse-lhe brincando:

- Margarida, eu quero a minha rosa do costume... que me não dá, já nem eu sei há quantos dias?

Levantaram-se juntos, dirigindo-se para o tanque, e, afastados já da Henriqueta e da Prazeres, ele perguntou-lhe:

- Porque estás triste?

Pela primeira vez, instintivamente, sem saber porquê, tratava-a por tu. A rapariga não respondeu, procurando a rosa com as mãos a tremer. Ele continuou docemente:

- Não quero que estejas triste... Sabes... já me não vou embora. Fico... por tua causa... porque não posso viver sem ti. E tu gostas um bocadinho de mim?

- Para que me pergunta isso... sabe-o tão bem como eu - respondeu ela muito baixo.

O rapaz calou-se... sem saber... sem se atrever talvez a dizer o que queria. Tinha-a diante de si, com a cabeça curvada, os olhos no chão, torcendo nervosamente nos dedos o pé da rosa. Via-lhe de cima a risca estreitinha nos cabelos escuros, e a passagem para a testa, onde lhe dera aquele longo, longo beijo... um só. No silêncio em volta, ouvia-se distintamente o ruído de uma nora distante, o chocalhinho da mula, a água dos alcatruzes caindo em jorros sobre o tabuleiro. Lentamente, ele insistiu, ainda numa hesitação:

- Não, não quero que estejas triste. Quero-te alegre, feliz... feliz comigo... feliz por mim...

Margarida levantou os olhos, bebendo uma a uma as suas palavras. Na última tentativa de resistência ainda murmurou:

- Bem sabe, que isso não pode ser...

- Não pode ser, porquê? - atalhou ele. - Pois não vês que eu fico para sempre... que te hei de ver todos os dias.

Não queres que esteja sempre contigo... como antes... mais do que antes? Dize, não queres?

- Quero tudo quanto quiser - respondeu ela, muito submissa.

Interromperam-se, porque a Henriqueta se aproximava.

Não para os separar - coitada, toda a sua energia se esgotara naquela primeira e infeliz tentativa de intervenção. Vinha unicamente lembrar à Margarida, que eram horas de voltar para casa.

- É por causa da ceia do pai - explicou ela ao Júlio.

- Eu vou com vocês - disse este.

E, despedindo-se da Prazeres, saíram. Subiram a estrada vagarosamente para não cansar a Henriqueta. Estava mais fresco já. O Sol tocava nas colinas fronteiras; e as sombras das faias, alongando-se, cortavam a estrada, perdiam-se para além dos valados sobre os canteiros regados das hortas.

A aragem tinha caído. Nem uma folha bulia. No ar, úmido de repente naquele fundo de vale, espalhava-se o perfume da hortelã brava, viçosa e densa nas margens do ribeiro. Eles subiam, calados. O Júlio sentia-se menos alegre. Trazia junto de si a sua Margarida, reanimada só de o ver, esquecida já do que sofrera nos dias passados, enleada de novo na sua paixão, que a não deixava resistir, nem pensar. E... apesar disso, sentia-se menos alegre, invadido outra vez por um mal-estar... como por um remorso. Pesava-lhe não ter dito... uma coisa.

Mas, subitamente, em uma das voltas da estrada, antes de chegarem à ponte, viram à distância um grande grupo que descia. Vinha a D. Amália, a D. Carolina e as sobrinhas, a D. Plácida, o Moniz, o sobrinho do Cairão - uma ranchada. A retirada era impossível, seria uma derrota vergonhosa - do grupo também os tinham visto. Nem havia meio de o evitar; a estrada apertava-se entre as pitas e os silvados, sem uma saída. Deviam passar ombro a ombro, com os vestidos a roçarem quase maquinalmente, sem raciocinar este movimento, o Júlio deu o braço à Margarida. E a Henriqueta coseu-se também muito com ele, toda trêmula. Seguiram assim; e neste silêncio de observação sentia-se uma crise, uma catástrofe que se aproximava. Vagamente, o sobrinho do Cairão teve medo, e foi-se deixando ficar para trás. Mas a D. Plácida, que logo de manhã tinha recebido umas confidências talvez exageradas, colocou-se resolutamente ao lado da D. Amália.

Quando iam quase a cruzar-se, o Júlio tirou o chapéu, cumprimentando respeitosamente as senhoras. Então, a mulher do comendador não pôde conter-se; direita, as ventas abertas, os olhos verdes duros, disse numa tranquilidade afetada:

- Ah! O Sr. Azevedo por aqui! Sentimos muito incomodá-lo... a culpa não é nossa. Em... certas companhias é melhor andar de noite, ou por sítios escusos.

O Júlio tinha variadíssimos defeitos; mas não era cobarde. Ao ouvir aquela injúria clara, lançada assim às faces da sua Margarida, tomou instantaneamente a resolução, diante da qual hesitava havia dias. Encaixou o monóculo na órbita; e, curvado, muito amável, com o chapéu ainda na mão, disse para o grupo:

- Minhas senhoras, eu peço-lhes licença para lhes apresentar a minha noiva, que justamente acaba de me dar a honra de consentir no nosso casamento.

Nesse instante ele sentiu os dois braços da rapariga, que se enlaçavam no seu para o resto da vida. Do outro lado, sem ninguém reparar, a corcunda pegou-lhe na mão, e beijou-lha.

o efeito desta cena foi deplorável. Naquela mesma tarde, e sobretudo no dia seguinte, ninguém se ocupava de outra coisa na vila.

Logo de manhãzinha, a Bárbara, que amassava, o lenço vermelho atado nos cabelos pretos e os belos braços nus, declarou peremptoriamente à comadre Rita, quando esta veio buscar o pão, que não ficava nem mais uma hora na casa:

- Era o que me faltava... era servir uma lesma que não é mais do que eu!

E entre os amigos políticos do Azevedo havia também uma grande emoção. Quando o Francisco Dias, com os seus colarinhos altos e bem lavados, o estômago conchegado na cinta larga, veio um bocado às notícias antes de sair para o monte, encontrou a loja do Loureiro já muito animada. Sentado na cadeira do costume, à parte de fora do balcão, o velho Peres escutava com um sorriso; e os comentários cruzavam-se em volta dele, desfavoráveis mas confusos. Todos tinham admitido que o Azevedo quisesse “arranjar os seus negócios com a rapariga”; mas aquilo desnorteava-os. Não percebendo, condenavam - ouvia-se esta frase repetida: “É uma loucura, uma perfeita loucura!” E consultavam o Galrão, que, tocado pela esposa, tinha vindo sondar a opinião pública. O Galrão, porém, respondia evasivamente, sem se querer comprometer, não conhecendo ainda o modo de pensar do Lopes:

- Decerto... decerto! Eu sempre julguei que o Azevedo tinha outras ideias... Sim, outras intenções... Mas casar-se, senhores!... casar-se!

Pela volta do meio-dia, o C astro caiu ali como uma bomba. Chegava naquele instante da Ferraria, e acabava de receber a notícia. Estava fumando:

- Então, que me dizem a isto? Que disparate! Uma destas nas vésperas de uma leição! Isto dá cabo de um homem... é uma vergonha!

A palavra souou mal a o Francisco Dias, que protestou timidamente:

- Lá uma vergonha, também não sei porquê? ninguém tem nada que dizer à rapariga...

- Muito bonita é ela apesar de trigueirinha! - apoiou o João Gualberto, já meio voltado na sua benevolência habitual.

- *Nigra sum, sed formosa* - explicou do seu canto o velho Peres, que se conservava muito superior àquelas coisas. Mas o Castro saltou-lhes, irritado sobretudo com o João Gualberto:

- Que diabo de asneira! Que importa lá se é bonita ou feia? É uma costureirinha ordinária, sem um vintém, sem situação, sem nome, sem família, sem coisa

nenhuma! Olha que o Azevedo fica numa boa posição! Arranjámos um fresco deputado... não tenha dúvida!

Justamente o Moniz entrava, de braço dado com o Mena; e a sua chegada criou uma diversão. Todos quiseram ouvir o Moniz, que tinha presenciado “a coisa”. E, no silêncio da roda, ele contou a coisa pelos miúdos, principiando pelo princípio, como os tinham visto de longe, como se encontraram cara a cara, como a D. Amália disse palavras muito sérias...

- Ela lá teria as suas razões para estar escamada - observou maliciosamente o Mena.

Mas a insinuação caiu; e o Moniz pôde completar a sua narrativa, demoradamente, fazendo estilo, referindo mesmo o que disseram depois as senhoras, que “ficaram vexadas”.

- O que se podia ver - disse ele ao terminar - era o ar satisfeito e insolente do Azevedo. O rapaz está doido!...

- Qual doido! - interrompeu o Mena. - O que ele é, o tal cavalheiro das donzelas, é um papalvo de marca, a quem a pequena meteu gato por lebre...

Isto fez sair do seu sério o Francisco Dias, que havia pedaço já que estava embuchado, e demais a mais embirrava com o Mena:

- Olhem! Sabem que mais, cá quanto a mim o Azevedo andou como um homem de bem... e aqui o sior Mena há de andar toda a sua vida como um pulha. E com esta vou-me até ao monte, que tenho lá as parelhas a debulhar favas.

O Mena esperou que ele se afastasse, e, quando o apanhou já longe, desafogou energicamente:

- Arre, grandessíssimo bruto!

Os outros sossegaram-no: “... O Dias era assim, muito arrebatado!... muito arrebatado! sobretudo se lhe tocavam lá em pessoa de quem fosse amigo... Era melhor não fazer caso.” E calaram-se respeitosamente, vendo chegar o comendador. Vinha magoado, mas digno. Recebeu os apertos-de-mão como se estivesse de nojo.

- É uma ocorrência desagradável, não tem dúvida nenhuma! - disse ele para a roda. - Mas francamente a culpa é toda nossa, em nos metermos com estes escritorzinhos modernos, que não têm a noção clara das coisas, que desconhecem as distinções sociais sobre que, em última análise, assentam

todos os princípios de ordem. E o pior é, que isto altera os nossos planos políticos. A Sr." D. Amália já me disse esta manhã, e eu concordo plenamente com ela, que nós em vista deste escândalo não o podemos apoiar.

## **CAPÍTULO 15**

Três dias depois, o ministro do Reino recebia do governador civil do distrito o seguinte telegrama:

“Dissidências entre chefes oposição. Comendador Lopes abandona urna. Eleição segura para governo.”

## A CAÇADA DO MALHADEIRO

Tínhamos ido - o mestre Domingos ferreiro, o malhadeiro do Vale Fundo e eu - em busca de um porco, que o malhadeiro atalaiara na véspera. Tencionávamos fazer apenas uma mancha pequena, próximo da qual o porco fora visto, e voltar à tarde ao monte das Pedras Alvas, onde ficara o nosso rancho.

O malhadeiro foi com os cães bater, enquanto o mestre Domingos e eu esperávamos nas portas. O porco não estava na mancha. Batemos segunda, onde também não estava; mas ali os cães pegaram com força no rasto, e em baixo no vale achamos-lhe as saídas frescas. Sempre na esperança de o encontrar, batemos terceira e quarta mancha, e fomos de cerro em cerro, e de vale em vale, até que, quando nos decidimos a voltar - sem ter visto um pêlo do porco - estávamos a duas léguas, e léguas de serra áspera das Pedras Alvas. Era em Dezembro, já ao cair da tarde. Começava a chover, e as nuvens grossas, correndo do lado do sul, anunciavam uma noite de água.

- Nós com um tempo destes não deitamos às Pedras Alvas senão alta noite - disse o mestre Domingos.

- Não deitamos é certo! - respondeu o malhadeiro. - Má raios partam o porco! - acrescentou, para se consolar.

- Mas que há a fazer?

- Podíamos ir à malhada da Crespa, que é daqui meia légua. O Tio João sempre há de ter alguma coisa que se coma, e um lume pra gente se enxugar.

- Pois vamos lá.

As nuvens negras tinham-se fundido num tom cinzento. A chuva engrossava. Batida com força pelo vento, passava em linhas claras, apertadas, quase horizontais, sobre o verde-negro dos cerros. O malhadeiro abria caminho a corta-mato, e o mestre Domingos e eu seguíamos, abaixando a cabeça, fugindo às rajadas de chuva que nos açoitavam a cara. Em fila atrás dos nossos calcanhares vinham os cães, tristes, de orelha caída. O mato escorria. Nos vales, cheios de erva densa, a terra ensopada cedia fofa debaixo dos pés; e as pegadas, marcadas no musgo verde, enchiam-se logo da água que ressumava. À luz tênue da tarde algumas poças maiores brilhavam, com reflexos frios de prata polida. Duas galinholas saltaram-nos aos pés, sacudindo com a ponta da asa as gotas cintilantes, presas às folhas viscosas das estevas; mas as espingardas estavam carregadas de bala, bem acomodadas debaixo do braço, com as fecharias tapadas pelas abas dos jalecos, e nenhum de nós ia de humor

para atirar a galinholas. - Má raios partam o porco! - dizia de vez em quando o malhadeiro.

Era noite fechada, quando os perfis confusos de umas azinheiras grandes se desenharam diante de nós no clarão baço do céu. Ouvimos ladrar os cães - estávamos na Crespa.

O Tio João veio à porta, conheceu a voz do outro malhadeiro e abriu logo. Estava só em casa com a nora e os netos pequenos; o filho andava trabalhando longe dali, e não recolhera.

Improvizou-se rapidamente uma ceia pobre, que nos pareceu excelente. Duas braçadas de lenha seca de azinha estalavam na enorme chaminé, com uma chama clara, muito alegre. E quando acabamos de cear e nos chegamos para o lume, acendendo os cigarros, penetrou-nos uma grande sensação de bem-estar. Lá fora ouvia-se o cair monótono da chuva, e as lufadas do sul, assobiando na telha-vã da malhada.

Naturalmente falou-se de caça - o ferreiro e os dois malhadeiros eram os três primeiros caçadores da serra.

- Oh! Tio João, você é que fez uma caçaria melhor que todas essas? - disse o ferreiro depois de se contarem muitos casos de mortes de porcos e de veados.

- Fiz... fiz... - disse o velho como quem meditava.

- Você devia-nos contar esse caso esta noite.

- Ó mestre Domingos, eu não gosto de falar nisso.

- Ora, uma vez não são vezes... Eu sei do caso, mas nunca lho ouvi contar tão bem a preceito como ele foi, e os mais que aqui estão não o sabem.

- Pois conto - respondeu o malhadeiro, abaixando-se para acender o cigarro a uma brasa.

Estava sentado defronte de mim, dentro da chaminé, ao lado da nora. A luz crua da labareda iluminava-lhe brutalmente a cara, enérgica, sulcada de rugas fundas, muito queimada. Entre os joelhos tinha o neto, uma criança de sete ou oito anos, com uma cabecita redonda, bem encabelada, e uns olhinhos pretos, vivos, em que a chama punha pontos brilhantes. De vez em quando a mão negra, muito dura, do velho passava sobre a cabeça do pequeno, com um toque suave, de uma doçura infinita. Diante do lume, o ferreiro e o Joaquim do Vale Fundo, estendiam para o brasido os sapatos grossos e as polainas, que ainda

fumavam. A chama, levantando e abaixando, projetava-lhes as sombras, desmesuradamente grandes, na parede caiada do fundo, fazendo-as dançar de um modo fantástico.

- Isto por aqui no tempo dos franceses esteve mau... muito mau! - começou o malhadeiro. - Passaram aí duas vezes. Quando passaram juntos, em tropa, bem foi; mas depois, quando iam na retirada, sem respeito lá aos seus comandantes, nem a ninguém, queimavam e roubavam tudo.

Os montes, nos barros, estavam todos desertos; e mesmo cá na serra, nas malhadas mais perto das estradas, não ficou viva alma. Todos fugiam, levando alguma coisa melhorzita que tinham. Meu pai quis ficar aqui.

- Pra onde há de a gente ir? - dizia ele. - E depois isto é cá desviado, não vêm cá.

Eu, ao tempo, era rapazote, ia nos meus dezessete. Estava aqui com meu pai e as minhas duas irmãs; a Inês, a mais nova, que ainda vive, era mais velha do que eu um ano; e a Mariana, Deus lhe perdoe, teria então os seus vinte ou vinte e um.

Passou tempo, sem o s franceses aparecerem. A gente sabia que passavam tropas, aí pelas estradas, direitas a Espanha; mas cá na serra já estava descuidada. Quando uma manhã, que eu andava lavrando com a parelha ali no farrejal, e meu pai estava falquejando umas alvecas aqui na empena, a Inês que tinha ido à fonte... à fontinha lá abaixo na umbria, sabes Joaquim?... a Inês veio fugindo ladeira acima, e chegou aí esfalfada, dizendo: - Aí vêm... aí vêm!

E vinham. Aquilo sorte é que se tinham desviado da estrada, perderam-se e vieram a corta-mato, direitos à casa, que viam aqui na altura. Eram oito. Vinham muito rotos, com os sapatos em frangalhos, atados com trapos. Um - estou-o vendo - um alto, magro, com o nariz grande e o bigode caído aos cantos da boca, trazia um lenço branco, sujo, com grandes manchas de sangue, atado à roda da cabeça. Meu pai bradou-me, e quando eu vim correndo, disse-me baixo:

- Esconde as espingardas.

Fui àquele canto onde elas sempre têm estado, peguei-lhes, passei à porta de trás, e fui metê-las na palha da arramada. Quando voltei já os franceses estavam dentro de casa.

Não se percebia nada do que diziam, senão - vino... vino... - e faziam sinal que queriam comer. O pai disse às moças que lhes dessem o que havia; mas eles não

esperavam, abriam as arcas e traziam o que achavam pra cima dessa mesa. Meu pai tinha-se sentado naquele banco...

O velho indicava os lugares com o gesto, que o Joaquim e o mestre Domingos seguiam no movimento de atenção dos olhos; e assim contada, naquela casa, que não tinha mudado nos últimos sessenta anos, onde ainda se viam as espingardas encostadas ao mesmo canto, e o banco tosco ao lado da porta, a história adquiria uma intensidade de vida, uma atualidade singular.

- Os franceses - prosseguiu o Tio João - comeram, beberam, estavam já alegres, rindo e gritando. Um deles, um louro, que tinha um galão e parecia mandar alguma coisa nos outros, quando a minha Inês passou ao pé dele, deitou-lhe um braço à cintura, sentou-a à força nos joelhos e deu-lhe um beijo.

Eu vi isto, e no mesmo instante vi meu pai de pé, e um machado de cortar azinho direito à cabeça do francês. O francês era leve, furtou-se; e quatro ou cinco deles agarraram-se a meu pai e depois de uma luta deitaram-no ao chão. Eu tinha levado uma coronhada pelos peitos, e estava encostado àquela arca, seguro por outros dois. O louro ria-se, com um riso mau, mas dizia - quis-me a mim parecer - que nos não fizessem mal, que nos atassem. Estava aí uma corda grande de enquirir, com que eles ataram o pai de pés e mãos. A mim ataram-me com um barão e com a minha cinta.

Às moças... arrastaram-nas para a casa de dentro, gritando e chorando.....

À mesa ficaram dois franceses, bebendo.

Eu ouvia minhas irmãs chorar lá dentro, chamando-nos, que lhe acudíssemos; e via o pai deitado no chão, com a camisa rasgada, e as mãos atadas atrás das costas. Na luta, quando caiu, partiu a cabeça na esquina do banco. Um fio delgado de sangue corria-lhe da testa até às suíças brancas, e, dos olhos muito fitos, vi correrem-lhe as lágrimas, que se misturavam com o sangue.

Não posso dizer o tempo que isto durou; mas pareceu-me muito.

Quando os franceses saíram, rindo e metendo nos bornais o pão e uns queijinhos que tinham sobejado, nem olharam para o pai; a mim pegaram-me, e, assim mesmo atado como estava, levaram-me à porta para lhes ensinar o caminho. Não sei o que me lembrou; mas em lugar de lhes mostrar a trocha que vai direita à estrada, mostrei-lhes a que desce para a ribeira. Essa trocha era a mais seguida das duas - eles não desconfiaram, deitaram as espingardas ao ombro, e desceram vale abaixo.

A Inês não dava acordo de si; mas a Mariana, muito branca, muito enfiada, veio cá fora desatar o pai. Ele não falava, e, quando a Mariana me desatou, disse-me só:

- As espingardas.

Fui à arramada buscá-las, e quando vim já o pai tinha o polvorinho a tiracolo; apontou para o outro polvorinho que eu enfiei, e, tirando da arca o saco das balas, esteve-as dividindo, deu-me um punhado delas e meteu as outras na algibeira. Saímos sem ele dizer uma palavra à Mariana. Fez-lhe sinal que chamasse e fechasse os cães. Só deixou ir uma podenga velha vermelha; mas a podenga era - salvo seja - como uma criatura; quando estava numa porta nem latia, nem mexia um cabelo. À ponta dos farrejais abaixou-se; desafivelou a coleira do chocalho da cadela e deitou-a fora.

Nós íamos devagar. Entendi eu que meu pai os queria deixar meter bem para os vales mais ásperos. Lá abaixo, aos matões do barranco do Alendroal é que os apanhamos. Vimo-los de longe numa volta da trocha. Meu pai não falava, fez-me sinal que fosse à meia encosta da umbria, que ele ia pela soalheira; e quando nos apartamos, numa voz ainda trêmula, disse-me só estas palavras:

- Não atires, sem eu atirar.

Eu meti à encosta, de gatas, por baixo das estevas. Era uma criança ainda, mas não me lembrei de ter medo. Fui... fui, até que cheguei bem a tiro. Já nesse tempo atirava bem, Desde pequeno que andava com meu pai, e você ainda se lembra como ele atirava, mestre Domingos?

- Era a primeira espingarda da serra, a chumbo e a bala! - afirmou o ferreiro.

- E era! - continuou o velho. - Eu não o via; mas sabia que ele ia na outra encosta. Os franceses iam em baixo no vale, todos numa linha porque a trocha era estreita. Numa volta do vale, ouvi um tiro; e o francês, o louro, que ia adiante, abriu os braços e caiu de bruços. Os outros pararam; eu apontei bem um, dei ao dedo, e ele caiu, redondo. Ao segundo, tiro viraram-se para o meu lado; então o pai - para me livrar - apareceu-lhes no mato. Atiraram-lhe todos, e eu vi as estevas cortadas pelas balas em volta dele; mas não lhe deram. Os homens ainda quiseram avançar pela encosta direito a ele, mas era um bastio de mato muito forte, não puderam romper, e, deixando os dois mortos, abalaram a correr pelo vale.

O pai chamou-me e fomos juntos sempre pelo fio da altura, a ver o caminho que tomavam. Acho que se arreçaram de ir pelo vale, que era cada vez mais

estreito, e meteram a uns matos ralos, de umas queimadas que se tinham feito nesse ano, direito à porta-baixa do Sovereiral.

Quando os topamos foi já no barranco do Algeriz, ali o açude do Moinho Velho. Estávamos metidos nos medronhais altos, e eles vieram sair no claro do areal do barranco - mesmo onde tu mataste a porca grande a semana passada, Joaquim.

Era quase à queima-roupa; caíram dois. Os homens eram valentes. Os quatro que restavam ficavam direitos, encostados uns aos outros. Atiraram para o mato, na direção do sítio em que tinham visto o fumo, e uma bala cortou um ramo por cima da minha cabeça. Nós separamo-nos, e mesmo de rastos por baixo do mato, fomos carregando. Quando atiramos, eu precipitei-me e errei; mas o pai não errou... nem errava! Os três perderam coragem e fugiram para o mato. Era já escuro, perdemo-los.

Fomos para um cabeço e ficamos ali toda a noite. Eu estava cansado, era uma criança, pra ali me deitei. Mas o pai nunca dormiu; e quando eu de noite acordava com o frio e com a fome, via-o sentado numa pedra, direito, encostado à espingarda.

Logo ao romper da manhã abalamos. Os três franceses tinham tido toda a noite para fugir; mas aqui na serra quem não é prático, jamais de noite, não avança caminho. Pode um homem andar uma noite toda, e de manhã achar-se no mesmo sítio. Ainda assim deram-nos trabalho; atalaiámos pelos cerras; rastejamos os vales e as passagens dos barrancos, como se a gente andasse à busca de um javardo ou de um veado; até a cadela - Deus me perdoe - já lhes pegava no rasto. Seria meio-dia quando os vimos lá muito em baixo, nos areais da ribeira. Tinham ido à água. Dali a duas horas estavam mortos todos três.

Quando voltamos para a malhada, já os grifos andavam no ar às voltas, às voltas, por cima do vale, onde ficaram os dois primeiros.

Meu pai ao entrar em casa não disse nada; mas agarrou as filhas e teve-as muito tempo abraçadas, e nunca até à hora da sua morte o ouvi falar no que tinha sucedido.

O lume ia-se apagando, sem que - presos à narração - nos lembrássemos de o atizar; e o vasto brasido, onde ainda corriam umas chamas incertas, azuladas, iluminavam vagamente a figura austera do velho, que amparava com muito cuidado sobre os joelhos o pequenito adormecido.

## A MALUCA DA DOS CORVOS

A primeira vez que a vi, passava eu a cavalo para uma caçada na serra. Era de manhã cedo - uma admirável manhã de Janeiro. A única rua d'A dos Corvos trepava pela encosta íngreme até à igreja, que, lá no alto, toda caiada, recortada no cobalto lavado do céu, com a sua cúpula redonda e os seus eirados chatos, tinha uns ares de *marabout* árabe.

Iluminada horizontalmente pelo Sol, que se ia penas levantando, a aldeia parecia acordar, ainda inteiriçada e trêmula do frio da noite. A erva alvejava, coberta de geada; e as estrumeiras, revolvidas pelos porcos, fumavam na friagem úmida. Algumas mulheres abriam as portas, varriam a rua, em saias de baixo de baetilha amarela, os lenços vermelhos atados nos cabelos. No ar fino, de uma transparência excessiva, os tons destacavam-se nítidos, um pouco crus, sem esbatidos, como postos à *primeira* em um estudo do natural. E os sons: o martelo do ferrador no alpendre ao cimo da rua, as vozes alegres dos rapazes jogando a pata-galharda, o canto conquistador dos galos nas cevadas dos ferrejais, ouviam-se ao longe, nítidos também, numa vibração clara e seca.

À superfície de toda a cena havia aquela tranquilidade rústica, que tantas vezes provoca a reflexão banal e falsa: - Que bom seria viver aqui, longe dos cuidados do mundo!

Ao voltar a esquina do muro de um quintal, vi na estrada uma mulher rota, descalça, muito miserável; mas conservando na figura e no andar uns restos de mocidade e de elegância. Não levava chapéu, nem lenço na cabeça; e os seus cabelos pretos, fartos e crespos, cobriam-lhe toda a testa, coroando-a de uma massa escura e singular, que me recordou a *Salomé* de Regnault. Quando ouviu junto de si o ruído dos cavalos, voltou-se de súbito; e, afastando da cara as madeixas soltas com um gesto violento, fitou em mim os olhos grandes, luminosos, numa expressão intensa e dolorosa de interrogação. Foi apenas um clarão instantâneo. A luz apagou-se, e, baixando a cabeça com um sorriso idiota, apertou contra o peito, carinhosamente, um embrulho informe de trapos, como se acalentasse uma criança. Nisto, os rapazitos, que tinham descido a rua para examinarem de perto os cavalos, Viram-na e come-çaram a gritar:

- Olha a maluca! olha a maluca!

Ela então, assustada, conchegou mais ao peito o embrulho de trapos, como se o quisesse livrar de algum perigo, e, deitando a correr, escondeu-se atrás dos muros dos quintais.

Fez-me impressão o olhar daquela desgraçada, e a primeira vez que me encontrei com D. Jesus Serrano, perguntei-lhe se conhecia a rapariga doida d'A dos Corvos.

D. Jesus era um tipo originalíssimo - um liberal espanhol, condenado à morte pelo governo de Narváez, que havia muitos anos se estabelecera ali na raia, onde vivia da sua clínica. Distinto médico, formado em Salamanca, diziam uns; simples curandeiro, afirmavam outros. Nunca se soube bem ao certo que cartas tinha; nem creio que as autoridades averiguassem este ponto com muito zelo. E fizeram bem -ele curava e matava como qualquer outro. Médico ou curandeiro era um excelente homem, sempre pronto a acudir aos pobres, sempre a cavalo pelas estradas ao sol e à chuva, com um casacão de peles, muito roçado, no Inverno, e uma extraordinária sobrecasaca de chita de ramagens no Verão. A quatro ou cinco léguas em roda conhecia toda a gente, nas mais pequenas aldeias, nos mais afastados montes e malhadas; e quando lhe perguntei pela doida, respondeu-me logo no seu português especial:

- Ah! Mariana, la pobre. Si à conheço. E qué bonita foi!... qué triste caso!

E contou-me a história da rapariga - uma história velha, sabida, de uma simplicidade extrema.

A Mariana era filha de uma pobre mulher d'A dos Corvos, que ficara viúva, sendo ela criança. A mãe trabalhava fora, enquanto a pequena brincava solta pela rua e pelos campos, crescendo ao ar livre, trepando às azinheiras, buscando bolotas pelos montados, e medronhos ou murtinhos pelos matos. Depois, já crescida, começou também a ir ao trabalho; e aos dezoito anos tinha-se feito a mais graciosa rapariga da aldeia, e de todos aqueles contornos. Alta, delgada, direita e flexível como um vime, era um gosto vê-la voltar do trabalho, andando na estrada num passo que poucos homens acompanhavam, ou vê-la descer, correndo com as outras, uma encosta fragosa, cortando o esteval denso, saltando de pedra em pedra com a segurança de uma cervo. Mas o seu encanto estava sobretudo nos admiráveis olhos pretos, e no olhar fundo, meigo, que se escondia a custo, abrigando-se tímido e arisco sob as longas pestanas negras.

De ser muito bonita e um tanto esquiva, não lhe resultava grande popularidade entre as outras raparigas; mas era muito procurada pelas manageiras, como uma boa trabalhadora, sempre pronta ao sol e ao frio, valente no apanho, nas mondas, nas discardas, nas ceifas... nas ceifas alentejanas! As ceifas ardentes de Junho, nos cevadais altos, pelas quebradas abafadiças dos montados, quando os levantes abrasam, quando o calor se vê positivamente se vê - dançando no ar fremente, quando à hora do meio-dia tudo se cala, mesmo o ruído estridente das cigarras, e só se ouve, ao longe, o canto triste das rolas nas

grandes azinheiras copadas dos barrancos. E aí, de lbice na mão, a cinta flexível curvada, a Mariana podia pôr-se ao lado de qualquer trabalhador desembaraçado.

A mãe e a filha viviam bem. Duas mulheres sós, sadias, trabalhando no campo, não passam privações. Os ganhos da azeitona até chegavam largamente para as elegâncias da Mariana. E que bem lhe ia qualquer coisa! Como os olhos pretos brilhavam sob a aba curta do chapéu novo de Braga! Como um pobre lencinho de chita encarnada dava valor ao tom quente da pele morena; aos beijos vermelhos, sombreados por um buço tenuíssimo, deixando entrever, nos raros sorrisos, os dentes pequeninos!

Veio o ano da novidade grande de azeitona - aquele ano em que os lagares moeram até ao Santo Antônio - e a Mariana foi com a mãe para o rancho da Sovereira Formosa, a maior herdade do concelho.

o filho do lavrador e proprietário da Sovereira, o João, um rapaz de vinte e três ou vinte e quatro anos, namorou-se da nova azeitoneira. Nunca o apanho foi tão bem vigiado como naquele ano. De manhã à noite o João acompanhava o rancho, fumando cigarros, encostado às oliveiras, com a rédea do cavalo castanho passada no braço. Quando ao recolher ele dava relação exata dos sacos, que tinham entrado no lagar, o pai ficava satisfeito de o ver assíduo no trabalho, ativo, esquecido da espingarda e dos galgos; mas no rancho a corte do João à rapariga d'A dos Corvos era o assunto de todas as conversas.

Não lhe era fácil falar à Mariana. Ela, lisonjeada mas tímida, evitava as ocasiões; e sessenta pares de olhos femininos observavam-lhe os manejos com uma curiosidade, não talvez mais intensa, mas decerto mais grosseiramente indiscreta do que aquela com que nas salas se observam manejos muito semelhantes. Tinha de esperar horas para lhe dirigir a furto duas palavras quando ela ia levar azeitona aos carros - dias para a encontrar só no caminho da fonte, quando lhe chegava a vez de ser aguadeira. E então a Mariana apressava o passo, com os olhos baixos, fugindo às declarações, rendida já mas arisca, batendo-lhe o coração de medo, de vergonha, não sabia o quê, com o bater precipitado e violento de um coração de passarito apertado na mão.

Um dia esperou-a na volta da fonte, num vale arredado do olival; e aí deteve-a quase à força, dizendo-lhe tudo, roubando-lhe um beijo, enquanto ela, os olhos cravados no chão, as faces acesas, passando nos dedos a bainha do avental de batido, deixava escapar uma confissão e uma promessa.

Quando terminou a colheita da azeitona, o cavalo do João aprendeu bem depressa o caminho d' A dos Corvos. A rapariga fugia de casa, e ia encontrar o namorado fora da aldeia, no vale, atrás dos silvados do barranco.

Não sei se ele lhe falou do futuro, se lhe prometeu casamento - é provável que não. A Mariana deu-se sem pensar, sem cálculo, sem exigir garantias; deu-se com a sua inexperiência de selvagem, com os impulsos do seu coração, com os ardores do seu sangue de serrana vigorosa e forte. Mas deu-se toda e para sempre, e julgou que a tinham tomado para sempre.

Meses depois a mãe ia só ao trabalho, porque a rapariga já não podia dissimular o seu estado sob as pregas do xale de lã, e, envergonhada, ficava em casa.

Por este tempo levava o proprietário da Sovereira Formosa muito bem encaminhadas umas negociações para casar o filho com a D. Angélica - um excelente casamento.

Trinta e cinco ou quarenta anos antes, o pai de D. Angélica viera da Covilhã para caixeiro de uma loja na vila próxima. Era uma lojita fria, úmida, escura, ao cimo da Rua Nova, onde se vendia de tudo: chitas e manteiga, pano cru e açúcar, pregos e velas de sebo. O beirãozinho passou ali anos ao balcão com os mesmos sapatos de ourela, e o mesmo casaco cor de mel, ensebado, com que viera da terra. Tinha o gênio da usura; privava-se de tudo com uma sordidez enérgica, vivendo de pão de rala e alhos crus, e emprestando a juros os tostões do seu pequeníssimo ordenado.

De repente soou na vila uma notícia extraordinária: o caixeiro ia casar com uma sobrinha ou afilhada - ou talvez algum parentesco mais próximo - que o velho e rico prior de Santo Antônio tinha em casa. Isto deu que falar. Disse-se que o casamento era forçado; que o prior encontrara alta noite no quarto da sobrinha o aspirante da alfândega, um meliante de Lisboa, que tocava o fado, e se embebedava regularmente às quintas e domingos na hospedaria das Silveiras. O caixeiro fora então chamado a reparar culpas, que não com etera. Mas - observava neste ponto da história o velho Serrano - isto nunca se soube bem ao certo, e a calúnia não poupa ninguém... seria capaz de não poupar Nosso Senhor Jesus Cristo, se cometesse a insigne imprudência de voltar ao mundo.

Fosse como fosse, o caixeiro casou; e então, com o dinheiro do prior, tomou a loja de trespasse, e alargou as suas operações de usura, que passaram a chamar-se operações de crédito. Teve também comissões de Lisboa - comprava cevadas e azeites.

Anos depois, o prior morria, deixando-lhe um bom lote de fazendas, e - diziam - uma grande arca, toda cheia de velhos cruzados novos. Nas mãos do beirão a fortuna do prior medrou. As fazendas arredondaram-se: com uns foros da Misericórdia, comprados barato; com uns milheiros de vinha, penhorados por uma dívida de cem mil réis a uma viúva pobre; com uns olivais, entregues na

liquidação final de contas obscuras. E agora, o lojista da Rua Nova era um personagem, um dos maiores entre os quarenta maiores contribuintes, grande influente eleitoral, tendo o seu palacete na Praça, de frontaria bem caiada, com frisos verdes de cimalha, e globos de vidro amarelo nas grades das janelas.

O cruzamento do beirão com a alentejana não fora feliz a sua filha única, D. Angélica, não era bonita. Grossa, corada, luzidia, dada a atavios vistosos... francamente não era bonita. Mas que boa dona de casa! Econômica, madrugadora, severa com as criadas, e tendo - como a imortal Dulcineia - a melhor mão para salgar porcos de toda a província!

O lavrador da Sovereira tinha umas contas com o lojista - quem as não tinha? De ano para ano as contas iam-se enredando, complicando-se em misteriosos labirintos de juros de juros. Lembrou-se de as saldar pelo casamento do filho. M andou sondar o terreno; e as suas propostas foram bem recebidas. O lojista conhecia-lhe os negócios a fundo, sabia que os seus embaraços não eram graves; e depois uma aliança com os Se abras da Sovereira lisonjeava-lhe todas as vaidades.

Quando o pai lhe falou no casamento, o João ficou muito atrapalhado. Custava-lhe deixar a Mariana, e naquele estado. Tinha pena da rapariga, e tinha medo do seu gênio violento... de um disparate. Resistiu a princípio. Então toda a família o rodeou, dando-lhe bons conselhos.

O tio João Máximo, quando soube que a hesitação do sobrinho procedia do escrúpulo de deixar uma azeitoneira d' A dos Corvos, riu a bom rir, segurando as ilhargas gordas nas mãos curtinhas, com grupos de pêlos ruivos pelas falanges.

- Já não há rapazes! - dizia-lhe ele. - Vocês não sei o que me parecem. Então a gente há de estar com essas coisas?

Elas lá se arranjam... lá se arranjam...

E contava-lhe as suas aventuras de D. João de aldeia. Tinha sido a Catarina, e a Benta, e mais a Isabel, e a Joana da horta, e a Conceição da estalagem - uma hecatombe de mondadeiras. Hecatombe não é bem a palavra, porque, a acreditar no que dizia o tio João Máximo, todas elas prosperara m. A Catarina tinha casado, e também a Benta; a Conceição pôs uma venda; a Isabel estava agora de criada grave em casa do juiz de Direito, que era solteiro.

Estavam todas bem estabelecidas, gordas e perfeitas.

-... Elas lá se arranjam... lá se arranjam... E olha - terminava o tio João Máximo - o melhor que a gente leva cá deste mundo é... rir e divertir-se sem estar lá com essas coisas!

A tia Doroteia não levava o caso tão placidamente; irritava-se:

- Umas doidas! umas... - é necessário expurgar cuidadosamente o vocabulário da tia Doroteia, que no entanto era uma honesta senhora - umas doidas sem-vergonha que andam metidas com um e com outro! Que sabes tu se lhe deves alguma coisa?

O João não respondia, macambúzio, metido no quarto, numa resistência passiva. Então o pai levou-o por bem, contando-lhe os seus embaraços, pintando-lhe as opulências da Soverina Formosa quando as dívidas estivessem todas pagas, mostrando-lhe, no futuro, uma vida farta, à vontade, caçadas, bons cavalos, viagens a Lisboa. Disse-lhe que dariam alguma coisa à Mariana, que a não deixavam desamparada. E que mais queria ela? que podia ela esperar?

Afinal o João cedeu. Prometeu ir À dos Corvos, desenganar a rapariga, acabar tudo. Foi, mas teve medo da crise adiou-a. Disse só que ia para a vila tratar de uns negócios, demorava-se um mês, talvez mais, depois voltava. Deixou a rapariga lavada em lágrimas; mas segura, sem uma suspeita.

Passou um mês, passaram dois e mais. A Mariana, sentada agora junto do berço do filho, contava os dias e às horas. Não lhe chegou aos ouvidos a notícia do casamento - A dos Corvos fica tão arredada de tudo, e ela vivia tão só!

Uma manhã, voltava de longe, do mato, com um feixe de lenha à cabeça, e a criança ao colo, abrigada pela ponta do xale de lã. De um cerro viu à distância, na estrada da vila, a bem conhecida traquitana da Sovereira Formosa. Viria ali o João? Bateu-lhe o coração tão violentamente que fechou os olhos, e teve de encostar-se a um chaparro para não cair. Veio descendo para a estrada, e quando a traquitana chegou perto viu dentro o seu João. Não viu mais nada, deixou cair o feixe de lenha e correu à carruagem, esfalfada, sem respiração, levantando o filho nos braços, dizendo só:

- Oh! João!

Vinha tão cega, com tanto ímpeto, que seria pisada se o almocreve não detivesse as mulas. Mas então... viu uma senhora ao lado dele. Dentro da carruagem, a D. Angélica perguntou numa voz áspera e agressiva:

- Que é isto? quem é esta mulher?

Vendo-o ficar em silêncio, amarelo, enfiado, acrescentou num tom mais azedo:

- Tu conheces esta mulher, João?

E ele, baixo, mas de modo que a Mariana o ouviu distintamente, respondeu, hesitando:

- Eu não... não sei quem é. Talvez... talvez esteja doida.

A rapariga recuou, como se esta palavra a empurrasse, e a D. Angélica gritou ao almocreve:

- Anda lá

- Doida! - dizia a Mariana, imóvel ao lado da estrada.

Percebia tudo, e quando a traquitana, que se afastava ao trote largo das mulas, se sumiu lá adiante na volta, sentiu que tudo se acabava. Num primeiro impulso deitou a correr pela encosta abaixo para a rilbeira. Ia a direito, cortando o esteval alto, atravessando os balseiros, partindo as loendreiras, rasgando-se nas silvas, atirando-se à espessura brava do mato, como uma corça ferida. Em baixo, encarou o espelho frio da água na superfície tranquila do pego. Estava muito tranquila, retratando nitidamente as moitas de loendro florido da outra margem; enrugava-se apenas em círculos, que se alargavam docemente, quando a ponta da asa de uma andorinha a tocava no passar rápido. Estava muito tranquila nos recantos assombrados pelos balseiros, límpida, transparente, deixando a vista penetrar na fundura esverdeada.

A rapariga apertou o filho ao peito, e deitou-se ao pego.

Uns cortadores, que andavam por ali no montado, viram-na de longe correr para a ribeira, e seguiram-na. Dois ou três mais afoitos lançaram-se à água e puderam tirá-la a custo. Estenderam-na ao sol, de costas, na erva da margem. Branca, os olhos cerrados, os longos cabelos negros, desatados, cheios de água, espalhados sobre a relva florida, a chita molhada das roupinhas colada nas curvas firmes dos seios, a rapariga parecia morta. Passados momentos descerrou os lábios numa funda inspiração; uma onda leve de sangue tingiu-lhe as faces; as pálpebras tremeram.

Voltava à vida; mas ao peito apertava nervosamente o cadáver da criança afogada. Depois, sentada na relva, com os seus grandes olhos pretos, fitos, ininteligentes, conchegava o cadáver do filho num gesto terno, querendo aquecê-lo. Os cortadores forcejavam por lho tirar, docemente, com um toque carinhoso das suas mãos rudes. Um deles - o Chico da Bemposta, que na

semana passada dera duas facadas no João da Benta - de joelhos ao pé dela, soluçava. Quando a separaram do cadáver, não percebeu; e, enrolando o seu xale molhado, apertou-o ao peito, acalentando-o com um sorriso triste.

Hoje a maluca vive com a mãe, que trabalha para a sustentar. Vivem muito pobres... muito esquecidas. Quem vai às vezes por casa delas, e lhes deixa sobre a mesa uns dez tostões, que lhe fazem falta, é o D. Jesus, o velho curandeiro.

O João está presidente da câmara municipal; e o sogro espera, por ocasião das eleições gerais, obter para ele o título de visconde.

## A PESCA DO SÁVEL

Foi um reboiço infernal na venda da Clara, naquela noite em que o José Bento deu a facada no Joaquim das Águias. Não tinha havido provocação - nem uma palavra trocada entre os dois.

Era um domingo - a venda estava entulhada de trabalhadores e de criados das lavouras. De vez em quando abria-se a porta, e eles entravam, aos dois, aos três, trazendo consigo de fora a sensação gelada e úmida da noite chuvosa. Dentro fazia calor. Das mantas molhadas levantava-se um vapor brando e enjoativo, que se misturava com o fumo espesso dos cigarros. E as conversas repisadas, pastosas, carregadas já de vinho, fundiam-se num ruído contínuo, acompanhadas pelo gesto lento e cansado do homem de trabalho.

O Joaquim das Águias estava muito tranquilo, lá ao fundo, encostado a um pote de tinto, quando de repente, na luz escassa da candeia, viu diante de si os olhos do cabreiro, brilhando sob o cabelo inculto. Instintivamente levantou o braço esquerdo, desviando ainda a faca, que lhe escorregou ao longo da clavícula, indo tancar-se nos músculos do ombro. A mão direita do Joaquim pegou então com tanta força no pulso do cabreiro, que este gemeu, e, dobrando as pernas fracas e tortas, caiu de joelhos. Toda a venda estava de pé, precipitando-se para o lado dos dois; mas o Joaquim afastou-os a todos num gesto largo, dizendo:

- Deixem lá... deixem... deixem-no sair, este cão nem um pontapé merece...

E largou-lhe o pulso.

O cabreiro ficou um instante de joelhos, depois levantou do chão o seu chapéu velho, e, cambaleando como se estivesse bêbedo, saiu a porta. Um grupo rodeava agora o Joaquim, a quem a Clara abria a camisa ensanguentada, para lhe lavar a ferida. Em volta os comentários começavam.

- Ora o diabo do cambaio ir-se meter com o Joaquim, que o enrola com um dedo! - disse o velho boieiro das Zorrelras.

- Aquilo é por via da Catrina - explicou o ajuda das porcas do Dr. Silva.

- Quais Catrina?

- A Catrina do Juncal.

- Ah! aquela moça alta.

- Pois essa! A moça anda agora metida com o Joaquim, e pros modos isso não faz bom comer lá ao Zé Bento.

- Pois o diabo do cambaio também? - perguntou o boieiro.

- Parece - respondeu laconicamente o ajuda.

O José Bento tinha saído, sem ninguém o seguir. Tomou rua abaixo, num passo incerto, encostando-se por vezes às paredes. Quando desembocou para os farrejais, deixando atrás de si o último candeeiro de petróleo da iluminação municipal, respirou. O vento sul trouxe-lhe de longe um vago cheiro dos seus estevais da serra, que lhe fez companhia - antes, entre as casas, sentia-me só e tinha medo.

A noite estava escuríssima. A chuva miudinha, pouco mais de um nevoeiro, gotejava em largos pingos das grandes oliveiras encharcadas. O cabreiro não via um palmo da estrada; mas seguia-a com a segurança do hábito e do instinto, sem nisso pensar. No seu cérebro estreito revolvia-se uma ideia única, que voltava e voltava, sempre na mesma forma, numa obstinação monótona e estúpida;... “Não o matei!”

É que, a resolução de dar aquela facada tinha sido o seu pensamento constante durante meses. Durante meses ele vira tudo e calculara tudo: vira o Joaquim das Águias, morto, de costas, com a larga navalha espanhola plantada no coração; vira-se a si preso, degredado para África. Não sabia o que era a África, e pouco lhe importava - África, fosse o que fosse, contanto que o Joaquim ficasse morto. Meses a fio, nas longas horas da guarda, deitado ao sol nos vales, ou de pé no alto dos cerras, rodeado pela cabrada vermelha, ele vira o Joaquim das Águias, morto, de costas, com a larga navalha espanhola plantada no coração. Calculara tudo; menos o que sucedeu, menos aquele golpe jogado a medo; menos o Joaquim de pé, tendo-o a ele ajoelhado diante de si. E agora, na noite escura e chuvosa, ao longo da estrada lamacenta, a mesma ideia voltava e voltava sempre: “Não o matei.”

O cabreiro ia devagar. Deixava já atrás de si os olivais que rodeiam a vila. A estrada seguia por entre largas terras lavradas, invisíveis na funda escuridão. O vento sentia-se mais vivo, vindo de longe, sobre a grande planície, desafogada e nua. À esquerda viu o clarão de um lume de pastores, alastrado na névoa, e ouviu o ladrar, compassado e grave, de dois rafeiros. Distraiu-se um momento, pensando: “E o rebanho do morgado...” Mas logo a mesma ideia voltou: “Não o matei.”

Acudia-lhe agora um tropel de reminiscências, indistintas e confusas, que mal formulava. Lembrava-se da primeira manhã em que vira a Catarina, uma moça

forte, muito negra do sol, com os peitos duros e um largo riso bruto, que lhe descobria os dentes esplêndidos, branqueados pela água da serra. Sabia que a moça tinha má reputação. Diziam que estivera com um coiteiro do morgado, depois com um guarda da alfândega, depois com outros - com quem lhe dava um empurrão. Mas estas facilidades ainda mais o intimidavam a ele, rude, pequeno, quase contrafeito. Apesar disso procurou-a, sem saber bem para quê. Via-a muitas vezes, no caminho da fonte, ou lavando no pego da ribeira, com as saias entaladas, e as pernas grossas, metidas na água, que punha uns tons vermelhos do frio na alvura da pele. Agora já lhe falava. Um dia trouxe-lhe timidamente um feixe de rosas albardeiras, colhidas do mato; e ela, ou fosse bom coração ou capricho perverso, atirou-o a rir para cima de umas urzes, e, debruçando-se sobre ele, deu-lhe longamente na boca um beijo fundo. Depois fugiu, e de longe gritou-lhe:

- Olha Zé, pra semana, quando vieres de Serra Grande, vem aqui ao vale.

O José Bento, pobre, feio, meio selvagem, criado desde pequeno com as cabras, envergonhado das suas pernas tortas, e do seu fato roto e envernizado pelas estevas, tinha chegado aos vinte e cinco anos sem tocar em uma mulher. Aquele primeiro beijo quente de fêmea, queimou-lhe o sangue. Durante toda a semana, nas vastas solidões da Serra Grande, de pé pelos cabeços, olhando para as largas pregas do terreno, que se desenrolavam até ao horizonte, vestidas de esteval sombrio, rodeado das suas cabras, que, escondidas no mato, se denunciavam apenas pelo som do chocalho ou pelo oscilar das ramas, o José Bento pensou sem cessar no beijo. Quando fechava os olhos, via o sorriso provocante da Catarina, e sentia o contacto molhado e quente dos seus beiços grossos. À noite, enquanto os lobos uivavam à roda do curral de pedra, e os cães furiosos remetiam à porta, ele distraído, sem se importar com os lobos, repetia milhares e milhares de vezes: "...Zé, quando voltares, vem aqui ao vale."

Nessa semana chegou da praça o filho do malhadeiro das Águias. Vinha de Beja, onde estivera os seus três anos no dezessete. Quando o José Bento voltou com as cabras, e foi ao vale procurar a Catarina, ela deu-lhe na cara uma risada de escárnio, dizendo:

- Olha o parvo!

No dia seguinte, viu-a detrás de uns medronheiros, abraçada com o Joaquim das Águias. Começou então para o cabreiro uma existência horrível. Não sabia se gostava da moça, nem sabia o que era gostar: sabia só que ela lhe dera um beijo, e que dava agora beijos assim... melhores, no outro rapaz, alto e esbelto. Ao pensar nisto tinha ataques de ciúme feroz. Quando, de longe, os via juntos, espojava-se no chão, rasgando-se e mordendo-se como uma raposa chumbada. E quanto mais sofria, mais os espionava; mas eles nem se escondiam. O Tio João

do Juncal havia muito tempo já que renunciara a guardar a filha; e ela entregava-se agora aos seus novos amores, com o impudor bruto e a liberdade ampla de um animal bravo. Como uma cervo na brama, chamava o Joaquim do alto dos cabeços, naquela modulação cantada da serra, que se ouve de tão longe; e vinham encontrar-se nos vales escusos, largamente banhados de sol, onde o mato denso de urzes e alecrim lhes formava grandes leitões perfumados.

O Joaquim das Águias tinha retomado rapidamente os seus antigos hábitos. Já de bigode rapado, a longa espingarda ao ombro, e, às costas, a velha mochila, negra do visco das estevas e do sangue seco dos coelhos, parecia não ter saído da serra. Nem por ali havia melhor caçador e pescador; ninguém rastejava mais cuidadosamente um porco, ninguém lançava com maior valentia uma tarrafa, abrindo-a num círculo bem horizontal antes de bater na água. O cabreiro, que o odiava profundamente, tinha medo dele - um destes medos físicos e instintivos de animal inferior. Dezenas de vezes o esperou, e dezenas de vezes ficou imóvel no mato, tremendo, enquanto o Joaquim passava de cabeça levantada, no seu andar cadenciado.

Depois, o cabreiro não tinha espingarda, nem meio de a obter. Comprara apenas uma navalha espanhola, e passava horas a contemplá-la, vendo como a folha brilhava ao sol, passando o dedo no gume bem afiado, abrindo-a lentamente, fazendo soar, uma um, os três estalinhos da mola. À força de ruminar a sua vingança, o José Bento teve uma ideia:... Não podia matar o Joaquim na serra... decididamente não podia... não tinha ânimo; mas ia matá-lo à vila, quando estivesse descuidado, rodeado de muita gente. Depois prendiam-no. Pouco se lhe dava disso; não tinha medo da prisão, nem do degredo, nem da força, tinha só medo do Joaquim - um medo profundo e terrível. Mas apanhando-o daquele modo, descuidado, dava-lhe um golpe só, bem dado, à altura do coração! E nas soveiras da serra escolhia a altura, ensaiava o golpe.

Passou assim meses, em crises de desespero e de hesitação. Quando abrandava, com medo do Joaquim, encontrava os dois enlaçados em algum vale, ou ouvia o grito cantado da Catarina, chamando o seu rapaz, e voltava-lhe toda a resolução feroz. Até que enfim naquela manhã viera para a vila, com a navalha preciosamente guardada no seio; andara todo o dia, ao acaso, de venda em venda, sem beber; depois fora à venda da Clara. E... e... e não o matei! - terminava ele.

O cabreiro ia seu caminho, mais devagar, cansado já, molhado até à pele, pela chuva que lhe repassava o fato pobre e no fio. Deixava atrás de si as terras de lavoura e as lamas fundas e tenazes dos barros. A estrada entrava na serra. Subia e descia em declives rápidos. Sentia-a mais seca debaixo dos pés, traçada na areia fina e lascada dos xistos desfeitos. O escuro da noite era profundo, mais talvez que à saída da vila; mas o cabreiro agora via distintamente os sítios

familiares por onde passava, como nós vemos os móveis do quarto, depois de apagada a luz. Podia apontá-los com o dedo: era lá em baixo, à esquerda, na encosta, o monte do Juncal e o barranco descendo para o vale, onde a Catarina lhe dera o beijo; era em frente, no cerro, a casita branca da malhada das Águias, com as três azinheiras grandes; e ao fundo, ainda longe, o seu curral das cabras, metido nos matos altos. Evocada pela memória tenaz do homem do campo, toda a paisagem saía da funda escuridão, nítida, com os mais pequeninos acidentes, iluminados pela visão interna.

Aquele canto de serra áspera e matagosa era todo o universo para o José Bento - o círculo em que se passara a sua vida miserável, em que acordara a sua bruta paixão. Ao chegar ali sentiu-se um momento aliviado. Achava-se na sua pátria, na segurança da sua casa. Mas logo, a proximidade do Juncal suscitou a imagem da Catarina, e o ciúme animal que o torturava. E depois veio-lhe o novo sentimento que dominava todos os outros, mesmo o seu ciúme, mesmo o seu ódio - veio-lhe um terror abjeto do Joaquim. A ideia, que o perseguira durante todo o caminho, acudia-lhe mais amargamente: "Não o matei!" E, lembrando-se dele na venda da Clara, destemido e ereto, sentindo ainda no pulso dorido a pressão dos seus dedos fortes, completava-a pensando: "... E não sou capaz de o matar!"

Quando o cabreiro chegou ao seu curral ia extenuado. Foi-se estender no fundo da choça, e para ali ficou até ser dia claro, sem m anta e sem lume, enroscado como um cão, batendo o queixo de medo e de frio.

o Joaquim não fez grande caso da facada. A ferida, bem vista, não passava de uma arranhadura. Disse a quem o quis ouvir:

- Se o cabreiro se chega outra vez para o pé de mim, racho-o de meio a meio!

Mas não o procurou, e continuou tranquilamente nas suas caçadas, e nos seus amores com a Catarina. O cabreiro também tinha desaparecido, levantando com o fato das cabras para o sul, direito à ribeira de Alfamar, e às vertentes do Guadiana. Ficou por lá três ou quatro semanas, mais miserável que antes, combatido pelo seu terror profundo de se encontrar com o Joaquim e por um desejo intenso de ver a Catarina.

Uma manhã veio ele dando volta pelos matos dos Russins, até dar vistas ao Guadiana, por cima da pedra dos Grifos. O dia estava claro; e na luz ampla e forte o vale parecia ainda mais desolado e triste. O Guadiana ia baixo, deixando quase a descoberto o seu vasto leito de pedra" rasgado, roído, lavado pelas águas. Nas margens, nem uma árvore, nem uma nesga de várzea relvada - a corrente levava tudo, terra e areia, ficando só a rocha nua, e as manchas cinzentas dos calhaus, dos grandes quartzos rolados, entre as quais passava a

fita azulada e brilhante do rio. Pelas moitas pobres do loendro escuro e de tamugem ruiva, os palhiços secos, travados, marcavam o nível da última cheia.

Uma solidão absoluta.

Apenas agora, as cabras vermelhas do José Bento vinham aparecendo, uma a uma, entre o mato da encosta, com as orelhas fitas e as cabecinhas finas de animais quase selvagens. Em cima, no azul pálido, dois grifos descreviam num voo sereno as suas órbitas intermináveis.

As cabras vieram descendo, em filas, pelos carreirinhos, e o José Bento desceu com elas. Ao dobrar um cabeço descobriu o Pulo do Lobo: todo o rio que se encerrava no canal estreito, tomando uma velocidade louca; as águas que se apertavam, atropelando-se em veias sobrepostas; depois a fenda na rocha, tragando tudo; e, por detrás, a água, pulverizada na queda, elevando-se num nevoeiro branco, que o sol irisava nos bordos, dando-lhe tons de opala.

O José Bento foi seguindo a margem, até ao sítio em que o rio se despenhava, desaparecendo na funda bacia. Mais adiante, já para além da queda, viu solidamente atada a uma saliência da rocha, uma corda forte de linho, que passava por cima da aresta e pendia para o abismo.

- Olha! está cá um, pescando o sável! - disse ele consigo.

Teve curiosidade de ver, aproximou-se, e, deitando o chapéu no chão, lançou-se de bruços, passando a cabeça além da borda. A parede de xisto, irregularmente fraturado, descia a pique. Em baixo, a água espumava e fervia na queda; agitava-se, ainda sentida, em largas ondulações; e, tranquilizando-se pouco a pouco, tomava os tons denegridos das rochas que a cercavam.

Lá no fundo, na ponta da corda, um homem atado pela cintura, com os tentos da rede na mão, esperava a pancada do sável. O José Bento ficou imóvel, depois abriu a boca num largo riso silencioso, e, recuando lentamente, tirou a navalha da algibeira, e começou a cortar a corda - o homem, que em baixo pescava, era o Joaquim das Águias.

O cabreiro já não tinha a sua boa navalha espanhola, que ficara na venda da Clara; serrava lentamente com uma navalhita velha, com que costumava cortar o pão para as migas. Quando ia a meio da sua tarefa teve uma ideia, que o fez rir outra vez. Chegou-se à borda e chamou o Joaquim, gritando-lhe que a corda estava cortada. O Joaquim das Águias voltou-se, não percebeu o que lhe diziam, porque o ruído da queda abafava as vozes, mas viu a cara feroz do cabreiro, que fazia o gesto de cortar.

Era um homem valente e decidido, largou a rede, e, empunhando a corda, começou a subir rijamente, ajudando-se com os pés na rocha. Então o cabreiro recuou, e, num ataque de terror indescritível, precipitou-se sobre a corda, serrando violenta, febrilmente, sem despregar os olhos da borda, onde a cada momento esperava ver aparecer a cabeça do Joaquim. A velha navalha tremia e oscilava no cabo; mas as tranças de linho iam cedendo pouco a pouco sob o fio embotado. Os restos da corda tendiam-se agora aos sacões; as fibras estalavam já por si, adelgaçando-se nuns fios tênues, que ainda resistiam.

Um último golpe... do abismo veio um grito de agonia, dominando o ruído da água; e o José Bento ficou de gatas, na postura de um animal, com os olhos esgazeados, e as unhas cravadas na terra.

## OS CRAVOS

- Pois a minha aventura é bem mais simples do que todas essas - disse o João de S., que nos ouvira calado, estendido no canapé, com as duas mãos cruzadas sob a nuca. - Nem foi, a dizer a verdade, uma aventura; foi apenas uma impressão de momento, uma dessas sensações mil vezes mais fugitivas do que o raio de sol que doira uma nuvem, mil vezes mais intangíveis do que o perfume do rosmaninho, evoluindo-se em manhã de orvalho. E, no entanto, de todas as minhas recordações femininas, é a única esta que me flutua ainda na memória tão fresca como na primeira hora; a única de que me não ficou remorso, nem azedume; a única em que o tédio ou a desilusão nunca puseram a sua mancha.

O ano passado tive de ir a M... no pino do Verão. Porquê e para quê, não vem ao caso. Achei-me ali preso bastantes dias, com um destes calores alentejanos de que vocês por cá nem fazem ideia, e tendo muito pouco em que me ocupar. Logo no dia seguinte à chegada, a pessoa com quem ia tratar o meu negócio levou-me à botica, onde alguns ricos da vila passavam as tardes em doce cavaco. Mas nunca mais lá voltei, afugentado pelo cheiro das drogas, que se exacerbava em trinta e nove centígrados - à sombra! - e pelas discussões de política local, de que não percebia uma única palavra. Privado assim do recurso da botica, eu ia todas as tardes passear pelos arredores da vila, sozinho, com um cigarro entre os dentes, e a minha bengalinha lisboeta na mão.

Ao sair da hospedaria, tomava à esquerda uma ruazita estreita, tortuosa, mal calçada, encaixada entre casarias altas de aspecto mourisco, que levava às muralhas da vila. Na rua havia já sombra - uma sombra muito clara, toda cheia de reflexos das paredes caiadas; mas lá no fundo, a velha porta, rasgada na muralha negra, abria-se para um deslumbramento. Léguas e léguas de terreno se estendiam sem fim, banhadas pelo Sol já baixo, indistintas na luz demasiado intensa, como se as cobrisse um pó fino de ouro incandescente. E, aos meus pés, caía para o vale o arrabalde, com os seus muros caiados, com os seus telhados denegridos, com os fumozitos tênues das suas chaminés.

Eu descia lentamente. O Sol: tocava no horizonte - muito vermelho, esbraseando o céu!, anunciando para o dia seguinte um calor ainda mais forte. No largo campo torrado, todo amarelo, nas grandes restolhiças amarelas, nas pastagens secas e amarelas, os olivais formavam manchas escuras, que principiavam a esbater-se" dissolvendo-se na luz já mais fraca. Não corria vento; a campina dormia, extenuada e lassa, acordando a custo daquela longa sesta, dormida sob o sol implacável. E muito longe, para os lados da serra, os fumos grossos das queimadas subiam perpendiculares no ar parado.

As moças da vila começavam a descer para o poço em pequenos riachos, às duas, às três, às quatro, com as suas bilhas - as suas infusas, como lá se diz - vazias, atravessadas sobre a cabeça. Algumas vinham já de volta, com as infusas cheias, molhadas de mergulharem no poço, esguias e bem aprumadas. Subiam num passo firme, envolvidas nos grandes xales escuros de lã, com os lenços de chita traçados na boca, naquele abafo tão singular e tão característico do nosso povo do meio-dia.

Pareciam assim mais altas, alongadas pela curva da infusa e pelas pregas retas e caídas dos xales. Ao cruzarem-me, via-lhes apenas os olhos bem fendidos, assombrados pelas pestanas negras; e elas, sem voltarem a cabeça, sem um gesto, diziam-me baixo, no tom lento de uma saudação grave:

- Tenha muito boas tardes.

Aquelas figuras negras, envoltas e quase veladas, atravessando as linhas daquele país árido e pálido, levavam-me o pensamento para longe e para trás. Podia julgar-me em alguma vilazita dos confins do Sara, em El-Aguat ou In-Salá, onde, ao sol-posto, as raparigas muçulmanas, veladas e misteriosas, descem a encher os cântaros no poço do oásis, sob a folhagem rígida das palmeiras, enquanto, à volta, as sombras azuladas vão invadindo lentamente as longas colinas de areia. E pensava que estas moças eram do mesmo sangue; desciam ao poço como desceram as suas avós, e as avós das suas avós, desde as raparigas berberes, que passaram o estreito com os exércitos de Tárique.

Perante o encanto, triste mas tão penetrante, destas coisas e destes hábitos velhos, destas coisas que são porque já foram, eu sentia uma pena funda - a pena de que tudo aquilo acabasse mais dia menos dia, destruído pela nossa civilização reles e niveladora. Porque era fatal, dentro de dois, de três, ou de dez anos, viria uma municipalidade ilustrada, louvada em artigos de fundo pelos jornais de dez réis, que dotasse a vila com os *melhoramentos materiais indispensáveis*. E então, encanada a água, postos marcos fontenários nas esquinas das ruas, as moças deixariam de vir ao poço como vieram as suas avós, e as avós das suas avós, desde os antigos tempos de Tárique.

Pensando nestas coisas eu ia descendo a estrada, orlada de grandes piteiras glaucas. Deixava atrás o poço, e seguia até uma das hortas do vale, termo habitual dos meus passeios. Entrara na horta uma tarde por acaso, e agora vinha ali todos os dias.

Àquela hora, a horteloa e a filha tomavam o fresco, sentadas em cadeiras baixas, num terreirinho varrido diante da casa. Eu era já um amigo da família. A rapariga ia-me buscar uma cadeira; o hortelão largava a enxada da rega, soltava a mula velha da nora, e vinha também para ali, em mangas de camisa, com o

colarinho desabotoado. Conversávamos tranquilamente:... Daqueles fortes calores que iam queimando a uva toda, da novidade de laranja que prometia, do peço que tinha dado nos abrunhos.

Presos sob uma figueira, dois carneiros pretos miravam-nos seriamente com os seus olhos de ouro pálido, como se se interessassem na conversa. Lá no alto da colina, os reflexos do poente tingiam ainda de vermelho as muralhas altas da vila; mas na horta a luz do crepúsculo ia-se morrendo. O grande laranjal viçoso formava uma mancha absolutamente negra. Dos canteiros do meloal, regados de fresco, orlados de milho em flor, levantava-se pouco a pouco uma umidade tênue que adoçava o ar morno da noite. E, no azul fino, muito claro ainda, começavam a acender-se uma a uma as pequeninas luzes frias das estrelas.

Era a hora em que a filha do hortelão regava os seus craveiros. Levantava-se para ir encher a infusa na pia da nora; e, quando voltava pelo carreirinho com a infusa à cabeça, eu via a sua figura fina, de adolescente apenas mulher, recortada no céu pálido, todo picado já de estrelas. Depois, curvada, com a infusa pesada nos braços, começava a regar os vasos, alinhados sobre o alegrete de ladrilho. A curva da sua cinta flexível era tão graciosa e ao mesmo tempo tão robusta, o seu gesto era tão forte, que ela parecia derramar em volta de si uma sensação de vida intensa e plena. A sensação da vida corria dela naturalmente, como da sua infusa corria a vida sobre os craveiros emurchecidos.

Terminada a rega vinha sentar-se, debruçada, com os braços apoiados sobre os joelhos, e o lenço da cabeça descaído para os ombros. À luz das estrelas via-lhe indistintamente as ondas lustrosas dos cabelos negros, o oval fino, os olhos grandes, atentos à minha conversa com o pai. Pelas nove horas hora da ceia - despedia-me, e subia para os horrores da hospedaria, pensando que na tarde seguinte voltaria à horta ver a rapanga regar os seus craveiros.

E voltava - todas as tardes, sem faltar uma. Ela começava a familiarizar-se comigo; perguntava-me coisas de Lisboa, daquele mundo estranho e distante de que fazia uma ideia tão vaga e tão falsa. Mas, se lhe dirigia mais diretamente a palavra, calava-se num retraimento arisco. Tinha a confiança, cortada de sustos, de um pequenino animal selvagem que principia a domesticar-se.

Às vezes ficávamos sós, quando a mãe ia lá dentro tratar da ceia, e o pai dava uma volta pela cavaliçã a ver se a mula levantava a ração. Ficávamos calados. Na horta soavam as leves bulhas misteriosas da noite; ao fundo do laranjal, uma luca soltava a sua nota fina, regularmente espaçada; de quando em quando um sopro brando passava na folhagem, dando-lhe um frêmito doce, como uma festa na pele; e, na obscuridade quase completa, eu já a não via, mas sentia os seus olhos fitos nos meus.

Os negócios que fora tratar estavam terminados. Creio mesmo que demorei a sua conclusão mais três ou quatro dias do que era absolutamente necessário; mas enfim uma tarde vim à horta despedir-me dos meus amigos, e anunciar-lhes que partia no dia seguinte para Lisboa. A rapariga ficou calada, com uma vaga expressão de tristeza nos olhos.

Quando veio regar os craveiros, aproximei-me do alegrete; e ela, ao pousar a infusa, colheu dois cravos - dois pobres cravitos ordinários - e deu-mos sem dizer uma palavra. Colhi também um cravo vermelho; e, brincando, quis-lho pôr na cabeça. Enquanto forcejava peito plantar na massa espessa dos seus cabelos negros, vi-a corar, como se o vermelho do cravo se diluísse e descesse, tingindo-lhe as faces e o pescoço; e assim, tão junto dela, senti-a tremer entre os meus braços. Foi uma sensação de uma suavidade infinita.

- E depois? - perguntou um de nós.

- Depois, mais nada.

- O quê, mais nada! - exclamamos todos em coro.

- Absolutamente mais nada. E que mais queriam vocês?

Ela dera-me nessa sensação tão fugitiva, e por isso mesmo tão fresca, o que tinha de mais precioso; o que nos, dá a flor que respiramos sem a colhermos; a borboleta que passa na nesga de sol, sem que um toque brutal venha a macular o pó doirado das suas asas; dera-me a primeira vibração da sua virgindade que acordava.

- E nem soubeste dela depois?

- Nunca mais. Deve ter casado com algum cabreiro, ou com algum vaqueiro; mas que me importa?

E o João de S., indignado com o nosso materialismo, cruzou as mãos sob a nuca e estirou-se ao comprido no canapé, sem dizer mais uma palavra.

## MAIS UMA

I

O caminho, trilhado pelos carros sobre as terras lavradas, subia docemente para a ermida caiada. De vez em quando, via-se lá no alto uma nuvenzinha branca, formada no céu azul; e, instantes depois, ouvia-se estalar um foguete. Aos lados, os campos estendiam-se a perder de vista em ondulações quase insensíveis, amarelando no tom claro dos restolhos, brutaemente feridos pelo sol de Julho, que inundava tudo. Apenas, de longe em longe, algumas oliveiras enfezadas punham sobre o caminho poeirento estreitas nesgas de sombra. E a sombra magra, tênue, caindo da árvore pálida, onde as cigarras entoavam o seu hino ao calor; a sombrazita leve parecia ainda mais quente do que o resto.

Mas, apesar do calor, a estrada ia já cheia de gente. As moças do povo, muito sécias nos seus lenços novos puxados à testa, nos seus vestidos de chita clara, que faziam parecer mais negras as suas mãos queimadas, caminhavam num passo firme, indiferentes à torreira do sol, como quem ceifou na véspera, e tem de ceifar no dia seguinte. E, atrás das moças, mais rudes, mais lorpas do que elas, levados pelo beijo, iam os rapagões de trabalho, afogueados, quentes também por dentro com alguns quartilhos de vinho, os chapéus na nuca, e as largas cintas vermelhas, as mangas brancas das camisas, reluzindo na luz intensa.

Um cocheiro gritou aos grupos, que se afastaram, saindo para o restolho, deixando passar a carruagem. Alguns homens levaram a mão ao chapéu, lentamente, de má vontade. Era a *caleche* do Sr. João Cardoso, o rico, que ia à festa ver as moças, com o delegado e o José Carlos da botica.

Atrás da carruagem, no passo mais lento das mulas velhas, vinha agora um carro alentejano, sem toldo, trazendo dentro um ramalhete de sorrisos frescos, de saias claras e refesteladas, de lenços garridos, azuis como a flor do almeirão, escarlates como as papoulas, amarelos como os malmequeres - todas as cores fortes do meio-dia, faiscando na luz meridional. Vinham ali a Josefa Vila Verde, e as duas Lameças, e a Chica Sirgueira, e a Anica do Corro, e, atrás, no pior lugar, a Rita Camacha - porque o carro era dela, e a rapariga, ufana da sua superioridade, fazia as honras às amigas.

Eram bonitos de lei, os vinte anos da Rita Camacha. No seu narizito um pouco levantado, e na sua boca graciosa brilhava ainda um sorriso alegre de criança; mas os cabelos pretos, pesados, e os olhos grandes, de um tom castanho, a que os laivos verdes davam transparências fundas de ágata, moficavam-lhe a expressão, tornando-a mais mulher, involuntariamente provocante. E o que havia de singular naqueles olhos da Rita, eram as pestanas negras e bastas, tão

negras e tão bastas, que os olhos pareciam pintados, artisticamente feitos a lápis preto por uma atriz francesa.

Mesmo as suas rivais confessaram depois, que ela, nesta tarde, ia: “Muito bem composta” - muito elegante no seu vestido novo, com um lenço de seda na cabeça, e outro lenço grande, vermelho e amarelo, cruzado sobre os seios já fortes. Direita no carro, segurava-se ao taipal com a mão pequena, apenas queimada; porque a Rita pouco trabalhava no campo. Saía às vezes à azeitona, quase por *chic*, para ir com as outras, e mondava na sua seara; mas aos trabalhos duros, às ceifas, ao mato, nunca ia. O pai dela, o João Camacho, estava bem. Tinha ricas fazendas; e, com as suas quatro parelhas, ganhava muito bom dinheiro nos carretos de trigo para a estação, e para os moinhos da ribeira.

E justamente neste dia da Festa das Moças, a Rita ia alegríssima; alegre porque se sentia bonita e bem vestida; porque ia no seu carro; porque adiante do carro, num rancho de rapazes, ia o Zé Severo, que de dois em dois passos se voltava para a ver.

A chegada do carro ao terreiro da ermida, foi um triunfo. Vinham ali as moças mais elegantes - o beijinho; e apenas as raparigas saltaram para o chão, compondo os beijos, endireitando as pregas das saias, foram arrebatadas para o baile pelos pares que as esperavam.

Ficaram horas no baile, andando à roda num passo vagaroso, cantando em coro as *modas* lentas, entoadas em terceiras, prolongadas em sonoridades singulares e doces. A cada volta havia um *changez de dames*; e as moças calculavam já de longe quando chegava o namorado. Mas, depois, mostravam-se indiferentes, sonsas, muito sérias, deitando-lhes apenas o rabinho do olho, respondendo levemente à pressão terna das mãos calosas e suadas.

Já tarde, quando a luz horizontal passava roçando nos restolhos ruivos, e a sombra da ermida se alongava sem fim pelo campo queimado, a Rita deixou o baile; e, com a Chica Sirgueira, foi tomar ar, espairar em volta da ermida. Pararam um momento a ver a vila, em baixo, saindo clara do cinzento terroso dos farrejais: as casas brancas do arrabalde, rosadas agora na luz do poente; as árvores dos quintais, recortando-se em pequenas manchas escuras; os últimos raios do Sol, batendo de chapa nos vidros novos do prédio alto do Cardoso. Isto interessou-as.

- Olha! parece que está a arder - disse uma delas.

Mas seguiram, enlaçadas, os braços à roda das cinturas, mascando nos dentes uns raminhos de alecrim, cochichando confidências amorosas. Na volta, quando

passavam diante do adro, o João Cardoso destacou-se de um grupo de ricos, que ali estavam fumando, e veio falar-lhes:

- Olá, Ritinha! Cada vez mais linda. Que boa que tu estás hoje!

A Rita quis passar sem responder. Detestava “o bruto do Cardoso”. Mas ele atravessou-se no caminho. Estava ignóbil na virilidade sanguínea e bem mantida dos seus quarenta e cinco anos, gordo, o beijo caído, o branco do olho raiado de sangue, as mãos fundamente plantadas nos bolsos das calças, quebradas em pregas velhas. E, cinicamente, sem se importar que a Chica ouvisse:

- Olha lá, Rita, em querendo é dizê-lo. Ainda que seja uma vez só, hás de andar aí vestida de sedas, metendo as outras todas num chinelo.

Perante a injúria, daquela oferta bruta de compra, a Rita sentiu-se corar até à raiz do cabelo. Os olhos encheram-se--lhe de lágrimas de raiva. Procurou uma resposta, uma palavra com que açoitasse as faces do homem; mas só soube dizer:

- Deixe-me passar.

E fugiu com a Chica para o baile.

Dançaram o *meio*. Os moços e as moças, de mãos dadas, formavam uma larga roda, andando mais depressa, cantando num ritmo vivo; e dentro de cinco ou seis pares pulavam - uma polca especial, pulada, valente, batida no chão pelos sapatos grossos. A Rita viu o Zé Severo, e foi tirá-lo oferecendo-se, com os braços abertos. Foram ao meio; e, encostada ao peito do namorado, enlaçada pelo seu braço robusto, pela sua mão dura que lhe magoava as costelas, a rapariga ficou mais contente, instintivamente protegida pela honestidade rude daquele abraço, vingada do bruto Cardoso.

II

Quando a Rita chegou a casa, já depois das nove horas, o pai ainda não recolhera, e a mãe, a Benta, começava a estar inquieta; mas a rapariga tranquilizou-a: “O pai tinha ido com as duas parelhas buscar uma mó à Pedra Furada para a levar ao moinho da Vargem. Eram mais de três léguas de caminho; e, com uma mó em cima do carro, as parelhas não podiam andar, como se levassem cinquenta alqueires de trigo... primeiro que chegassem à beira... que descarregassem a mó... que voltassem. Por ora não tardava.”

Tinha-se sentado junto da porta, procurando fresco, esbraseada ainda do dia, o lenço da cabeça desatado, o pescoço úmido, vendo, lá fora, uma nesga de campo preto, e, por cima, o céu estrelado - porque a casa dos Camachos ficava

ao sair da vila, mesmo no fim da rua.

Dentro, a mãe punha a mesa para a ceia; e, estendendo a toalha, colocando os pratos, perguntou-lhe pela festa.

- Estava muito bonita, um *balho* bom, quase todas as moças da vila - disse a rapariga.

Mas subitamente, corada, toda raivosa, não se teve mão, que não contasse à mãe o que lhe sucedera com o Cardoso. Então a Benta parou, com um prato na mão, indignada:

- Pois ele disse-te isso! Pois, olha, livre-se ele que teu pai o saiba, que lhe há de partir a cara. Não lhe há de valer lá o seu dinheiro... há de-lhe partir a cara. Ora o condenado!... O alma d o diabo!...

Estavam tão acesas as duas mulheres, tão entretidas na conversa, que não ouviram, fora, um passo rápido na areia da estrada; e quando o almocreve, que tinha ido com o João Camacho, entrou a porta, tiveram um sobressalto. O moço vinha alterado, branco, e apenas pôde balbuciar estas palavras:

- Oh! Tia Benta, não se assuste... foi uma desgraça... uma desgraça... mas oh! Tia Benta, não se assuste.

A mulher escutava imóvel, sem perceber, sem perguntar; e a Rita de pé, pálida, as mãos postas, não se atrevia a dizer uma palavra. Então o rapaz explicou confusamente:

- Foi aquela cabra da mula vermelha que se furtou numa sobroda, mesmo já às quedas da ribeira... o carro voltou-se... e a m ó apanhou o Tio João, que nunca mais deu acordo de si... foi uma grande desgraça... mas oh! Tia Benta, não se assuste... o Tio João talvez esteja melhor, desde o meio do caminho que não geme.

Lá fora, na noite límpida, serena, estrelada, começava a ouvir-se o andar compassado de homens que traziam um fardo. Uma voz baixa dava instruções:

- Devagar moços, devagar, com cuidado.

E agora, aparecia entre portas a extremidade de uma escada, segura adiante por dois moleiros, todos brancos de farinha, suados, estafados. Vinham assim, às varas da escada, desde a ribeira - seis quilômetros. Sobre a escada traziam o João Camacho, coberto por uma manta alentejana, que pendia aos lados, em pregas moles, como o pano de um ataúde.

De repente, ao vê-lo, a Benta levou as duas mãos à cabeça, arrancando o lenço, desgrenhando-se, exclamando:

- Ai! que mo mataram!

E sem saber porquê, nem contra quem, começou a gritar:

- Aqui-del-rei! aqui-del-rei, que me mataram o meu homem!

Os moleiros entraram cuidadosamente. Queriam passar para o quarto interior, mas a porta era estreita, a escada não cabia. Alguém lembrou:

- Tragam daí um colchão.

A Rita, enfiada, alumiava; um dos moleiros foi lá dentro, arrancou o colchão de uma cama, veio estendê-lo na casa de fora. E, com muitas cautelas, passaram o Camacho para o colchão. Aos gritos da Benta, a casa enchia-se de gente. Toda a vizinhança estava ainda levantada, sentada pelas portas naquela noite quente de Julho. Ao fundo da casa, os moleiros, tirando o chapéu, passavam os lenços de cor sobre as testas, escorrendo suor. E, em volta do colchão, à roda da Benta, que não cessara de gritar, as mulheres aglomeravam-se, condoídas e curiosas, num burburinho de exclamações e de choros. Mas todos ficavam hesitantes, como medrosos, sem se atreverem a tocar no Camacho, absolutamente imóvel, aparentemente morto. O regedor, que entrara indagando o que tinha sucedido, foi o primeiro a lembrar:

- É preciso chamar o médico.

- Já lá foi o Zé Russo a correr - disse um dos rapazes.

Pouco depois, ouvia-se uma voz forte na rua, dizendo:

- Dêem licença. Deixem passar... fazem favor.

E o Dr. Sousa entrou, sem tirar o seu grande chapéu de abas largas, abrindo os grupos, perguntando:

- Onde está o ferido?

Antes de ouvir a resposta, viu o homem estendido ao meio da casa; e foi rapidamente ajoelhar junto do colchão, dizendo ao acaso para um dos rapazes que ali estavam de pé, aparvalhados numa contemplação idiota:

- Dá cá daí essa luz.

E, enquanto o rapaz, tremendo, segurava a candeia, o Sousa debruçou-se sobre o Camacho, rasgou-lhe a camisa ensanguentada, pondo a descoberto o braço esquerdo, partido em duas bandas, e o tronco horrivelmente ferido, como esmagado pela pancada da mó. Fez-se então um grande silêncio. A Benta mesma se calara. Todos estendiam os pescoços; e, sob as abas largas do chapéu, viam-se brilhar os vidros dos óculos fixos do médico, tocados pela luz da candeia. O exame durou pouco, e o Sousa disse alto:

- Não há nada a fazer... está morto há perto de uma hora.

Ao levantar-se deu com os olhos no regedor.

- Ah! boas noites, Sr. Pedreira, não o tinha visto quando entrei. Isto foi um acidente?

- Voltou-se-lhe o carro, segundo dizem.

- Bem, então não sou necessário. Mandem buscar a certidão, que eu lá lha encho mesmo em casa.

Quando saía, passou junto da Benta que soluçava, e, mudando de tom, disse-lhe:

- Adeus, Sr.<sup>a</sup> Benta... coitada!... coitada...

E, pondo a mão no ombro da Rita, que ali estava de pé, hirta, pateta:

- Tu, rapariga, vê se tiras daqui a tua mãe... Boas noites, Sr. Pedreira... Deixem passar, fazem favor.

Pouco a pouco, o Pedreira fez sair a gente, ficando apenas com as duas mulheres cinco ou seis vizinhas mais íntimas. E no silêncio, que se estabeleceu na grande casa vazia, houve uma sensação de fim, de se ter acabado tudo na desgraça irreparável. Acocorada junto do colchão, a Benta lamentava-se alto, amparada por duas vizinhas. A Rita, esquecida, medrosa, foi sentar-se mais longe numa cadeira baixa. Chorava devagarinho. As lágrimas corriam-lhe aos cantos da boca, com um sabor a salgado, levemente amargo, caindo uma a uma, orvalhando o seu lenço de festa, vermelho e amarelo. Não fixava bem as ideias, não tinha consciência do que sucedia - chorava, abalada pela comoção da cena, pelas lamentações da mãe, pelo terror que lhe inspirava o pai mutilado, estendido naquela colchão branco, que parecia tão fúnebre, visto à luz mortiça das candeias.

As vizinhas começavam já os arranjos, arredando móveis, colocando uma mesa ao fundo. A Gaudência, que dirigia, consultava as outras em voz muito baixa:

- Fica melhor aqui, não lhe parece, comadre? Mais decente.

Abrindo a porta, chamou um dos rapazitos, que estavam lá fora nos grupos:

- Ouve cá; sabes onde mora o prior?

- Sei sim senhor.

- Então vai lá, e dize à Sr.<sup>a</sup> Maria dos Remédios, que lhe mando eu pedir - a Ana Gaudência, percebes? - que lhe mando eu pedir um crucifixo e dois castiçais, que é para casa do João Camacho, que morreu.

E, enquanto o rapaz partia, muito inchado pela súbita importância que lhe dava aquela missão de confiança, a Gaudência voltou para dentro, e, indo junto da Rita, perguntou-lhe baixo:

- Oh! filha, tens uma toalha de rendas?

- Na arca, Tia Gaudência.- respondeu a rapariga por entre lágrimas.

E ficou quieta, pasmada na sua contemplação inconsciente, seguindo com os olhos a Gaudência que trastejava, assistindo a todos os preparos tristes da morte, naquela promiscuidade da casa pequena, do povo, às vezes tão dolorosa.

Ao lume, aquecia ainda a ceia do João Camacho, e, como a panela levantasse fervura, a Rita ergueu-se maquinalmente, foi arredar o testo, espumou a panela e voltou para a cadeira. Sentia-se muito quebrada, da aflição e da festa. Tinha um esvaimento, um cansaço fundo, até aos ossos: daquele dia passado no sol ardente; do banho de luz crua, refletida nos restolhos amarelos e nas paredes caiadas da ermida; das longas voltas em roda, ao som das cantigas arrastadas; dos bailes ao meio, com os rapagões brutos, que lhe apertavam a cintura nas mãos fortes, duras dos cabos das enxadas e das rabiças dos arados. E todas estas imagens, de sol, de lenços claros, de cintas encarnadas, de caras alegres e boçais dos pares, lhe dançavam diante dos olhos na casa sombria, onde a Gaudência continuava nos seus fúnebres arranjos. Voltavam-lhe agora as cantigas: uma moda nova muito lenta, ou o estribilho rápido de um baile ao meio, sacudido e alegre:

*Pra matar, malar, malar,*

*Pra malar lima saoidade...*

Mas a Gaudência, veio dizer-lhe:

- Oh! Rita, não acho os lençóis novos.

Então a rapariga levantou-se, para os ir buscar à casa de dentro; e, ao passar junto do cadáver do pai, as lágrimas rebentaram-lhe de novo, rápidas e quentes. Mas, depois de entregar os lençóis à mulher, veio outra vez sentar-se; e as imagens da festa voltaram insistentes, numa alucinação que a distraía.

Lembrava-se agora de tudo o que tinha sucedido: das risadas da Chica e da Josefa no caminho, quando o carro dava solavancos; da cena com o Cardoso, o bruto do Cardoso, atrevido, que lhe vinha oferecer vestidos de seda, a ela, uma rapariga honrada a quem ninguém tinha nada que dizer. Lembrava-se também do seu Zé Severo, alegre, bem vestido, com a cinta escarlata, as mangas da camisa muito brancas. E, sem ser por mal, arrastada pela sucessão inconsciente das ideias, começava a fazer planos de futuro diante do cadáver do pai. Ia casar com o namorado... a mãe ficava rica... decerto não se opunha...

E, estonteada e chorosa, com as lágrimas ainda úmidas nas faces, sorria, parecendo-lhe ouvir a voz valente do Zé Severo a cantar o estribilho:

*Pra malar, matar, matar,  
Pra matar uma saoidade.*

III

Na rua, os amigos do Camacho esperavam a hora do enterro, vestidos de briche, cobertos pelos pesados capotes das solenidades, indiferentes ao calor de Julho. Havia muita gente - o João Camacho era popular, e aquela morte súbita, por uma desgraça, fizera impressão. Mesmo, lá mais acima, viam-se alguns grupos de pessoas graúdas da vila, corretas nas suas sobrecasacas pretas de pano lustroso, nos seus chapéus altos, luzidios, um pouco fora de moda. Em frente da porta, na nesga de sombra de um muro, o velho escrivão Salgueiro conversava com o Costa da loja, um homem novo na vila, mas que julgara do seu dever vir ao enterro.

- A viúva e a filha ficam muito bem, segundo ouvi? - disse o Costa, continuando a conversa.

- Bem! - respondeu o Salgueiro, no tom de superioridade de quem conhece todas as coisas por dentro. - Bem! A comadre Benta, coitada, fica a pedir esmola.

- Ora essa! Diz que tinham muito boas fazendas.

- Pois lá isso tem. Tem as courelas do Sesmo, que são boas; tem alguns quatro ou cinco olivais às Águas Quentes; tem...

O Salgueiro interrompeu a enumeração para acender o cigarro, abrindo o fósforo de pau nas mãos magras, muito curvadas, esperando tranquilamente que o enxofre acabasse.

E, depois de tirar duas fumaças:

-... tem perto de vinte milheiros de vinha. Mas quê, tudo isto está hipotecado aos Farias.

- Aos Farias, oh! diabo! - exclamou o Costa.

- Pois é assim mesmo. O compadre João meteu-se nuns negócios de trigos e de farinhas que deram cabo dele. A comadre Benta não tira das fazendas nem um real; e o mais que aí tem, a casa, as parelhas, vai-se embora nas outras dívidas. Olhe, só ali ô Chinha da diligência - e mostrava um gordo, todo vestido de preto, que conversava num dos grupos próximos - tem ele uma letra de trezentos e cinquenta mil réis... fora o mais. A comadre Benta, coitadita, fica a pedir esmola.

- Pobre mulher! - disse o Costa, comovido; e acrescentou: - A filha é uma rica moça!

Mas como o prior descesse a rua, precedido pelo sacristão, o velho Salgueiro apertou cuidadosamente o cigarro entre os dedos amarelos, meteu a ponta apagada na algibeira do colete, e foi tomar o seu lugar no acompanhamento.

Tudo quanto o escrivão disse ao Costa da loja era a pura essência da verdade. Passados poucos dias, a Benta recebeu um recadinho dos Farias, dizendo-lhe: "Que sentiam muito incomodá-la, que lhe não queriam fazer mal; mas que, enfim, necessitavam do seu dinheiro; havia já três anos de juros em dívida; e, demais, as ordens para a execução estavam dadas mesmo em vida do Camacho."

A Benta sabia dos negócios do marido; mas não os conhecia a fundo, em toda a sua realidade desoladora. Este recado consternou-a. Deitou um xale aos ombros, pôs na cabeça o seu lenço de luto de chita preta, e foi consultar o Salgueiro, que era seu compadre de águas bentas.

Quando a mulher entrou, o velho escrivão, sentado à mesa profissional, coberta de oleado preto, tendo em volta a clássica saia de baetilha verde muito amarelada já do sol, copiava pachorrentamente uns documentos, fumando um cigarro.

E, em volta dele, sobre o oleado da mesa, no tinteiro de latão, por entre os papéis, no chão de ladrilho da casa, havia um número incalculável de fósforos de pau ardidos, e de pontinhas velhas de cigarros, fumados até à última. Levantou os óculos para a testa, reconheceu a Benta, e acolheu-a com um desconsolado:

- Ah! é você, comadre! Já cá a esperava. Sente-se... sente-se.

Mas era difícil saber onde; e ele então ergueu-se, alcanchinado na curva daquela vida abancada, tirando de cima de uma cadeira dois registros de tabelião, e o vestido de me ri no de uma das filhas, orlado em baixo de lama, conseguindo acomodar a mulher. E, antes que ela falasse, prevenindo-se:

- Olhe, comadre, você vem mal. Eu hei de lhe fazer tudo o que puder, absolutamente tudo; mas o meu tudo é quase nada. Como escrivão estou amarrado ao que me mandam; e como homem, você bem sabe, que o que aí se ganha nem sempre chega para o pão dos filhos.

A comadre Benta sabia-o muito bem; várias vezes alguns sacos de farinha tinham vindo por empréstimo de casa do Camacho para casa do Salgueiro. Mas ela queria sobretudo um conselho; que a esclarecessem; que dirigissem a sua ignorância desarmada e fraca. O escrivão explicou-lhe o negócio, atenuando um pouco com dó dela; mas, no fundo, dizendo-lhe toda a verdade. E como ela hesitasse, querendo ainda pegar-se a uma esperança, acabou por lhe mostrar esta coisa misteriosa e temerosa entre todas; esta coisa que pode ser uma doação, uma quitação, uma escritura de compra, a fortuna; mas que tantas vezes também representa a dívida, a penhora iminente, a ruína e a miséria - mostrou-lhe um caderno de papel almaço azul, selado, escrito de ponta a ponta, corretamente cosido a linha branca. Do caderno resultava tintin por tintin, com todas as formas em direito necessárias, que as courelas do Sesmo, e os olivais, e a vinha, estavam irremediavelmente perdidos:

-...a não ser, comadre - terminou o Salgueiro que tinha seus laivos de erudição sagrada... - a não ser que Deus toque no coração dos Farias, o que me parece muito mais difícil do que curar o paralítico, ou mesmo do que ressuscitar Lázaro.

A viúva não percebeu esta referência aos Sagrados Evangelhos; nem percebeu as complicações jurídicas no negócio; mas ficou sabendo o bastante para sair mais chorosa do que tinha entrado. Não lhe lembrou recorrer diretamente aos

Farias; tinha a certeza de receber uma resposta doce e inexorável. Foi bater a outras portas, e por toda a parte encontrou protestos de amizade, afirmações de simpatia condoída, promessas vagas de auxílio, nenhum apoio eficaz. Teve, porém, um oferecimento, que nem esperara, nem solicitara.

Um dia entrou-lhe em casa a senhora Joaquina da Cruz, magra como um cabide, embrulhada no seu xale preto, avermelhado pelos sóis dos últimos vinte anos, e que dava a impressão aflitiva de que se ia furar nos ombros, tão fina se havia tornado a sua trama, e tão agudos eram os ossos da mulher: “Vinha ver a senhora Benta. Já devia ter vindo há muitos dias, se não estivesse tão doente que se não podia bulir. Mas nem por isso deixara de tomar parte no seu desgosto. Aquela morte do João Camacho tinha-lhe feito lembrar tanto a do seu homem, morto também de uma desgraça, sucedida no trabalho” - a verdade era, que o matou um castelhano com duas facadas numa barraca da feira da Vidigueira - “deixando-a sem amparo, uma pobre de Cristo. Ai! ninguém sabia melhor do que ela o que eram desgostos e trabalhos... Por isso não seria ela que abandonasse quem estava na desgraça. Mas tinha a sorte de lhes trazer uma boa notícia. Naquele mesmo dia, logo de manhã, tinha-a mandado chamar o Sr. João Cardoso”...

A este nome, a Rita, que ao fundo da casa embainhava uma saia de luto, levantou a cabeça, escutando com atenção.

A Joaquina continuou:

- Ai! que santo homem é o Sr. Cardoso. Mandou-me chamar logo de manhã e disse-me... formais palavras: “Vossemecê, Sr! Joaquina, há de ir a casa das Camachas”, assim se diz na ausência; “quero que elas saibam, que eu estou pronto a fazer tudo para se não venderem as fazendas. Quatrocentos ou quinhentos mil réis, ou isso que for, aqui estão às suas ordens...”

- Nós ficamos muito agradecidas ao Sr. Cardoso... - ia a dizer a Benta.

- Ai! e tem razão - atalhou a Joaquina. - Que rico homem! E tão amigo da menina Rita! Ele não vê outra coisa neste mundo. Nem vossemecê sabe o que ele era capaz de fazer por ela...

Ao ouvir estas palavras, a Rita levantou-se de repelão, derrubando a cadeira, dirigindo-se para a porta do quintal.

Aquele gesto violento acordou a Benta, fê-la sair da sua hesitação. E agora, de pé, excitando-se, reagindo contra as insinuações da mulher, talvez contra as cumplicidades vagas do seu pensamento íntimo:

- Olhe, Sr.<sup>a</sup> Joaquina, dê-se vossemecê por muito feliz de não estar aqui quem Deus tem; talvez as coisas não acabassem assim. Pode dizer ao Sr. Cardoso que estamos muito agradecidas ao seu favor; mas que esta é uma casa honrada, não está acostumada às visitas de... mulheres do seu ofício.

Mas a Joaquina ficou impassível, encolhendo os ombros, como se decididamente desta vez quisesse furar o xale com as pontas dos ossos. Ergueu-se devagarinho, muito tolhida do reumático, dizendo tranquilamente:

- Ai! Sr.<sup>a</sup> Benta, vossemecê lá se entende. Cada: um sabe de si... E cá a mim não me descandaliza; estou muito avezada a receber maus pagos, pelo bem que quero fazer.

Quando a Joaquina saiu, as duas mulheres ficaram silenciosas, embaraçadas. Aquela visita humilhava-as. A velha tocara numa questão, que se não discute entre mãe e filha. E, depois, já não tinham a cólera desdenhosa com que semanas antes se aplaudiam de repelir as ofertas do Cardoso. Hoje, na sua recusa havia reticências. A Benta sentia um remorso subtil de ter cumprido o seu dever. Porque, enfim, aquele auxílio podia ser a salvação; e... quem sabe, talvez fosse desinteressado? Mas, perdido ele, estava tudo acabado. Desajudadas e sós, naquela honestidade que ninguém lhes agradecia, tinham diante de si a miséria.

E a Benta fixava tristemente os olhos da filha, que ficara na saída para o quintal, de costas voltadas. No quadro luminoso da porta, sobre o azul-claro e rosado do céu de Verão, desenhava-se em negro a figura esbelta da rapariga, com a cabecinha graciosamente pousada sobre os ombros, coroada pela massa espessa dos seus cabelos opulentos. Em volta dela brilhava uma auréola de beleza robusta e sã, de mocidade em folha, que já agora... era todo o seu *capital*.

Os dias corriam. As courelas do Sesmo, vendidas em praça, arrematadas pelos Farias, mal tinham dado para a hipoteca. Estava anunciada a venda dos olivais e da vinha. O Chinha da diligência, na liquidação da letra e de outras continhas, ficava com os carros e as parelhas. Levava mesmo aquela cabra da mula lazã, que tinha causado a morte do Camacho. E várias dívidas mais pequenas surgiam de todos os lados. O Estado entrava também no rol dos credores. Nos últimos tempos, o Camacho, atrapalhado, não pagava nada; e agora apareciam as contribuições, relaxadas, engrossadas pelos três por cento, e pelos seis por cento, e pelas custas, e por outros seis por cento. Em casa da viúva choviam avisos, mandados, citações, contrafés - uns papelinhos impressos, cheios depois com hieróglifos manuscritos.

A mulher não percebia os papelinhos. Nem os hieróglifos, porque nunca ninguém os percebeu; nem mesmo o impresso, porque não sabia ler. Quando lhos liam, quando lhos explicavam, continuava a não perceber. E esta incompreensão aumentava o seu terror. Sentia pesar sobre si uma coisa inexplicável e vaga, como a fatalidade antiga. Julgava-se condenada, perdida - metida em justiça. Esta palavra *justiça*, tão desviada do seu sentido primitivo, aterrava-a, tomava para ela a significação de uma grande máquina, impessoal e dura, contra a qual é impossível lutar; de uma engrenagem, que pega nos pobres e nos pequenos, triturando-os, laminando-os, deixando-os sem fato e sem pele. E, sucumbida, aniquilada, sentada na cadeirinha baixa, as mãos no regaço, via as suas coisas partir uma a uma.

A Rita não sofreu tanto. Reagiu com a sua mocidade alegre e descuidosa. Começou a ir regularmente aos trabalhos do campo; e, nas conversas picantes do rancho, nas noites dormidas de um trago, depois do cansaço do dia, quase não tinha tempo para pensar. Teve, porém, dois grandes desgostos. Um deles foi o abandono do José Severo; um abandono gradual, sem crise e sem explicações. Também, o Severo não lhe devia nada, era apenas um namorado, que pouco a pouco deixou de rondar a rua, e de se demorar na esquina em descantes noturnos. A rapariga não gostava muito dele; teve mais *ferro* do que pena de ser abandonada; mas teve um grande ferro, sobretudo quando uma amiga bem-intencionada a veio prevenir de que o rapaz arrastava agora a asa à Chica Sirgueira.

Mas um desgosto mais fundo do que o abandono do Severo, foi o da venda das suas argolas de ouro. Eram umas argolas grandes, bonitas... muito lindas! que o pai lhe trouxera da feira de Évora. Ninguém as tinha assim na vila, nem as filhas dos ricos. Já no Inverno, depois de vendidas as fazendas e as casas, as Camachas tiveram de vender as argolas, para pagar a renda de uma casita pequena, onde se recolhessem. E a Rita passou uma noite inteira a chorar, soluçando, molhando o travesseirinho com as lágrimas grossas. Gostava muito das suas argolas. Sabia que lhe ficavam bem. Tinha saudades daquelas curvas brilhantes de ouro, acompanhando gentilmente as faces, onde, adiante da orelhinha rosada, a pega do cabelo forte se esbatia e descia em penugem fina.

Depois, a venda das argolas era o seu sacrifício pessoal. Nunca percebera bem a quem pertenciam as fazendas. Julgava-as da mãe. Mas as argolas eram suas. Ao vendê-las sentiu pela primeira vez o toque directo da pobreza. Viu-se, de repente, descer ao nível das moças mais pobres do rancho, daquelas que tinham tombas nas botas, e remendos nas salas.

#### IV

Uma tarde do fim de Janeiro, a Ben ta, sentada ao lume, vigiando a panela onde ferviam os grãos para a ceia, esperava pela Rita. A chuva caía tesa, repenicando

da calçada deserta; apenas alguns moços subiam a rua, voltando da lavoura com as parelhas pela arreata, embrulhados nas mantas, abaixando a cabeça na refrega. Escurecia já, naquele chegar rápido das noites de Inverno, apressado pelo véu cinzento da água, que encurta o horizonte. E, das portas entreabertas, as candeias, que se acendiam, começavam a pôr linhas de reflexos vermelhos nas paredes lustrosas. Ouviu-se agora um ruído de passos, vozes de raparigas despedindo-se; e a Rita entrou a porta, batendo os pés molhados no ladrilho, inclinando para diante o chapéu, donde correu um fio de água.

- Vens molhada? - perguntou-lhe a mãe.

- Encharcada! - respondeu a rapariga de mau humor.

- Leve o diabo a alma à azeitona, mais o tempo que faz.

E, tirando o xale dos ombros, deitando o chapéu para cima da arca, veio sentar-se ao lume. Ficaram caladas. A Rita enxugava-se; levantava as saias até às ligas, pondo no calor da chama as pernas finas e robustas, apertadas nas meias de linha azul, donde começaram a levantar-se pouco a pouco pequeninas nuvens de vapor. Em frente, a Benta, imóvel, olhava para a filha numa hesitação; e, de repente, cobrando ânimo:

- Sabes quem estive cá hoje?... o Sr. João Cardoso.

A Rita ergueu os olhos para ela, e, sem responder, baixou-os lentamente para o lume. Nas brasas via agora o Cardoso tal qual o vira no Verão, na Festa das Moças, gordo, bruto, o beiço pendente, os olhos injetados. Mas a Benta continuou devagar, embaraçada na sua explicação difícil:

- Passou aí já depois do meio-dia... e entrou. Coitado... ele é bom homem. Diz que lhe dava lástima ver a gente assim... tu a trabalhares... sem estares avezada. Queria levar a gente pro monte dele... pra Raposeira. Diz que nos semeava lá a seara... que nos não haveria de faltar coisa nenhuma...

A Rita nunca despregou os olhos das brasas, ouvindo uma a uma as palavras da mãe. Sabia muito bem o que elas significavam - sabia-o claramente, na sua ciência rude e completa de rapariga do campo. Não estranhou que a mãe, a sua própria mãe, lhas dissesse; já não tinha as indignações prontas e altivas do Verão. Estava cansada, muito farta de trabalhar, de molhadelas, de ceifas pobres, de grãos duros, mal cozidos com um fio de azeite. Tinha um quebramento de tudo, uma cobardia, que lhe ia dei indo as repugnâncias e os escrúpulos.

Mas sentiu dentro de si uma resistência - toda a sua mocidade intacta e fresca protestando num calafrio revoltado dos sentidos. Teve como um apego ao ar, ao sol, às festas alegres, onde fosse de cabeça levantada. Pareceu-lhe, de repente, melhor o trabalho, o apanho da azeitona nas grandes encostas lavadas de luz, ouvindo os varejadores cantar, em cima das oliveiras. Lembrou-se do Zé Severo, o ingrato que ia casar com a Chica Sirgueira; e de um moço que ultimamente a namorava, um belo mocito, muito pobre, que andava lá no varejo.

E ficou ali quieta, calada, fitando as brasas. Instintivamente olhou para si: para a saia de batido, rota já, toda esfiada em baixo; para as mangas das roupinhas de chita preta, velhas e ruças, molhadas ainda, coladas sobre o seu bonito braço redondo, esfumado de finos pêlos negros. Viu-se então, como estava naquele dia de festa, muito sécia, muito bem composta. Teve saudades dos lenços de seda, que lhe iam tão bem; e das suas argolas de ouro, vendidas para pagar a renda da casa. Voltou-lhe de repente a pena das suas argolas... muito lindas! uma pena funda de criança a quem quebravam um bonito, tão funda ainda que lhe trouxe de novo as lágrimas aos olhos. Sabia que os lenços, e as argolas, e mais argolas, e vestidos, e cordões, podiam voltar... o Cardoso era muito rico, e muito generoso.

A velha questão surgia ali diante da rapariga, dançava na chama oscilante do lume pobre, luzia nas pequeninas brasas vermelhas, brilhantes no branco das cinzas:... Vender-se! Vender-se para não trabalhar, para comer bem, para ter coisas bonitas, lenços de sedas ou diamantes.

Somente a Rita não sabia o que eram diamantes; e não sabia também que a questão era velha, mil vezes debatida em prosa e em verso, que o seu caso era comum, que ela era apenas... Mais uma! Nem chegava a estabelecer a questão na sua fórmula crua - vender-se. Simplesmente a coisa repugnava-lhe. Vinha-lhe agora um terror de andar nas bocas da gente; do que haviam de dizer; de lhe chamarem a amiga do Cardoso.

Recuava diante esta palavra... a amiga do Cardoso. Voltavam-lhe os escrúpulos de moça honrada. Sentia impulsos de independência arisca. Não... antes trabalhar! Mais valiam os dias chuvosos da azeitona, com o fato repassado na umidade gelada; ou as madrugadas ensonaradas das ceifas, quando às duas horas é necessário saltar para o chão, toda quebrada ainda do cansaço da véspera...

Mas depois começou a pensar nas raparigas suas conhecidas, que viviam bem, nas tolerâncias complacentes da província. Na Zabel Carrasca, que estava com o Sr. Fernandes, muito à sua vontade, na sua casa. E todos a cumprimentavam, todos lhe tiravam o chapéu. Até, as semanas passadas, a tinham ido convidar

para madrinha de um casamento. Na Joana Guerreira, que estava com o doutor Carvalho, um homem casado, e já velho. Justamente, na antevéspera, recolhendo mais cedo da azeitona, tinha encontrado a Joana Guerreira, que voltava do Freixial - a horta do Carvalho.

Vinha muito bonita, no seu xale de lã preta fina, um lenço de seda azul na cabeça, acompanhada pela sua moça, que lhe trazia um cesto de tangerinas. As raparigas do rancho foram-lhe falar, familiares, respeitosas quase, vendo-a tão senhora, com a sua criada.

Pouco a pouco tranquilizava-se. Arquitectava uma moralzinha prática, errada e fácil, feita de maus exemplos. - Era tola! Que lhe haviam de dizer a ela? Nada! Isso era bom para as desgraçadas, como a Gertrudes, que tinha arranjado um filho com um guarda. Mas ela, era diferente - ia para casa do Sr. Cardoso, dez vezes mais rico do que o Fernandes, vinte vezes mais rico do que o Carvalho. E vinha-lhe um respeito instintivo pela riqueza. Obscura e confusamente começava a sentir a força do dinheiro: via os pobres sempre dependentes, sempre inferiores; ouvia aquela frase, tantas vezes repetida num tom de deferência: - Está muito bem!

Como contraste com a sua existência miserável de privações e de trabalho, teve a visão de um futuro, que, para ela, realizava todos os sonhos da opulência: viver no seu monte, servida pelas suas moças, como uma lavradora. Quando viesse à vila, havia de vir no seu carro, muito bem vestida. Talvez encontrasse então a Chica Sirgueira, casada com o Zé Severo, um almocreve, que afinal não passava de um criado de servir. Esta ideia de humilhar a Chica fê-la sorrir para o lume, descobrindo os dentes brancos, em que as brasas puseram uns reflexozinhos vermelhos, cor de sangue.

Pela primeira vez, levantou os olhos e encarou a mãe. Viu-a curvada sobre o lume, rapidamente envelhecida, como apatetada pelos desgostos. E foi ela, a rapariga, quem quebrou o silêncio pesado:

- E vossemecê, mãe, que lhe disse ao Sr. Cardoso?

A velha pareceu acordar, sem perceber a princípio; mas depois:

- Que lhe haveria eu de dizer... nada. Ele diz que passava aí amanhã.

Então a Rita, lentamente, decidida:

- Pois diga-lhe que sim.